

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JOSANY MARIA DE JESUS SILVA

“NÓS” E “A GENTE”: COMPARAÇÃO ENTRE VARIEDADES DO PORTUGUÊS

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2018

JOSANY MARIA DE JESUS SILVA

“NÓS” E “A GENTE”: COMPARAÇÃO ENTRE VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2018

S581n

Silva, Josany Maria de Jesus.

“Nós e “a gente”: comparação entre variedades do Português. /

Josany Maria de Jesus Silva, 2018.

132f.

Orientador (a): Dra. Cristiane Namiuti Temponi.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de

Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2018.

Inclui referência F. 128 – 132.

1. Pronomes “nós” e “a gente”. 2. Distinção de gramáticas. 3. Língua Portuguesa. 4. Uso dos pronomes. I. Temponi, Cristiane Namiuti. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- Graduação em Linguística. T. III.

CDD: 469.5

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: “Nós” and “a gente”: comparison between varieties of portuguese

Palavras-chave em inglês: A gente and nós. Distinction of grammars. Portuguese language.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (Presidente-orientadora); Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva (UESB); Prof. Dr. Danniell da Silva Carvalho (UFBA).

Data da defesa: 08 de março de 2018

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

JOSANY MARIA DE JESUS SILVA

**“NÓS” E “A GENTE”: COMPARAÇÃO ENTRE VARIEDADES DO
PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 08 de Março de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi
(Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Cristiane Namiuti Temponi

Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva
Instituição: UESB

Ass.: Elisângela Gonçalves da Silva

Prof. Dr. Daniel da Silva Carvalho
Instituição: UFBA

Ass.: Daniel da Silva Carvalho

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ser a base de tudo em minha vida;

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB);

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin);

À CAPES, pelo apoio financeiro durante o tempo de pesquisa;

À Professora Dr.^a Cristiane Namiuti Temponi, pelo acompanhamento do trabalho, cuja orientação permitiu que o mesmo fosse concluído com êxito;

Aos membros da banca, Professores Doutores Danniel da Silva Carvalho, Elisângela Gonçalves da Silva, Valéria Viana Sousa e Zenaide de Oliveira Carneiro;

Aos professores que fizeram parte desse percurso de Pós-Graduação;

Aos colegas de curso, em especial às conterrâneas Sirlene e Raiana;

A toda equipe do Laboratório de pesquisa em Linguística de *Corpus* (LAPELINC) e funcionários do PPGLin;

À minha família, pelo apoio e compreensão;

Enfim, agradeço a todos que torceram por mim.

Muito obrigada!

RESUMO

A variação no uso dos pronomes de primeira pessoa plural (1PP) no Português do Brasil (PB) e no Português Europeu (PE), “nós” e “a gente”, foi objeto de diversos trabalhos (OMENA, 1986; LOPES, 1999, 2003; PEREIRA, 2003; RUBIO, 2012; SÓRIA, 2013; VIEIRA, 2014, dentre outros). Tendo como base a teoria gerativa, descrevemos e comparamos o uso dos pronomes de 1PP em amostras de fala popular em *corpora* do PB e do PE. Partimos da hipótese de Namiuti (2012), de que ambos os pronomes, “nós” e “a gente” integram o sistema vernacular brasileiro, ou seja, não competem entre si, sendo a natureza, o comportamento e uso dos pronomes de 1PP no PB diferentes do PE, por ambas as línguas apresentarem um paradigma flexional e sistema de concordância distintos. Contrariamente ao uso de “nós” no PE, em que a função sujeito se associa a verbos flexionados em primeira pessoa do plural ou quarta pessoa do discurso (P4), em variedades do PB o uso do pronome na função sujeito acontece com verbos flexionados na terceira pessoa do singular (P3) e também é utilizado na função de objeto direto e indireto, função não desempenhada pelo pronome no PE que utiliza o pronome clítico "nos" para realizar as funções acusativas e dativas (também em VIEIRA, 2014). Quanto ao uso de "a gente", na comparação dos dados, verificou-se muitas semelhanças, todavia uma diferença a nosso ver relevante é que a concordância com P4 nos dados do PE está na faixa de 24% e nos dados do PB não é atestada no *corpus* de Vitória da Conquista e corresponde a apenas 4% dos dados de Feira de Santana. O sujeito nulo também possui características que distinguem a gramática do PB da gramática do PE. Diversos trabalhos apontam que no PB, ao contrário do PE, o sujeito costuma ser preenchido, sendo esta uma língua orientada para o *tópico* discursivo (PONTES, 1981, GALVES 1993, entre outros). Nesse sentido, adotamos uma metodologia de tabulação dos dados que separa sujeito nulo de primeira menção e sujeito nulo de segunda menção. Essa metodologia revelou, considerando os *corpora* e trabalhos visitados nesta pesquisa, que a morfologia flexional P4 é produtiva nos sujeitos nulos de primeira menção no PE e no PB não existe esta relação. Inferimos, portanto, que, pelo menos em PB, não é possível saber se o sujeito apagado se refere aos pronomes “nós” ou “a gente”. O tempo verbal também mostrou ser um fator importante na preservação da morfologia P4 em PB, comprovando a hipótese de Vieira (2014) de que o presente e o passado perfeito do modo indicativo favorecem a presença do morfema de 1PP (-MOS) no PB, por possuir, como defende Villalva (2003), um paradigma flexional que amalgama as noções de tempo, modo, aspecto, pessoa e número. Fatores como

saliência fônica e grau de determinação do referente também se mostraram importantes na caracterização das gramáticas.

PALAVRAS-CHAVE

A gente e nós. Distinção de gramáticas. Língua portuguesa.

ABSTRACT

The variation in the use of first person plural (1PP) pronouns, "nós" and "a gente", in Brazilian Portuguese (BP) and in European Portuguese (EP) has already been attested in several studies (OMENA, 1986; LOPES, 1999, 2003; PEREIRA, 2003; RUBIO, 2012; SÓRIA, 2013; VIEIRA, 2014, among others). Based on the generative theory, we will present our inquiry results about the use of first-person plural (1PP) pronouns in sample of the popular speech from BP and EP *corpora*. We begin with the hypothesis of Namiuti (2012), that both pronouns "nós" and "a gente" are part of the Brazilian vernacular system, that is, they do not compete with each other, being the nature, behavior and use of 1PP in the BP different from the EP, for both languages to present a different flexional paradigm and concordance system. In EP, the use of "nós" happens in the subject function along with inflected verbs in the first person plural or fourth person of speech (P4), already in BP varieties, the use of the same pronoun in the subject function occurs with third person singular (P3) and it is commonly attested in oblique function (accusative and dative object), while in the EP the clitic pronoun "nos" performs the accusative and dative functions (also in VIEIRA, 2014). Regarding the use of "a gente", in comparing the data, there were many similarities, however a difference in our opinion is that the agreement with P4 in the EP data is in the range of 24% and in the BP data it is not attested in the corpus of Vitória da Conquista and corresponds to only 4% of the data of Feira de Santana. The null subject also has characteristics that distinguish the BP grammar from the grammar of EP. Several papers point out that in BP, unlike EP, the subject is usually filled, being a language oriented to the discursive topic (PONTES, 1981, GALVES 1993, among others). In this sense, we adopted a methodology of data tabulation that separates null subject from first mention and null subject from second mention. This methodology revealed that the flexural morphology P4 is productive in the null subjects of first mention in EP and in BP there is no such relation. We infer, therefore, that at least in BP, it is not possible to know whether the deleted subject refers to the pronouns "nós" or "a gente". The verbal time also showed up to be an important factor in the preservation of the P4 morphology in BP, confirming the Vieira hypothesis (2014) that the present and the perfect past of the indicative mode favors the presence of the 1PP morpheme (BP), as Villalva (2003) argues, has an inflectional paradigm that combines the notions of time, mode, aspect, person and number. Factors such as phonemic salience and determination degree of the referent were also important in characterizing the grammars.

KEYWORDS

A gente and nós. Distinction of grammars. Portuguese language.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Frequência geral de uso <i>nós/ agente</i> FPFS, FPVC e FPPE (formas implícitas e explícitas)	64
GRÁFICO 2	Frequência geral do uso das formas implícitas e explícitas dos pronomes de 1PP	66
GRÁFICO 3	Realização dos pronomes “nós” e “a gente” nas funções sujeito e complementos verbais	68
GRÁFICO 4	Realização dos traços de 1PP na função objeto direto	75
GRÁFICO 5	Tipo de verbo	83
GRÁFICO 6	Realização de “nós” e “a gente” explícitos de acordo com a flexão verbal	90
GRÁFICO 7	Realização dos pronomes sujeito de 1PP explícitos de acordo com o tempo verbal	97
GRÁFICO 8	Realização dos pronomes implícitos e explícitos de acordo com o tempo verbal	104
GRÁFICO 9	Realização conjunta dos pronomes “a gente”, “nós” e “nulos” de acordo com o tempo e a flexão verbal	107
GRÁFICO 10	Saliência Fônica	114
GRÁFICO 11	Grau de determinação do referente	119

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Frequência geral do uso dos pronomes de 1PP (formas implícitas e explícitas)	63
TABELA 2	Frequência geral do uso das formas implícitas e explícitas de "a gente" e nós"	65
TABELA 3	Realização dos pronomes “nós” e “a gente” nas funções sujeito e complementos verbais	67
TABELA 4	Relação do total de sujeitos e complementos realizados pelos pronomes de 1PP	69
TABELA 5	Relação dos pronomes e complementos verbais de acordo com a categoria sintática	70
TABELA 6	Realização dos objetos oblíquos ou dativos	71
TABELA 7	Relação dos objetos oblíquos ou dativos realizados e não realizados lexicalmente	73
TABELA 8	Relação do total de objetos oblíquos ou dativos implícitos e explícitos	74
TABELA 9	Realização dos traços de 1PP na função objeto direto	75
TABELA 10	Frequência geral dos tipos de pronomes sujeito de 1PP	76
TABELA 11	Frequência geral do uso de sujeito de 1PP realizado e não realizado lexicalmente	79
TABELA 12	Distribuição dos sujeitos de 1PP realizados lexicalmente	80
TABELA 13	Relação dos sujeitos de 1PP NÃO realizados lexicalmente	81
TABELA 14	Tipo de verbo	82
TABELA 15	Realização dos pronomes de 1PP de acordo com o tipo de verbo	83
TABELA 16	Relação do total dos pronomes de 1PP de acordo com os tipos de verbo	86
TABELA 17	Relação dos sujeitos de 1PP de acordo com cada categoria verbal	87
TABELA 18	Realização de “nós” e “a gente” explícitos de acordo com a flexão verbal	89
TABELA 19	Relação dos pronomes sujeitos de 1PP com a flexão verbal realizados lexicalmente	93

TABELA 20	Relação do total de sujeito de 1PP com flexões verbais realizados lexicalmente	94
TABELA 21	Relação do sujeito de 1PP realizado lexicalmente em cada categoria de flexão verbal	95
TABELA 22	Realização dos pronomes sujeito de 1PP explícitos com o tempo verbal	96
TABELA 23	Distribuição dos tempos verbais nos dados com pronomes sujeito de 1PP	99
TABELA 24	Relação do total de pronomes sujeito de 1PP de acordo com os tempos verbais realizados lexicalmente	100
TABELA 25	Os pronomes “a gente” e “nós” realizados lexicalmente de acordo com cada categoria de tempo verbal	101
TABELA 26	Realização dos pronomes implícitos e explícitos de acordo com o tempo verbal	103
TABELA 27	Realização conjunta dos pronomes “a gente”, “nós” e “nulos” de acordo com o tempo e flexão verbal	106
TABELA 28	Relação do total de sujeitos de 1PP de acordo com o tempo e a flexão verbal	107
TABELA 29	Relação dos pronomes sujeitos de 1PP de acordo com cada categoria de tempo	109
TABELA 30	Uso de cada sujeito de 1PP de acordo com o tempo e flexão	110
TABELA 31	Saliência Fônica	113
TABELA 32	Relação dos pronomes sujeitos de 1PP de acordo com cada categoria de saliência	116
TABELA 33	Grau de determinação do referente	117
TABELA 34	Relação dos pronomes de 1PP de acordo com cada categoria de referente	120
TABELA 35	Faixa Etária	122
TABELA 36	Relação do total dos pronomes de 1PP de acordo com a faixa etária	123

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

1PP	Primeira Pessoa Plural
3PP	Terceira Pessoa Plural
3PS	Terceira Pessoa Singular
DE	Desenvolvimento Estrutural
DOC	Documentador
EP	Estrutura Profunda
ES	Estrutura Superficial
FF	Forma Fonética
FL	Forma Lógica
FL ₀	Faculdade da Linguagem Inicial
FPFS	Fala Popular de Feira de Santana
FPPE	Fala Popular do Português Europeu
FPVC	Fala Popular de Vitória da Conquista
GGT	Gramática Gerativo-Transformacional
Inf.	Informante
Inq.	Inquérito
GU	Gramática Universal
Língua-E	Língua Externa
Língua-I	Língua Interna
Ocorr.	Ocorrências
P&P	Princípios e Parâmetros
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PLD	Dados Linguísticos Primários
PM	Programa Minimalista

P3	Terceira Pessoa Pronominal
P4	Quarta Pessoa Pronominal
TRL	Teoria da Regência e da Ligação
[øpl]	Singular
[+pl]	Plural
[+eu]	Primeira Pessoa
[-eu]	Segunda Pessoa
[øeu]	Terceira Pessoa
[+ EU]	Primeira Pessoa Semântico-Discursiva
[ØEU]	Terceira Pessoa Semântico-Discursiva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS GERATIVISTAS.....	19
2.1 Princípios e Parâmetros e a Sintaxe gerativa.....	20
2.1.2 Breves considerações sobre o Programa Minimalista	22
2.2 Variação e mudança linguística segundo o Gerativismo	23
2.3 O papel da flexão e da concordância na mudança do paradigma pronominal no PB25	
3. PARA ENTENDER "A GENTE" E O FENÔMENO EM ESTUDO	28
3.1 Definição de pronome segundo alguns dicionaristas e gramáticos	28
3.2 Definição do termo “gente” de acordo com alguns dicionaristas.....	32
3.3 Percurso histórico do sintagma nominal “a gente”: do nome ao pronome.....	34
3.4 O uso variável de “nós” e “a gente”	40
4. CORPORA e METODOLOGIA	42
4.1 Corpora utilizados	42
4.2 Metodologia utilizada	43
4.2.1 Contextos de ocorrência dos pronomes "nós" e "a gente" (variável dependente).....	44
4.2.2 Variáveis independentes	48
4.2.3 Feira de Santana e Vitória da Conquista	61
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	63
5.1. Funções em que os pronomes de 1PP ocorrem	67
5.2 Os pronomes “nós” e “a gente” nas funções de complemento e adjunto	71
5.3 Os pronomes “nós” e “a gente” na função sujeito.....	76
5.4 Fatores que caracterizam o uso dos pronomes de 1PP na função sujeito	82
5.4.1 Tipo de verbo	82
5.4.3 Tempo e modo verbal.....	96

<i>5.4.4 Tempo e flexão verbal</i>	105
<i>5.4.5 Saliência fônica</i>	113
<i>5.4.6 Grau de determinação do referente</i>	118
<i>5.4.7 Faixa etária</i>	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	128

1. INTRODUÇÃO

Os pronomes “nós” e “a gente” são muito utilizados tanto no Português Brasileiro (PB) quanto no Português Europeu (PE). Por esse motivo, desde Omena (1986), o uso variável dos pronomes de 1PP vem sendo alvo de estudos de diversos pesquisadores (LOPES, 1999, 2003; SÓRIA, 2003; BORGES, 2004; RUBIO, 2012; dentre outros).

A forma pronominal "nós", na Língua Portuguesa, é a forma mais antiga sendo a forma "a gente", com valor pronominal, recente na história da língua. Lopes (2003) afirma que, do século XIX ao século XX, houve aceleração do uso pronominal de “a gente” no português do Brasil (PB). A autora, analisando a cronologia do sintagma nominal “a gente” na história da língua, observa a ocorrência da forma pronominal a partir do século XVIII. Antes desse período, já no século XVI, aparecem raros exemplos da forma “a gente” com “ambiguidade interpretativa”, ou seja, o termo poderia ser interpretado tanto em sua forma substantiva quanto em sua forma pronominal.

A forma “a gente” origina-se do substantivo latino *gēns, gentis*, que significa gente, raça, espécie, família, nação, povo. Para Borges (2004), a forma original traz um caráter coletivo que se encontra na palavra “gente” mantendo, contemporaneamente, as particularidades do substantivo latino no campo semântico. Segundo o autor, as transformações do substantivo genérico – “gente” – associado ao uso junto do artigo, formando “a gente”, no decorrer do tempo histórico, passa a ter valor de pronome indefinido e posteriormente, na linha do tempo, de pronome pessoal. Houve, nesse percurso, diversas possibilidades de uso do Sintagma Nominal “a gente” até que o mesmo fosse restrito ao uso na forma singular em variação com o pronome "nós", mantendo os mesmos traços e características da forma pronominal do caso reto – "nós" – em PE.

Embasado pela perspectiva teórica gerativista, esse trabalho tem por objetivo investigar o uso dos pronomes "nós" e "a gente" em amostras da língua falada no Brasil e em Portugal a partir de uma análise quantitativa e qualitativa do uso dos pronomes mencionados. Para isso, investigamos três *corpora*, sendo dois do PB¹: 1) Fala Popular de Feira de Santana (FPFS) correspondente à comunidade de Paraguaçu-BA e 2) Fala Popular de Vitória da

¹ Os *corpora* do PB são de acesso restrito. O *corpus* de Fala Popular de Feira de Santana (FPFS) – comunidade de Paraguaçu, BA – está publicado no volume III da "Coleção: Amostras da língua falada no semi-árido baiano", *corpus* ao qual tivemos acesso no Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* – LAPELinc – UESB. O *corpus* de Fala Popular de Vitória da Conquista (FPVC) – comunidade de Vitória da Conquista, BA – também se encontra disponível no LAPELinc – UESB.

Conquista (FPVC) correspondente à comunidade de Vitória da Conquista–BA, e um do PE: 3) Fala Popular do Português Europeu (FPPE), cujos informantes foram selecionados de cinco regiões do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (Cordialsin)*².

Para essa pesquisa, sob a perspectiva da gramática gerativa, pode-se inferir que a mudança na categoria gramatical do sintagma nominal “a gente” ao passar de substantivo coletivo a pronome, assumindo várias funções na sentença como, sujeito, objeto, adjunto, etc. comprova sua gramaticalização. Essa transformação, por ser de natureza gramatical, está contida em uma mudança que, em termos teóricos, implica mudança paramétrica regida pela relação entre o ambiente linguístico e a capacidade inata³ na aquisição da linguagem pelos falantes de “a gente” pronome pessoal.

O uso de “nós” e “a gente” é, em PE, exclusivo das funções sujeito e de algumas funções oblíquas, tais como o agente da passiva: [...] *essas lãs [...] são pintadas por nós*, (Inq. 0023, faixa 1, mulher, FPPE), sendo agramatical o uso desses pronomes na função acusativa.

Todavia, em algumas variedades do PB os pronomes lexicais de primeira pessoal plural “nós” e “a gente” podem ser utilizados na função acusativa: [...] *tomar o que nós tem, deixar nós com fome* (Inq. 550, faixa 1 mulher, FPVC) [...]; *só Deus quem ia salvar a gente* [...] (Inq. 0349, faixa 3, mulher, FPFS. Tal fato novo é pouco considerado nos estudos que buscam compreender o uso dos pronomes e a natureza de sua variação em PB. Nesse sentido, um estudo comparativo do uso dos pronomes “nós” e “a gente” ainda é importante pauta nos estudos gramaticais e esta dissertação traz um novo olhar sobre o fenômeno da variação “nós” e “a gente” em variedades do português. Para a investigação da variação dos pronomes de primeira pessoa plural (1PP), partimos da hipótese de Vieira e Namiuti (2012) de que ambos os pronomes (“nós” e “a gente”) integram o sistema vernacular de pronomes do PB, ou seja, convivem numa mesma gramática, sendo a existência dos pronomes “nós” e “a gente”, no paradigma de pronomes do vernáculo brasileiro, caracterizado por um paradigma flexional e um sistema de concordância distintos do Português Europeu (PE). A variação encontrada no PE revela a existência de pronomes de primeira pessoa plural (1PP) com características distintas dos pronomes de 1PP do Português Brasileiro (PB), sendo as formas “nós” e “a gente” possibilidades gramaticais de realização desses pronomes em ambas as gramáticas, porém com características e comportamentos distintos. A variação encontrada no Brasil, por

² *Corpus* de livre acesso, disponível na internet.

³ A capacidade inata da linguagem é modelada na teoria Gerativa pelo postulado da Gramática Universal (GU), que, por sua vez, é teoricamente modelado em Princípios e Parâmetros universais, sendo os Princípios com valor imutável e os Parâmetros com valor aberto para ser especificado na aquisição da linguagem.

vezes, pode ser explicada por opções disponíveis em uma mesma gramática que gera "Nós/A gente sorri" e "João viu nós/a gente"; por vezes, reflete a competição de gramáticas, no sentido gerativista do termo, entre o vernáculo brasileiro do PB e uma gramática culta, baseada no PE e difundida na escola; tal competição gera uma variação derivada da oposição "Nós sorrimos"/"A gente sorri"/ "João nos viu" vs. "Nós/A gente sorri". Nesse sentido, defendemos as seguintes hipóteses: (1) Concordando com a hipótese de Namiuti (2012) e Vieira (2014), postulamos que o pretérito perfeito, por carregar as noções de tempo e modo, além dos traços de pessoa e número (VILLALVA, 2003), é o contexto em que a morfologia "MOS" se mantém fortemente no PB; (2) consoante Namiuti (2017), o morfema "MOS", no PE, ao contrário do PB, é atestado em tempos em que o paradigma morfológico de tempo é separado do paradigma morfológico de concordância, caracterizando um paradigma de tempo e concordância fortes; (3) postulamos ainda que a concordância e a flexão verbal constituem um ponto de grande distanciamento entre ambas as gramáticas; (4) que a variável saliência fônica é um fator importante para o condicionamento do uso dos pronomes de 1PP "nós" e "a gente" que diferencia as gramáticas do PE e do PB; e, (5) que o grau de determinação do referente influencia e/ou justifica o uso dos pronomes de 1PP.

O presente trabalho está dividido em cinco seções, além das considerações finais:

Nesta **seção 1**, "introdução", fizemos um apanhado geral do trabalho, pontuando sua relevância e o que esperamos alcançar.

Na **seção 2**, "pressupostos teóricos gerativistas", para fundamentar a pesquisa, faremos algumas considerações sobre os Princípios e Parâmetros, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2009) e sobre a variação e mudança linguística segundo o gerativismo (KROCH, 2003) dentre outros, e abordaremos sobre o papel da flexão e da concordância na mudança gramatical que afetou o paradigma pronominal do PB.

Na **seção 3**, "para entender 'a gente' e o fenômeno em estudo", apresentaremos um breve levantamento, segundo alguns autores, do significado do termo "pronome" e do termo "gente" para, logo após, abordarmos o percurso que transformou o sintagma nominal "a gente" no pronome "a gente" e seu uso variável com o pronome "nós".

A **seção 4**, "*corpora* e metodologia" contém informações sobre os *corpora* analisados e os procedimentos metodológicos realizados para alcançar os resultados.

Na **seção 5**, "análise e discussão dos resultados", apresentaremos os resultados das análises quantitativas e qualitativas na variação dos pronomes "nós" e "a gente" nos *corpora* analisados.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS GERATIVISTAS

O Gerativismo, cujo principal representante é Noam Chomsky, teve seu marco inicial no final da década de 50, mais precisamente em 1957. A teoria gerativa, em primeira instância, surgiu como resposta ao modelo behaviorista que, na área da Linguística, tinha como principal destaque o linguista Leonard Bloomfield. Esse modelo interpreta a linguagem humana como “um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de hábitos, gerado como resposta a estímulos e fixado pela repetição” (KENEDY, 2008, p. 128).

Para Chomsky, a criatividade é a principal característica “do comportamento linguístico humano”. Dessa forma, não há espaço para um modelo cuja característica se baseie em “uma resposta completamente previsível a partir de um dado estímulo” como o Behaviorismo propunha (KENEDY, 2008, p. 129).

Com isso, a partir do Gerativismo, a língua passou a ser interpretada como faculdade natural da mente. A teoria gerativa se preocupa com os mecanismos mentais utilizados para produção e compreensão da linguagem e, segundo Chomsky, todos os falantes têm em comum os mesmos mecanismos para produção e compreensão de sentenças.

De acordo com Chomsky (2009)⁴, o falante conhecedor de uma língua tem a capacidade de atribuir estruturas superficiais e profundas a um número de sentenças infinitas, relacionando-as adequadamente e atribuindo-lhes uma interpretação tanto semântica quanto fonética. Nesse sentido, o autor afirma que

[...] A *gramática* de uma língua é um sistema de regras que determina certo acoplamento de som e significado. É composta por um *componente sintático*, um *componente semântico* e um *componente fonológico*. O componente sintático define certa classe (infinita) de objetos abstratos (P, S), onde P é uma *estrutura profunda* e S , uma *estrutura superficial*. A estrutura profunda contém toda a informação relevante para a interpretação semântica; a estrutura superficial, toda a informação relevante para a interpretação fonética. Os componentes semântico e fonológico são puramente interpretativos. O primeiro atribui interpretações semânticas às estruturas profundas; o segundo atribui interpretações fonéticas às estruturas superficiais. (CHOMSKY, 2009, p. 209)

A gramática gerativa é, pois, esse sistema mediado por “regras do componente sintático” que relacionam interpretações fonológicas e semânticas, isto é, som-significado de uma dada língua. Tal teoria tem por princípio o fato de que com um número finito e bastante reduzido de elementos é possível gerar um número infinito de frases gramaticais. Segundo

⁴ Essa é a terceira edição da obra original: CHOMSKY, Noam. *Language and Mind*, 1968.

Chomsky (2009, p. 256) “a criança deve adquirir uma gramática gerativa de sua língua com base numa quantidade razoavelmente limitada de dados”.

Chomsky (1995) afirma que a preocupação básica do estudo da gramática gerativa

consiste em determinar e caracterizar as capacidades linguísticas de indivíduos particulares. Preocupamo-nos assim com estados da faculdade da linguagem, entendidos como constituindo alguma série de características e capacidades cognitivas, uma componente particular da mente/cérebro humanos. A faculdade da linguagem possui um estado inicial, geneticamente determinado; no decorrer normal do desenvolvimento, passa através de uma série de estados na primeira infância, alcançando um estado firme relativamente estável que sofre poucas alterações posteriores, com exceção do léxico. Numa primeira aproximação razoável, o estado inicial parece ser uniforme para a espécie. Adaptando termos tradicionais a um uso especial, chamamos à teoria do estado alcançado a *gramática* (desse estado), e à teoria do estado inicial a *Gramática universal* (UG)”. (CHOMSKY, 1995, p. 52)

A hipótese da GU é sustentada através de um trabalho empírico de comparação entre línguas, que procura estabelecer regularidades e princípios que a explique. Essa hipótese é evidenciada também através do estudo da aquisição da linguagem na criança.

A teoria dos Princípios e Parâmetros procura explicar as semelhanças entre línguas através de princípios universais com valor marcado (que não varia de língua para língua) e as diferenças entre elas pelos parâmetros, também universais, porém marcados/valorados apenas na fase da aquisição, sob a exposição dos dados da língua do ambiente da criança. A sintaxe gerativa é uma área importante para o desenvolvimento dessa teoria.

Na próxima seção, abordaremos, brevemente, sobre a teoria dos Princípios e Parâmetros e sobre a sintaxe gerativa.

2.1 Princípios e Parâmetros e a Sintaxe gerativa

Chomsky (1995; 2009) afirma que existe um modelo formal de língua que representa a estrutura da mente de todo falante. Esta estrutura pode ser generalizada de forma a tornar possível um estudo científico da linguagem, cujo propósito seja entender tanto o funcionamento da mente quanto o processo de aquisição da linguagem.

Para o autor, qualquer criança que não seja portadora de problemas patológicos consegue aprender e processar rapidamente a língua materna, sem que isso nunca lhe tenha sido ensinado, formando novas sentenças e sendo capaz de distinguir sentenças gramaticais de sentenças agramaticais. Essa capacidade é inerente a todas as pessoas independente da língua.

Com base nessas predisposições linguísticas, conforme mencionado anteriormente, foi fundamentado o conceito de Gramática Universal (GU). Chomsky (1995) afirma que, dentro

da faculdade da linguagem inicial (FL₀) existem dois tipos de princípios – rígidos e abertos – adquiridos no decorrer do desenvolvimento da fala. Assim sustenta o autor:

a UG em FL₀ contém dois tipos de princípios: princípios rígidos e princípios <<abertos>>, com dois valores possíveis, e que só são <<ligados>> (como um interruptor elétrico) no decurso do desenvolvimento de FL₀. A <<escolha>> de uma posição particular, por sua vez, é determinada de <<fora>>, pelos dados linguísticos particulares a que a criança é exposta. (CHOMSKY, 1995, p. 21)

Tal modelo foi denominado de Princípios e Parâmetros (P&P). Princípios se refere ao que existe universalmente em comum nas línguas, e Parâmetros, por sua vez, alude às variações existentes de uma língua para outra. É atribuída aos parâmetros a responsabilidade pela existência de línguas distintas tipologicamente, tal como propõe Chomsky (1995, p. 44-45).

O autor afirma também que existe um número finito de Princípios e Parâmetros. Por outro lado, a língua-I gera um conjunto de expressões infinitas, cuja teoria “consiste numa especificação *intensional* das suas propriedades gramaticais (princípios, parâmetros, etc.)”. De forma extensional “a língua-I gera expressões complexas, articuladas em vários <<níveis>> de representação linguística, e a que podemos chamar *Descrições Estruturais* (DEs).” Essas DEs dentro da teoria P&P são a representação de quatro níveis simbólicos: “{*Estrutura-D, Estrutura-S, PF* (Forma Fonética), *LF* (Forma Lógica).” (CHOMSKY, 1995, p. 18)

Chomsky (1995) chama a atenção para não confundir os termos ligados ao Desenvolvimento Estrutural (DE). Assim, o autor afirma que

Não se deve confundir o conjunto das DEs, ou seja, das expressões geradas extensionalmente pela língua-I, e que consistem [...] num conjunto de *representações* linguísticas, com a noção <<externa>> (também extensional) de língua-E, caracterizada como o conjunto das frases <<gramaticais>> de uma língua, enquanto objeto sociológico, <<externo>>. As DEs, ainda que geradas extensionalmente, são tão <<internas>> quanto o procedimento generativo (intencional definido) que as gera. Quanto à língua-E, é um objecto <<indecidável>>, com um estatuto ontológico bastante duvidoso.” (CHOMSKY, 1995, p. 18)

Dessa forma, apesar de seu caráter externo, o conjunto das DEs é interno à língua no sentido de que é a partir da língua-I que qualquer expressão linguística é gerada.

A linguística gerativa compara as línguas humanas em seus aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos para assim “descrever os Princípios e os Parâmetros da GU que subjazem à competência linguística dos falantes, para, assim, poder explicar como é a Faculdade da Linguagem.” (KENEDY, 2008, p. 140)

Segundo Kenedy (2008), é nas estruturas sintáticas que mais se percebe as semelhanças entre as línguas humanas, por esse motivo é na área da sintaxe que são mais desenvolvidas as pesquisas ligadas à teoria de Princípios e Parâmetros.

A Sintaxe Gerativa é a parte do Gerativismo que se interessa em estudar as regras sintáticas que estão presentes e compõem as mais diversas línguas humanas. É objetivo do sintaticista gerativista “descrever quais são as regras de uma língua que geram estruturas sintáticas gramaticais e, ao mesmo tempo, impedem a geração de estruturas agramaticais”. (KENEDY, 2015, p. 14)

Nessa descrição, a Teoria de Princípios e Parâmetros se faz necessária para explicar fenômenos sintáticos universais e suas variações de uma língua para outra, uma vez que, segundo essa teoria, todas as línguas possuem base comum (GU). Assim afirma Kenedy:

Na Sintaxe Gerativa, assume-se que, enquanto os Princípios são invariantes e, assim, fazem parte da cognição humana mesmo antes de sua experiência linguística, os Parâmetros da GU, por sua vez, precisam ser formatados durante o processo de aquisição da linguagem. A necessidade de formatar os Parâmetros da GU e, desse modo, criar o conhecimento de uma língua específica, é, por assim dizer, motor principal da aquisição da sintaxe do português, do japonês ou de qualquer língua natural. A aquisição de Parâmetros pode ser entendida como uma espécie de escolha entre opções de configurações sintáticas preexistentes na GU.” (KENEDY, 2015, p. 16)

Dessa forma, a Sintaxe Gerativa, ao analisar diferentes línguas humanas, tem por objetivo estudar a aplicação das regras do componente sintático presente nas mais variadas línguas caracterizando o que é universal e o que é particular em cada uma delas.

2.1.2 Breves considerações sobre o Programa Minimalista

Chomsky (1995), em sua obra denominada *The Minimalist Program*, explica quais são as vertentes do Programa e quais são suas ideias chaves, afirmando que

Podemos dizer que o PM possui duas vertentes: uma vertente *teórica*, assente numa filosofia particular da mente e das relações com a linguagem, e uma vertente *metodológica*, assente numa disciplina conceptual estrita. Nos dois casos, a ideia chave é a mesma: remover do modelo aquilo que não é estritamente necessário, quer do ponto de vista da inserção da linguagem na mente e dos seus mecanismos internos quer do ponto de vista da <<parcimónia>> do próprio modelo. Na sua vertente teórica o PM pergunta até que ponto é que existem bases empíricas para uma concepção <<mínima>> da linguagem, isto é, reduzida àquelas propriedades que são conceptualmente necessárias, e sem as quais o objecto estudado não poderia ser uma linguagem humana. Na sua vertente metodológica, o PM procura simplificar análises, eliminar estipulações descritivas e outras soluções de

<<engenharia linguística>>, e abordar problemas perenes de frente, sem rodeios. (CHOMSKY, 1995, p. 23-24)

Segundo Guimarães (2015), “a Sintaxe Minimalista é uma maneira de fazer teoria e análise sintática no quadro teórico da Gramática Gerativo-Transformacional (GGT).” O quadro teórico e o objeto de estudo são o mesmo da GGT, já que se trata apenas de um programa de pesquisa que visa construir “modelos formais simples”, isto é, o PM “é uma tentativa de ‘enxugar’ a GGT, tornando-a mais genuinamente explicativa.” (GUIMARÃES, 2015, p. 27)

Uma “questão básica de arquitetura geral da gramática” que foi objeto de “redução” no PM e faz parte da Teoria da Regência e Ligação (TRL) é que “toda sentença possui quatro níveis de representação” com combinações de itens lexicais: Estrutura-Profunda (EP), Estrutura-superficial (ES), Forma Lógica (FL) e Forma Fonética (FF). Os dois primeiros níveis são internos à gramática e os dois últimos “fazem interface com outros sistemas cognitivos cujas existências são independentemente motivadas.” (GUIMARÃES, 2015, p. 28)

O que o PM faz, nesse caso, é reduzir a arquitetura da gramática, retirando dela os “níveis de representação interno” e passando a possuir apenas os níveis “que fazem interface com sistemas extragramaticais (por hipótese: um para som (ou gestos), outro para significado)”. Nesse sentido a arquitetura da gramática passaria a ter “combinação de itens lexicais como Forma Lógica (FL) e Forma Fonética (FF)”. (GUIMARÃES, 2015, p. 28-29)

No PM há a ideia de que “todas as condições de boa-formação de estrutura se seguem ou de demandas dos níveis de interface – tomadas como condições de legibilidade – ou de princípios de economia derivacional do ‘sistema computacional’ construtor de estrutura”. A gramática possui apenas os mecanismos necessários para uma construção que requer o mínimo de custo operacional de “estruturas interpretáveis pelos sistemas de desempenho.” (GUIMARÃES, 2015, p. 29)

2.2 Variação e mudança linguística segundo o Gerativismo

Para a teoria gerativa, a variação tem características universais. Os parâmetros, que estão inseridos na GU, possuem propriedades que estão previstas e são adquiridas no *input* linguístico. Nesse quadro, estruturas superficialmente iguais podem refletir estruturas subjacentes diferentes produzidas por gramáticas distintas e estruturas superficialmente

diferentes podem ser produzidas por uma mesma gramática.⁵ Assim, a variação no uso de diferentes formas, instanciada nas línguas naturais, pode refletir estruturas produzidas por uma mesma gramática ou por gramáticas distintas em uma situação de competição gerada por um bilinguismo psíquico e/ou sociolinguístico causado por uma mudança gramatical. De acordo com Kroch (2003), “dados os pressupostos da gramática gerativa, a variação em sintaxe que corresponde à fixação de oposições para parâmetros sintáticos deve refletir a co-presença num falante ou numa comunidade de fala de gramáticas mutuamente incompatíveis”. (2003, p. 30)

Para Lightfoot (1999), a mudança linguística acontece na infância. Nesse período, há uma reanálise das formas gramaticais adquiridas no meio externo. O autor afirma que

The natural way for linguistic to think of this is that different childhood experiences, different sets of primary linguistic data (PLD), sometimes cross thresholds, which entails that the system shifts, and that a new grammatical property results. So the inventory of variable properties constitutes the set of fixed point attractors. This provides a productive way of understanding what happens in grammatical change and supports the viability of thinking of a small number of parameter setting as defining the structurally stable systems which we call grammars. We shall see in a moment that linguistic variation is typically not a matter of free variance, but rather oscillation between two fixed points of divergence.⁶ (LIGHTFOOT, 1999, p. 91).

⁵Galves, Namiuti, Paixão de Sousa (2006) no artigo *Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa* apresentam exemplos da ordem relativa entre verbos e pronome átono (clítico):

(i) *Deus **julga-nos** a nós por nós; os homens **judgam-nos** a nós por si.* [p. 170].

(ii) *O espírito é como vento, com o mesmo com que uns vão para cima, vão outros para baixo; eu **acho-me** bem em caminhos chãos, ainda que me seja preciso vadear serras e meter debaixo dos pés os montes* (Chagas, 1631).

(iii) *Ele **me disse** que pasmava como lhe abastava o que tinha* (Sousa, 1554)

A próclise e a ênclise em orações raízes introduzidas por um sintagma nominal sujeito são ordenações possíveis em todas as fases da língua portuguesa, todavia cada uma das ordens se associa a estruturas gramaticais diferentes em cada uma das três gramáticas correspondentes aos períodos representativos do português antigo (PA), do português médio (PM) e do português europeu moderno (PE). O exemplo de ênclise do PM em (i) encontra uma estrutura superficial equivalente no PE, exemplo (ii), todavia as estruturas aparentemente iguais relacionam-se a estruturas gramaticais subjacentes distintas. Segundo as autoras, no PM a ênclise é condicionada por uma restrição sintático-prosódica que bloqueia o pronome em primeira posição em um sintagma entoacional, já no PE a ênclise é condicionada por restrição sintática no domínio da flexão verbal. Por outro lado, a próclise é possível no PM no mesmo contexto superficial atestado para ênclise, exemplo (iii), mas, de acordo com Galves, Namiuti e Paixão de Sousa, não são estruturas produzidas por gramáticas distintas pelo menos no período de estabilidade gramatical, que associa a próclise a uma estrutura gramatical subjacente diferente da estrutura da ênclise, mas produzida pela mesma gramática do PM.

⁶ A maneira natural de pensar linguística é que diferentes experiências de infância, diferentes conjuntos de dados linguísticos primários (PLD), às vezes cruzam limiares, o que implica que o sistema muda, e que uma nova propriedade gramatical resulta. Assim, o inventário de propriedades variáveis constitui o conjunto de atratores de ponto fixo. Isso fornece uma maneira produtiva de entender o que acontece na mudança gramatical e suporta a viabilidade de pensar em um pequeno número de parâmetros como definindo os sistemas estruturalmente estáveis que chamamos gramáticas. Veremos em um momento que a variação linguística não é tipicamente uma questão de variação livre, mas antes uma oscilação entre dois pontos fixos de divergência. (tradução – google tradutor)

A mudança linguística, à luz do Gerativismo, acontece, portanto, quando há alteração na fixação de um parâmetro, ocasionando competição de gramáticas em um ambiente heterogêneo. Assim, a variação é gerada de uma reanálise na fixação de um parâmetro da gramática G1 que gera a gramática G2 e esta, por sua vez, entra em competição com a G1 refletindo a competição entre a gramática vernacular e a conservadora (MARTINS, 2009).

Segundo Kroch (2003), os estudos da mudança sintática, atualmente, se formulam sobre o ponto de vista da aquisição da linguagem, ou seja, a mudança acontece devido a falhas nos traços linguísticos adquiridos na infância que se prolongam através dos tempos. No entanto, as mudanças gramaticais que ocorrem no curso da aquisição, na verdade, são observadas nos dados em variação progressiva com formas antigas na linha do tempo de uma língua. O autor afirma que “No nível da sintaxe, o quanto as línguas mudam durante certo período de tempo varia tremendamente, tanto de língua para língua quanto dentro da história de uma mesma língua” (KROCH, [2001] 2003, p. 1). Uma força atuante para que a mudança sintática aconteça é o contato linguístico, pois o contato produzirá dados conflitantes que levará a criança a marcar seus parâmetros de forma diferente de seus pais.

Estamos de acordo com Kroch (2003) e assumimos, em consonância com o autor, que a mudança sintática acontece na infância de forma abrupta, na aquisição da linguagem, através do ambiente linguístico.

Vários autores localizam na flexão e concordância verbal do PB o cerne da mudança gramatical ocorrida nesta língua que a distanciou do PE. Com a finalidade de entender melhor a mudança ocorrida no PB com a inserção de novos pronomes, na próxima seção, faremos uma breve abordagem sobre o papel da flexão e da concordância.

2.3 O papel da flexão e da concordância na mudança do paradigma pronominal no PB

Segundo Galves (1993, p. 395), a principal consequência dos postulados da teoria de Princípios e Parâmetros para os estudos diacrônicos é que o conjunto de fenômenos atestando uma mudança deve ser explicado por uma só causa profunda. A autora, buscando localizar a mudança profunda que deu origem às mudanças superficiais no PB, propôs ser o enfraquecimento do morfema de concordância⁷ presente na flexão verbal do PB a mudança profunda que afetou a gramática da língua no Brasil, demonstrando que tal mudança na

⁷ De acordo com Galves (1991) é fraca a concordância de uma língua em que não se encontra uma oposição entre 1ª, 2ª e 3ª pessoa, mas apenas uma oposição entre pessoa e não pessoa, ou seja, 1ª/3ª pessoa, aliada a uma oposição singular e plural, como é o caso, segundo a autora, do PB.

caracterização do morfema “acarreta uma reestruturação da oração subjacente a todas as mudanças superficiais” (GALVES, 1993, p. 388).

Argumenta-se que o enfraquecimento da flexão verbal no PB pode estar relacionado à perda da oposição dos pronomes *Tu/você* de 2ª pessoa e 3ª pessoa respectivamente, à entrada de “a gente” no quadro pronominal e ao uso do pronome “nós” concordando com verbos na 3PS.

Assumimos, juntamente com Galves (1993), ser o enfraquecimento da concordância verbal um fator importante que contribuiu para a mudança profunda da gramática da língua no PB.

Duarte (1995), por exemplo, postula que a introdução dos novos pronomes reduziu o quadro de flexão verbal e teve como consequência a redução de sujeitos nulos, ou seja, ao substituir o pronome *tu* e *vós* por *você* e *vocês*, e inserir “a gente” no quadro pronominal de 1PP, o PB perde características da língua *pro-drop*.

Duarte (1995), parafraseando Roberts (1993), afirma que

[...] o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente “rica” para tal processo (DUARTE, 1995, p. 141).

A autora enfatiza que antes havia seis padrões de flexão verbal (exemplo 1), e que, com a inserção de novos pronomes, o padrão de flexão verbal atual no PB se reduz para três (exemplo 2) e dois (exemplo 3).

1: Padrão antigo de flexão

Eu falo

Tu falas

Ele/ela fala

Nós falamos

Vós falais

Eles/elas falam

2: Padrão atual de flexão

Eu falo

Você, ele/ela, a gente fala

Vocês, eles/elas falam

3: Padrão atual de flexão no pretérito imperfeito

Eu, Você, Ele/ela, a gente falava

Eles/elas falavam

Segundo Duarte (1993, 1995, 2003), o quadro reduzido de flexão verbal no PB impossibilitou a recuperação do sujeito e, como consequência, houve maior necessidade de preenchimento do sujeito pronominal.

Lucchesi (1998, 2001, 2009) afirma que, além da inserção de novos pronomes no quadro pronominal, o enfraquecimento da morfologia verbal ocorreu devido ao reflexo da transmissão linguística irregular, ocasionada pelo contado entre línguas no período colonial. O autor justifica sua posição afirmando que na fala popular há maior redução na flexão verbal mesmo quando se mantém o uso dos pronomes *tu* e *nós*.

Quadro 1: Flexão verbal de pessoa e número no português popular brasileiro

eu trabalho
você ~ tu trabalha
ele trabalha
nós ~ a gente trabalha ~ trabalhamo(s)
vocês trabalham ~ trabalha
eles trabalham ~ trabalha

Fonte: Adaptada de Lucchesi (2009, p. 175.)

A flexão verbal foi um dos pontos fundamentais na distinção entre a gramática do PE e do PB, como comprovaremos, mais adiante, em nossos resultados.

Com o intuito de entender melhor o processo que levou o sintagma nominal “a gente” a se transformar no pronome “a gente” e verificar se ainda é possível defender a hipótese de que a inserção do novo pronome seria um dos gatilhos da mudança na flexão e concordância verbal do PB, na próxima seção, abordaremos o percurso histórico do “a gente”, segundo alguns autores.

3. PARA ENTENDER "A GENTE" E O FENÔMENO EM ESTUDO

O termo “gente” possui o mesmo sentido coletivo adquirido em sua origem latina (*gens, gentis*). Nesta seção, faremos o percurso histórico do sintagma nominal “a gente” até se tornar o pronome “a gente”. Para isso, começaremos conceituando “pronome” segundo alguns dicionários e gramáticas; em seguida, conceituaremos o termo “gente” de acordo com alguns dicionários; logo após, adentraremos para a gramaticalização do sintagma nominal “a gente” para, no final, abordarmos sobre o uso variável de “nós” e “a gente”.

3.1 Definição de pronome segundo alguns dicionaristas e gramáticos

Aulete (1881), em seu *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*, define pronome como “palavra que na oração faz as vezes de nome”. O autor considera como pronome os chamados pessoais uma vez que “os chamados demonstrativos, interrogativos e possessivos são antes adjectivos, porque sempre se lhes pôde juntar o nome”. O autor segue afirmando que

são também considerados como pronome as palavras *alguem, ninguem, quem, outrem, cada um, tudo, nada, isto, isso, aquillo, al, tanto, quanto, ainda que impropriamente*, porque n'estas formas está incluído já com o adjectivo um determinado substantivo (homem nas primeiras cinco e coisa nas outras), devendo antes chamar-se substantivos indeterminados ou innominados porque não têm artigo e se não nomeia a pessoa ou coisa a que se referem.] F. lat. *Pronomen*. (AULETE, 1881, p. 1418-1419)

Já Figueiredo (1913, p. 1646), no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, afirma, apenas, que pronome é a “palavra que se emprega em vez de um nome”.

O dicionarista Cunha (1986, p. 639), em seu *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, define pronome como “palavra que substitui o substantivo, ou que o acompanha para tornar-lhe claro o significado”. O termo vem do latim *prōnōmen –īnis*.

Ferreira (1993, p. 445), em seu *Minidicionário da língua portuguesa*, traz a definição de pronome como “palavra que substitui o substantivo, ou que acompanha para tornar-lhe claro o significado”.

O mesmo autor, em outra obra, *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, afirma que a palavra pronome vem do latim *prōnomen*, significando o “que está no lugar do nome” (FERREIRA, 2009). O autor, nessa obra, altera parcialmente sua concepção de pronome ao

sustentar que o vocábulo substitui “um substantivo ou um sintagma nominal.” Ele afirma que o pronome pessoal é aquele que “designa qualquer das pessoas do discurso”.

Santiago Almeida (2011, p. 564), no *Dicionário livre da língua portuguesa*, define pronome como “Classe de palavra usada para acompanhar ou substituir o substantivo”.

Ribeiro (1881, p. 60), na *Grammatica portuguesa*, afirma que “pronome é a palavra usada em lugar de um substantivo” e divide o mesmo em pronome substantivo e pronome adjetivo.

Ribeiro (1889, p. 91), em sua *Grammatica portuguesa: 3º anno*, defende a ideia de que “pronome é a palavra que lembra o nome em relação á sua pessoa gramatical. A pessoa grammatical consiste na posição que representa uma pessoa ou cousa no dialogo ou no discurso.” O autor classifica as pessoas gramaticais em: 1ª, a pessoa que fala (eu, nós); 2ª, a pessoa a quem se fala (tu, vós) e 3ª, “a pessoa ou cousa de que se fala : elle, ellas, etc.”

O autor afirma, ainda, que os vestígios das declinações latinas são conservados nos pronomes e, por esse motivo, há variações em todas as pessoas. Um exemplo dessa variação é observado na primeira pessoa, conforme ilustra o quadro abaixo:

Quadro 2: Pronomes e declinações latinas de primeira pessoa

	Primeira pessoa	Latim
Singular	Nominativo – Eu	–Ego
	Dativo – Mim, mi	–mihi
	Acusativo – Me	–me
	Ablativo – Com-migo	–mecum.
Plural	Nominativo – Nós	–nos
	Accusativo – Nos	–nos
	Ablativo – Com-nosco	–noscum

Fonte: adaptado de Ribeiro, 1889

Pereira (1907), em sua *Grammatica expositiva*, afirma que pronome é um termo de origem latina (*Pro + nome = em vez do nome*). O autor defende a ideia de que, quando se fala ou escreve, as pessoas do discurso ou o que a elas se referem classificam-se, de acordo ao ato da palavra, em uma das três classes das pessoas gramaticais: 1ª, a pessoa que fala (eu, nós); 2ª, a pessoa com quem se fala (tu, vós); e 3ª, a pessoa de quem se fala (ele(a), eles(as)). Pronome é, pois, para Pereira (1907, p. 83) “a palavra que tem por função designar os seres pelas suas

relações com a *pessoa gramatical*. Elle não só se põe em logar do nome, porém indica, ao mesmo tempo, a posição deste em relação ao acto da palavra”.

Mais tarde, o mesmo autor, em sua *Gramatica histórica* descreve as funções dos pronomes substantivos ou pessoais. Segundo Pereira (1919)

Os 'pronomes substantivos ou pessoas teem por funcção taxonomica não só substituir, na expressão do pensamento, o nome para evitar a sua repetição, mas ainda teem a funcção, que propriamente os caracteriza, de indicar a pessoa grammatical do nome por elle evocado. Deste modo elle se discrimina do substantivo como categoria grammatical, com o qual, entretanto, teem intima afinidade, pois que assume, no mecanismo da linguagem, a feição de um substantivo subjectivo. Dahi o facto de sua destinação syntactica, de representar, nas relações lógicas do discurso, os mesmos papeis que a primeira categoria grammatical. É assim que, como o substantivo, exerce o pronome, na proposição, as funcções de sujeito, complemento e predicado.

[...] A declinação latina, obliterada nos nomes, tem nos pronomes pessoas claros vestigios de sua passada existencia. Dos seis casos da declinação latina, quatro nos ficaram para indicar as relações syntacticas do pronome- pessoal: Nominativo: eu, tu, elle, nós, vós, eles. Dativo: me, mim, te, ti, se, si, lhe, nos, vos, se, si, lhes. Accusativo: me, mim, te, ti, se, si, o, a, nos, vos, se, si, os, as. Ablativo : migo, tigo, sigo, nosco, vosco, sigo. (PEREIRA, 1919, p.443)

O autor segue afirmando que os casos nominativos assumem a função de sujeito na oração e, por esse motivo, são denominados casos retos ou subjetivos, já outros, que estão em relação complementar, são denominados casos oblíquos.

Said M. Ali, em sua *Grammatica secundaria da língua portuguesa* define pronome como “a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”, ou seja, a pessoa que fala, de quem se fala “e a pessoa ou cousa de que se fala.” (ALI, s/d, p. 94)

Cunha (1976), na *Gramática do português contemporâneo*, define pronomes como palavras que servem para representar e acompanhar um substantivo, determinando-lhe a extensão do significado.

Cipro Neto (1998), na *Gramatica de língua portuguesa*, conceitua pronomes como “palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido.” Através do pronome, é possível identificar o ser como aquele que utiliza a língua: no momento do ato comunicativo (eu, nós); como àquele a que a comunicação é dirigida (tu, você, vós, vocês, Vossa Senhoria, Senhor) ou, ainda, “como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (ele, ela, aquilo, outro, qualquer, alguém, etc.)” podendo também se referir “a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso.” (CIPRO NETO, 1998, p. 262)

O autor defende a ideia de que são os pronomes pessoais ou retos que desempenham nas orações as funções de sujeito ou predicativo do sujeito.

Cunha (2001), em sua *Nova gramática do português contemporâneo*, afirma que “os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais.” O autor explica que uma das características dos pronomes pessoais é “denotarem as três pessoas gramaticais”, ou seja, serem capazes de “indicar no colóquio”: a) *quem fala* (eu, nós) b) *com quem se fala* (tu, vós) e c) *de quem se fala* (ele(s), ela(s)) (CUNHA, 2001, p. 275-276)

De forma geral, os autores supracitados definem pronome como a categoria que substitui e/ou acompanha o substantivo ou o sintagma nominal. Alguns autores como Ribeiro (1889), Pereira (1907) e Cunha (2001) definem pronome por seus traços de pessoa gramatical. Concordando com os autores, assumimos que pronome é definido pelo traço de pessoa gramatical.

Perini (2005) sobre a classificação tradicional dos pronomes considera que

O grupo de itens que a gramática tradicional denomina “pronomes” não mostra traços comuns, nem sintáticos nem semânticos, que nos autorizem a colocá-los em uma classe única. Consequentemente, a classe tradicional dos “pronomes” terá de ser abandonada e substituída por diversas categorias. (PERINI, 2005, p. 329)

O autor afirma que a definição tradicional de pronome deve ser abandonada por não conseguir “delimitar exatamente o grupo de itens pretendido” quando se afirma que pronome é a palavra que **substitui** ou **acompanha** o substantivo. Tal definição é de interpretação obscura, uma vez que “a noção de ‘substituição’, recurso frequentemente usado para definir o ‘pronome’, não é clara.’ A forma pronominal *ela*, por exemplo, pode ser substituída pelo substantivo *Giselle* em algumas circunstâncias, mas esse mesmo substantivo “pode ser substituído por outros elementos” que não são considerados pronomes (essa *senhora*, *Gigi*). Também, a noção de “acompanhar o substantivo” para definir “pronome”, de acordo com Perini (2005), “se não é vaga, pelo menos inadequada”, já que outros termos, que não são classificados como pronomes também podem acompanhar o substantivo. Nesse sentido o autor exemplifica seu raciocínio defendendo a ideia de que “um ‘pronome’, *meu*, estaria acompanhando o substantivo em ‘Meu velho paletó cinza’, mas é evidente que, nesse sentido, *velho* e *cinza* estão igualmente acompanhando o substantivo *paletó* e, no entanto, não são pronomes”. (PERINI, 2005, p. 330).

Dessa forma, chega-se à conclusão de que “substituir” ou “acompanhar” o substantivo não ajuda “a delimitar a classe tradicional dos pronomes”. Ou seja, não se percebe coerência sintática visível nessa classe gramatical (PERINI, 2005, p. 330).

De acordo com Câmara Jr,

Os pronomes se caracterizam pela noção gramatical de pessoa. [...] É uma noção que se expressa pela heteronímia, em vez da flexão, ou seja, pela mudança do vocábulo gramatical. [...] já conhecemos, em princípio, o sistema desses pronomes, ditos «pessoais», cuja função básica é indicar essa noção de pessoa. Há um falante - eu, que pode associar a si uma ou mais pessoas - nós, constituindo a primeira pessoa do singular, ou P1, e a primeira pessoa do plural, ou P4. A eles se opõe um ouvinte (segunda pessoa do singular ou P2) - tu, ou mais de um ouvinte (segunda pessoa do plural ou P5) - vós. Todos os seres que ficam fora do eixo falante ouvinte, constituem a terceira pessoa do singular, ou P3, ou a terceira pessoa do plural (P6) - ele, com o feminino ela, e eles, com o feminino elas, respectivamente [...]. Essas formas pronominais, ditas retas, são as dos pronomes usados em frase isolada ou como sujeito de um verbo. (CAMARA JR, 2004, p. 117)

Essa noção de que os pronomes se caracterizam pela “mudança do vocábulo gramatical” está presente em algumas Gramáticas Históricas e dicionários antigos, porém ausentes nas gramáticas tradicionais modernas consultadas.

Para melhor entendimento do termo "a gente", como pronome de primeira pessoa plural, a seguir será definido o significado do termo “gente” de acordo com alguns dicionaristas para, logo após, adentrarmos no percurso histórico do sintagma nominal “a gente” no processo de gramaticalização do termo.

3.2 Definição do termo “gente” de acordo com alguns dicionaristas

Silva (1813), no *Diccionario da lingua portuguesa*, define “gente” como multidão de pessoas de ambos os sexos; povos, nação; Infantaria ou Tropas; gente de armas, etc.

Para Aulete (1881), o termo é definido como

Gente- “ povo, multidão de pessoas de ambos os sexos. [...] Nação, os habitantes de um paiz.[...] As pessoas que têm a mesma profissão. [...] As pessoas da mesma condição, que têm os mesmos costumes, os mesmos hábitos. [...] Grupo de pessoas que têm character e qualidades communs, classe, categoria de pessoas consideradas indeterminadamente: Cresce todos os dias a indignação da gente honrada contra os espectaculos que sobem á scena, orgias da arte. (Herc.) Estes figuros não sabem com que gente estão mettidos. (Castilho.). Partidarios de uma idéa, de uma causa ou fracção politica. [...] O exercito, a armada, qualquer força armada empenhada n'uma empresa. [...] A família; as pessoas do serviço doméstico. [...] Nós, a pessoa ou pessoas que falam: Sempre esta gente que estuda sabe muito mais que *a gente*. (Castilho.). [...] F. lat. Gens.” (AULETE, 1881, p. 858)

Podemos observar que, mesmo sem mencionar “a gente” como pronome, o autor não deixa de chamar a atenção para o uso da forma nessa categoria, como deixa claro o exemplo: “Nós, a pessoa ou pessoas que falam: Sempre esta gente que estuda sabe muito mais que *a gente*”.

De acordo com Figueiredo (1913), o termo “gente” significa quantidade de pessoas; população; habitantes de uma região; humanidade, dentre outros. Desperta-nos a atenção entre as definições a parte em que o autor, ao definir o termo, afirma que “gente” pode significar “[...] Nós, quando falamos: **a gente** não os lia, porque não tínhamos vagar”, como se pode observar, na íntegra, a definição abaixo:

Gente f. Quantidade de pessoas: encontrei muita gente. População: a gente daquela terra. Habitantes de uma região. Humanidade: a gente começou em Adão? Pessoas, que têm a mesma natureza, a mesma profissão, as mesmas ideias, os mesmos hábitos: a gente das fábricas. Força armada: o commandante tinha pouca gente. Família. Nós, quando falamos: “a gente não os lia, porque não tínhamos vagar”. Camillo, Viuva do Enforc., II, 12. (Lat. gens, gentis) (FIGUEIREDO, 1913, p. 960)

Apesar de o autor não se referir ao termo “a gente” como pronome, o mesmo deixa claro, através do contexto da sentença, o seu uso implícito, demonstrando sua existência. Esse fato pode ser comprovado quando o autor reforça o exemplo com “nós quando falamos” antes de iniciar a sentença.

Cunha (1986, p. 387), em seu dicionário etimológico afirma que o substantivo “gente” significa uma “quantidade de pessoas, famílias, alguém de importância, XIII [...]”; o termo vem do latim *gens, gentis*.

Houaiss e Villar (2009) definem “gente” como um “número indeterminado de pessoas; os habitantes de uma região, país; a humanidade [...]”.

Ambos os autores, Cunha (1996) e Houais e Villar (2009) não mencionam “a gente” como forma pronominal.

De acordo com Ferreira (2009), o substantivo “gente” vem do latim *gente*, definindo o termo como “quantidade maior ou menor de pessoas indeterminadas; povo. [...] Determinado número de pessoas que têm em comum certas características, ou profissão, ou interesse pessoal. [...] O gênero humano, a humanidade. O ser humano; homem, pessoa”.

O autor faz referência à forma pronominal “a gente”, que afirma significar “a(s) pessoa(s) que fala(m); eu, nós.”

Santiago Almeida (2011, p. 353) define “gente” como “multidão de pessoas; povo. (O parque de diversões estava cheio de gente.) 2. Conjunto de habitantes de algum lugar. 3. O

gênero humano; a humanidade”. O autor afirma que “a gente” na linguagem coloquial tem significado equivalente a “nós”.

O sintagma nominal “a gente” indica conjunto de pessoas, como afirma os autores supracitados. Contudo, como constatado em diversos trabalhos e como veremos, mais adiante, nos dados dos *corpora* da Fala Popular de Feira de Santana (FPFS) e da Fala Popular do Português Europeu (FPPE) vem tomando caráter cada vez mais definido.

Vimos, portanto, que o uso pronominal de “a gente” é comumente dicionarizado, o que pode sinalizar certa estabilidade em relação a natureza pronominal de “a gente”.

Com vistas a localizar no tempo como, quando e onde o uso pronominal de “a gente”, mencionado em alguns dos dicionários e gramáticas consultados, passou a figurar na língua portuguesa, revisitaremos, na próxima seção, alguns trabalhos que trataram da gramaticalização do substantivo “gente”.

3.3 Percurso histórico do sintagma nominal “a gente”: do nome ao pronome

Antes de se gramaticalizar como pronome, o sintagma nominal “a gente” passou por um longo percurso que vai desde seu uso como substantivo até sua categorização como pronome. Nesta subseção, descreveremos primeiramente e de forma geral, o uso do sintagma nominal “a gente”, abordando os graus de pessoalização do pronome, de acordo com Borges (2004), e, em seguida, descreveremos como ocorreu o processo de gramaticalização do termo, segundo Lopes (1999; 2003).

Borges (2004) descreve a evolução diacrônica de “a gente”, no PB. Segundo o autor

A forma a gente, etimologicamente, origina-se do substantivo latino *gēns, gēntis*, ‘gente, raça, espécie, família, nação, povo’. Observa-se que a forma original *gēns, gēntis* traz em si o caráter coletivo, generalizante e agrupador, referente a um conjunto de pessoas em torno de objetivos comuns. Essas características também estão presentes no campo semântico da palavra gente, que manteve as particularidades pertencentes ao substantivo latino. (BORGES, 2004, p. 26)

Para o autor, há diferentes documentos históricos que atestam a existência do caráter genérico e coletivo do substantivo “gente”; este termo era utilizado tanto no singular quanto no plural.⁸ Há também a variabilidade associada ao gênero,⁹ atestando a existência de um processo que levaria à pronominalização ou gramaticalização.

⁸Um exemplo da utilização de gente no plural está presente no seguinte trecho de um texto do século XVIII: Abraan fuy o primeyro dos proffetas et fuy muy santo ome e tam amigo de deus que disso per el que eno deu linnagem seerian beeytas totalas **gentes**, et este connoscendo que era pouco aquello que dauam os que foron

Foi estabelecido um percurso histórico que transformou o substantivo genérico – *gente* → pronome indefinido – *a gente* → pronome pessoal – *a gente*. Esse percurso fez com que, associado ao artigo *a*, houvesse diversas possibilidades de uso antes que o mesmo fosse restrito ao uso na forma singular (BORGES, 2004).

Em conjunto com o percurso histórico de gramaticalização, houve o processo de mudança semântica que constituiu, segundo Borges (2004), em graus de pessoalização do “a gente”. Nesse sentido, o autor, concordando com a ideia de Benveniste (1998, p. 258) quanto à “existência de um ‘eu’ prudentemente generalizado”, afirma que a forma “a gente” inclui-se nos seguintes traços semânticos possíveis de “pessoa”:

a) genérico → **a gente** = “eu” + todo e qualquer indivíduo que compreende o discurso (“pessoa” ou “não pessoa”)

- (1) **Nuno** – Encontramo-nos na tal madrugada. Então ele prometeu justificar a sua ausência. Disse-me que tinha vindo de um velório e obrigou-me a jurar uma discrição, isto é, o tal túmulo. Apre! Olhem que é difícil **a gente** se fazer de túmulo. (Torres, Joaquim Alves. *A ciumenta velha*. In: *Teatro social. O ultraje, O trabalho, A ciumenta velha*. Porto Alegre: IEL, 1989)

b) plural exclusivo → **baixo grau de pessoalização** (a gente = eu + outro (s) (não-pessoa))

- (2) **Pai** – [...] Um dia um colega de repartição me propôs um negócio que ia dar muito dinheiro. **A gente** cobrava do pessoal que ia na repartição para que os processos andassem depressa. Até se fez uma tabela de preços. Era eu quem fazia a cobrança. A coisa foi dando certo até que descobriram a marmelada. Eu levei toda a culpa, porque era eu quem cobrava. O outro conseguiu se safar da encrenca [...] (In. *A ponte*, p. 24)

c) plural inclusivo → **médio grau de pessoalização** (a gente = eu + tu/você (pessoa) + outro(s) ((não pessoa))

- (3) **Alice Cooper** – Mas que loucura é essa? Agora que estou reparando. Todo mundo colorido, maquiado, parece uma festa. Quem foi que teve essa idéia má-ravilhosa?
Mona – Fui eu. Já que **a gente** vai ficar aqui a noite toda, achei que era melhor fazer uma festa à fantasia. De feia basta aquela cidade lá fora, não é?
(Abreu, Caio Fernando. *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora*. In. *Teatro completo*. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 25)

d) plural inclusivo → **auto grau de pessoalização** (a gente = eu + tu/você (pessoa))

- (4) **Júlia** – guardo aqui. O troco miúdo fica comigo.

ante que el, a deus... (retirado de uma página das *Leis de Partida* – fins do século XVIII, apud Vasconcelos (1946:350)) (BORGES, 2004, p.26).

⁹ Um exemplo desse tipo de variabilidade está na sentença “não sofre muito **a gente** generosa” (LUZÍADAS I, 87, 5).

Romeu – agora vamos. **A gente** pode usar o apartamento até a meia-noite. Não mais. Depois meu amigo chega.

Júlia – Romeu.

Romeu – que é?

Júlia – quem sabe **a gente** deixa isso pra depois?

(Bender, Ivo Cláudio. *Bye, bye sweet home!* In. Nove textos breves para teatro. Porto Alegre: editor da UFRGS, 1985, p. 70-71)

e) singular “eu” → maior grau de personalização (a gente = eu (pessoa))

- (5) **Gisela** – Hoje não tô muito a fim... Tô precisando sair um pouco. [quase enlouquecida] **A gente** precisa se divertir! **A gente** tem que se divertir!
(Conte, Júlio. *A coisa certa*. Porto Alegre: WS editor, 1998, p. 106)

Essa ideia de grau de personalização de “a gente” conforme a categoria de pessoa é melhor ilustrada no quadro 2:

Quadro 3: Personalização de “a gente” conforme categoria de pessoa

GENÉRICO		PLURAL ESPECÍFICO		
A gente =>	A gente =>	A gente =>	A gente =>	A gente =
“eu” +	“eu” +	“eu” +	“eu” +	“eu”
(qualquer indivíduo)	(não-pessoa)	(pessoa + não-pessoa)	(pessoa)	
	↑	↑	↑	↑
	baixo	médio	alto	mais alto
	(plural exclusivo)	(plural inclusivo)		
				
Graus de personalização de <i>a gente</i>				

Fonte: Adaptado de Borges (2004, p. 45)

Assim, o autor estabelece graus hierárquicos para a pessoalização do pronome “a gente” que vão do genérico ao mais alto grau de pessoalização. No baixo grau, o *eu* é menos evidente e no mais alto grau, o *eu* é mais perceptível, ou seja, o falante pode se incluir de uma forma mais coletiva podendo aumentar seu grau de inclusão até o pessoal, isto é, “a gente” = eu (pessoa).

Segundo Lopes (1999, 2003), a forma “a gente” veio gradativamente firmando-se como pronome no decorrer do tempo, acelerando-se e estabelecendo seu uso categórico, após mudanças de traços de número, gênero e pessoa, no século XX.

Antes, entretanto, é preciso registrar que houve um processo em que o pronome indefinido *homem*¹⁰ desapareceu do português arcaico. Segundo a autora, existe relação “entre o desaparecimento do uso de *homem* como pronome indefinido no português arcaico e a emergência da pronominalização do substantivo gente”. (LOPES, 2003, p. 41)

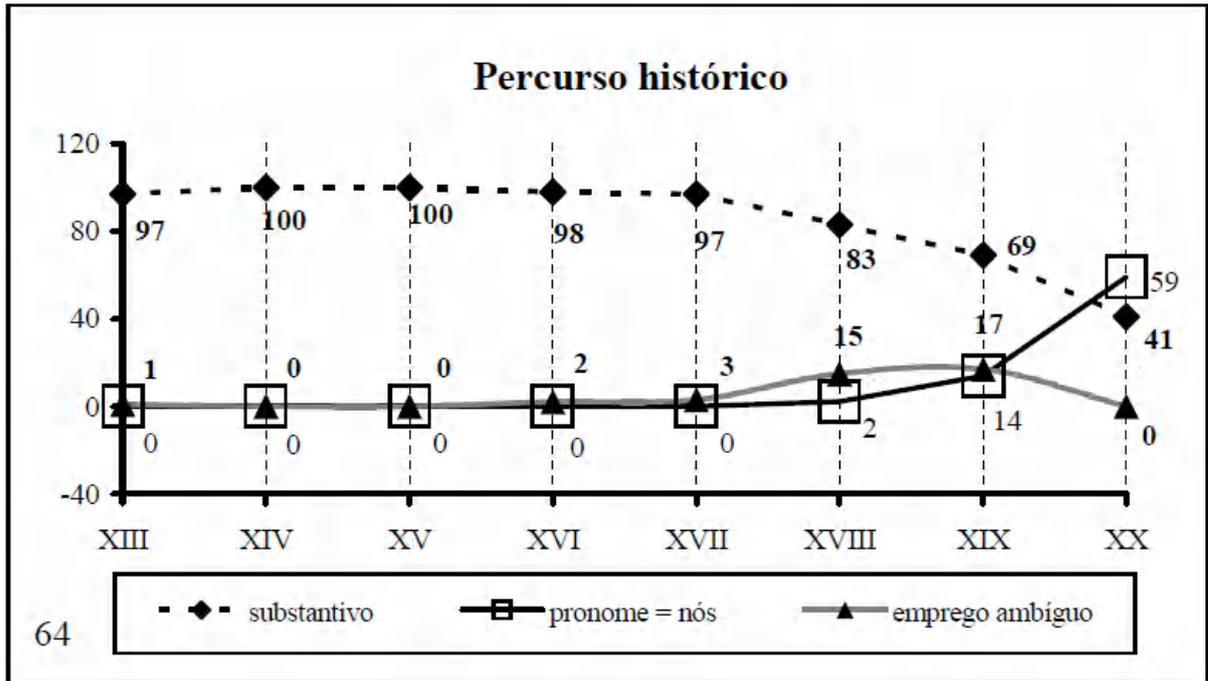
A autora investigou dados obtidos através de documentos históricos dos períodos compreendidos entre o século XIII ao século XVI. Na análise realizada ficou atestado que o uso de *homem* como indefinido, com possibilidade de ser substituído por *ninguém/alguém*, no português arcaico era de 97% nesses períodos. Contudo o uso de *homem* como pronome indefinido não se efetivou no português, sendo seu uso característico apenas do português arcaico.

A autora, analisando a cronologia de “(a) gente” em tempo real de longa duração, observa que a ocorrência da forma pronominal “a gente” aconteceu a partir do século XVIII. Antes desse período, a partir do século XVI, aparecem raros exemplos da forma “a gente” com “ambiguidade interpretativa”, ou seja, o termo poderia ser considerado tanto em sua forma substantiva quanto em sua forma pronominal. Nesse sentido, a autora afirma que “a aceção semântica intrínseca ao substantivo *gente*, ou seja, a noção genérica de pessoa, começa a sofrer uma mudança. O traço semântico de pessoa começa a deixar de ser [ØEU] e se altera para [+EU], pois a interpretação ‘inclua o falante’ torna-se mais nítida” (LOPES, 2003, p. 63).

Esse percurso de “gente” substantivo até “a gente” pronome pode ser melhor visualizado na figura 1:

¹⁰ Para maior detalhe sobre o uso de *homem* como pronome, ver trabalho de Lopes (2003).

Figura 1: Percurso histórico de *gente* (substantivo) > *a gente* (pronome)



Fonte: Lopes, 2003, p. 64

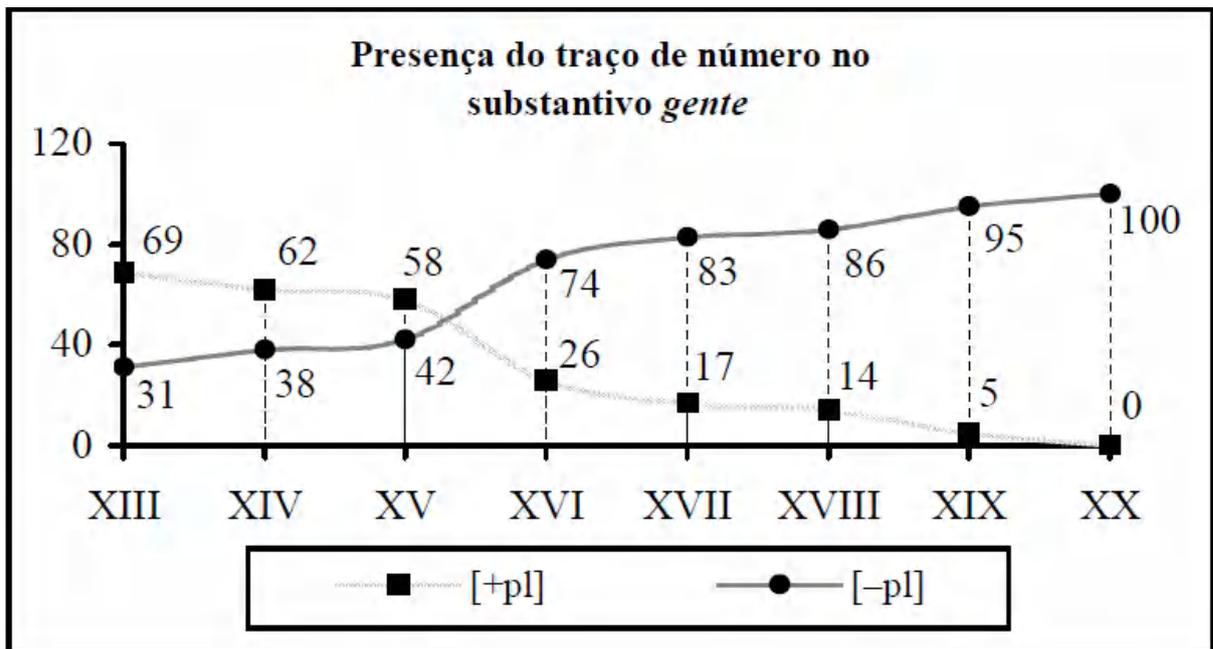
A partir do século XVI houve um crescimento de ambiguidade da forma “a gente”. Desde então, seu uso poderia ser interpretado como substantivo e como pronome ao mesmo tempo até chegar ao uso como pronome no século XX sem ambiguidade de interpretação. Nesse sentido, Lopes (2003) afirma que

a linha “emprego ambíguo” em ascendência do século XVI em diante, representa a frequência desses casos de leitura dúbia. Evidencia-se, a partir do XVII, um crescimento progressivo de exemplos dessa natureza, o que pode refletir um período de transição entre o uso, até aquele momento, da forma em questão exclusivamente como substantivo, e o início do emprego efetivo como pronome, que ocorre a partir do século XIX. Esse período transitório instaura-se entre o século XVII e o XIX. Ressalte-se que a ascendência da curva dos casos considerados ambíguos coincide com uma curva descendente do emprego de *gente* como sinônimo de pessoas (emprego como substantivo). Do mesmo modo, conforme se configura a intensificação do emprego de *a gente* como forma pronominal do século XIX em diante, a interpretação ambígua deixa de se fazer presente. (LOPES, 2003, p. 65)

No percurso de *gente* > *a gente* houve perda da flexão de número. O substantivo “gente” podia ser usado tanto no singular quanto no plural [αpl]. Essa transformação acontece a partir do século XVI, período em que o emprego de *homem* como indefinido deixou de ser usual. A perda do traço plural [+ PL] de “gente” é acelerada a partir do século XVIII atingindo 100% no século XX quando firma seu uso no singular [øpl] (Lopes, 2003).

A figura 2 mostra como aconteceu esse percurso, segundo a autora:

Figura 2: Presença do traço de número no substantivo *gente*: evolução histórica da perda da flexão



Fonte: Lopes, 2003, p. 66

Dessa forma, o substantivo “gente” que era usado tanto em sua forma singular quanto plural, durante o processo de pronominalização, vai perdendo gradativamente seu traço formal de número, uma das principais características do substantivo, até firmar seu uso categórico singular [Øpl] no século XX.

No que se refere à interpretação semântica de gênero, o traço formal de “gente” seria [+fem] e “a gente” neutro no pronome [Øfem]. Mas o traço formal do substantivo não deixava claro a interpretação semântica do gênero, uma vez que não elucidava o sexo do referente [Ø FEM]. Contudo “no processo de mudança, o gênero semântico de *a gente* se torna subespecificado [α FEM], porque formas pronominais como *eu, tu/você, ele/ela* tendem a combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino, dependendo do sexo do referente” (Lopes, 2003, p. 73).

Quanto ao traço de pessoa, “a gente”, segundo Lopes (2003), “teria herdado o traço formal [Øeu] do substantivo”, já que entre os falantes cultos sua forma combinava com verbos na terceira pessoa do plural (P3). Houve, no entanto, mudança na pessoa semântica: “o traço deixou de ser [ØEU] alterando-se para [+EU] na forma pronominal”, uma vez que no

português não padrão é frequente concordância com P4 e há co-referência pronominal com os possessivos *nosso(s)/ nossa(s)*¹¹ (Lopes, 2003, p. 73).

Veremos, em nossos dados, na análise de concordância verbal, que o traço formal de pessoa do substantivo “gente” (Øeu), que se mantém no pronome “a gente”, atuam da mesma forma no PE e PB¹², já que nos *corpora* os falantes utilizam o pronome junto de verbos em P3. Em termos de mudança semântica os traços também são os mesmos no PE e no PB – deixou de ser [ØEU] alterando-se para [+EU] – contudo, ao contrário do PB em que se utiliza mais o pronome “a gente” junto de verbos em P3, no PE o uso de “a gente” é comum diante de verbos flexionados em P3 e em P4.

Assim, pronominalizada a expressão “a gente”, o uso do pronome segue em variação com a forma pronominal de primeira pessoal plural mais antiga, “nós”. Na subseção que se segue, abordaremos o uso variável de “nós” e “a gente”, revisitando brevemente alguns autores.

3.4 O uso variável de “nós” e “a gente”

Por ter características similares e alta frequência nas falas de brasileiros e europeus, os pronomes “nós” e “a gente” vêm sendo investigados, por diversos autores até o dia de hoje.

O pronome “nós” tem definição semelhante ao “a gente”. Alguns autores como Figueiredo (1913), Aulete (1981) e Santiago-Almeida (2011) trazem definições que caracterizam o pronome.

Segundo Figueiredo (1913, p. 1400), o pronome “nós” indica “pessôas e emprega-se como sujeito de verbos e como regime de preposições”. O autor exemplifica a afirmação com a seguinte sentença: “*Nós veremos o que depende de nós*”.

Aulete (1981) afirma ser “nós” um pronome de primeira pessoa plural que, quando precedido da preposição *com*, “toma fôrma de *Comnosco*” e que “quando serve de

¹¹ Segundo Lopes (2003:74), a co-referência com pronomes/formas de P3 do tipo *sua/dela* e de P4 (*nossa*) está em distribuição complementar: os primeiros em paralelismo com o substantivo *gente* e o segundo, o possessivo *nossa*, com a forma pronominalizada *a gente*, como mostra os exemplos abaixo:

A gente_i (aquela *gente*) pegou a comida *dela_i*/_j* a *sua_i*/_j* comida.

(*a gente* = nome)

(ii) *A gente_i* pegou a comida *dela_i*/_j* a *sua_i*/_j* comida.

(*a gente* = pronome)

(iii) *A gente_i* (aquela *gente*) pegou a *nossa_i*/_j* comida.

(*a gente* = nome)

(iv) *A gente_i* pegou a *nossa_i*/_j* comida.

(*a gente* = pronome) (LOPES, 2010, p. 74)

¹² As siglas PE e PB serão utilizadas para se referir aos *corpora* analisados no trabalho.

complemento objetivo ou terminativo, perde o accento agudo”, formando o pronome oblíquo *nos*. Segundo Aulete

Usam-n'o ás vezes os soberanos e auctoridades constituídas, bem como os escriptores, em vez do pronome eu, quando a si mesmos se referem, e n'este caso o attributo ou adjectivo referido á primeira pessoa costuma ir ao slng., não concordando com a fôrma, mas sim com a realidade do sujeito. II Nós outros, com peculiar intimativa e em referencia ou opposição a outras pessoas: Demos também nós outros na comedia coisas d'este jaez. (Castillio.) || Ai de *nós!* exclamação de mingua ou contricção: Ai de nós! ai, que invejas ao Mestre! De ora ávante sem elle tão sós! (Idem.) II F. lat. Nos. (AULETE, 1981 p. 1229)

Santiago-Almeida (2011) define o pronome “nós” como “eu e os outros”. O autor exemplifica a afirmação com a seguinte sentença: *Nós estamos fazendo uma pesquisa de geografia*.

A investigação do uso variável dos pronomes “nós” e “a gente” teve como precursora Omena (1986). A autora analisou amostras de fala popular pertencentes ao banco de dados do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro (CENSO), nas funções sujeito, complementos verbais e adjuntos, atestando frequência geral de 69% de uso do pronome “a gente” em relação ao uso do pronome “nós”.

Santana (2014), ao investigar o fenômeno através da análise do *corpus* do Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador (PEPP/SSA), na função sujeito, atestou frequência de 76% para uso do pronome “a gente” e 24% para uso do pronome “nós”.

Tamanine (2010) estudou a variação entre os pronomes “nós” e “a gente”, na função sujeito, em dados orais de informantes de Curitiba disponibilizados pelo Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil (VARSUL) e encontrou, no registro geral das ocorrências, frequência de 54% para o uso de “a gente” e 46% para o uso de “nós”.

Ao investigar amostra linguística de quatro comunidades afro-brasileiras de comunidades isoladas da Bahia – Sapé, Helvécia, Barra e Bananal, Cinzento – Lucchesi (2009) atestou frequência de uso geral, na função sujeito, do pronome “a gente” de 73% e frequência de uso geral do pronome “nós” de 27%.

Esses dados atestam que ambos os pronomes de 1PP são utilizados nas falas dos brasileiros. Os dados de nossa pesquisa também mostraram que o uso tanto do pronome “nós” quanto do pronome “a gente” são bastante atestados no PB e que ambos os pronomes são muito utilizados no PE.

Na próxima seção, apresentaremos os *corpora* da pesquisa e os processos metodológicos utilizados para análise dos pronomes “nós” e “a gente” e sua variação para então discutirmos sobre os dados colhidos nesses *corpora*.

4. *CORPORA* e METODOLOGIA

Apresentaremos, nesta seção, os *corpora* utilizados na pesquisa, bem como a metodologia adotada para a seleção, descrição e análise dos dados.

4.1 *Corpora* utilizados

Para investigar a natureza dos pronomes “nós” e “a gente” no Português Brasileiro e Europeu e explicar sua variação no uso, atendendo aos objetivos propostos para esta dissertação, foram selecionadas, como *corpora* da pesquisa, entrevistas com amostras de fala popular de variedades do PE e do PB coletadas em outros projetos para a pesquisa linguística.

Para o PB, utilizamos para a análise dois *corpora*:

(i) O *corpus* de Fala Popular da Região de Feira de Santana (FPFS), correspondente à comunidade de Paraguaçu. Tal *corpus* faz parte da coleção de amostras da língua falada no semiárido baiano, foi produzido pelo projeto “A língua portuguesa no semiárido baiano” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008) e reúne: amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina), amostras da língua falada na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina), amostras da língua falada da zona rural de Jeremoabo (Nordeste) e amostras da língua falada da zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu). As amostras desse projeto foram constituídas nos períodos de 1994 a 2002. Desse *corpus*, selecionamos 6 dos 12 inquéritos pertencentes à amostra de Feira de Santana e analisamos os dados encontrados na amostra utilizando como ferramenta para a organização, anotação e análise - o Excel. Para a escolha dos inquéritos, foram considerados a faixa etária e o sexo dos informantes. Dessa forma, os inquéritos selecionados foram distribuídos da seguinte forma: Faixa 1: 18-38 anos; Faixa 2: 39-58 e Faixa 3: a partir de 59. Para cada faixa etária foi selecionado 1 informante de cada sexo com tempo de escolaridade máximo de 5 anos. Foram analisadas 387 ocorrências desse *corpus*.

(ii) O *corpus* de Fala Popular da Região de Vitória da Conquista (FPVC), correspondente à comunidade de Vitória da Conquista. Tal *corpus* foi coletado em 2007 por estudantes do curso de Letras Vernáculas e Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), supervisionado e orientado pela Profa. Dra. Cândida Mara Brito Leite (UESB), com o objetivo de formar um banco de dados que contribuísse para investigações linguísticas do GPEL – Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos -

UESB/CNPQ. Desse *corpus* foram selecionados 12 inquéritos pertencentes à amostra de Vitória da Conquista através da ferramenta para organização, anotação e análise – o Excel. Para a escolha dos inquéritos, foi considerada a faixa etária e o sexo dos informantes. Dessa forma, os inquéritos selecionados foram distribuídos da seguinte forma: Faixa 1: até 30 anos; Faixa 2: 31-49 e Faixa 3: a partir de 50 anos. Para cada faixa etária foi selecionado 2 informantes de cada sexo com tempo de escolaridade máximo de 4 anos. Foram analisadas 818 ocorrências desse *corpus*.

Para a análise do PE, utilizamos o *corpus* da Fala Popular do Português Europeu (FPPE). Foram selecionados informantes do *corpus* digital dialetal *CordialSin* (*Corpus* Dialectal para o Estudo da Sintaxe) (Martins et al., 1999). A seleção foi feita adequando, da forma mais aproximada possível, a idade dos informantes de acordo com os informantes do PB, para que fosse feita uma melhor comparação entre os *corpora*. Nesse sentido, devido a dificuldade em encontrar informantes com idades e sexo compatíveis ao PB, no PE foram selecionados falantes de 5 localidades diferentes: Santo Espírito, Fontinhas, Porto de Vacas, Melides e Santa Justa. Os inquéritos foram coletados e transcritos nos anos de 2003 a 2006. Desse *corpus*, selecionamos 6 inquéritos pertencentes à amostra do Português Europeu e analisamos os dados encontrados na amostra utilizando como ferramenta para a organização, anotação e análise - o Excel. Para a escolha dos inquéritos, foi considerada a faixa etária dos informantes e o sexo. Os inquéritos selecionados foram distribuídos da seguinte forma: Faixa 1: 29 e 34 anos; Faixa 2: 42 e 47; e Faixa 3: 60 e 61. Para cada faixa etária foi selecionado 1 informante de cada sexo com até 4 anos de escolarização. Foram analisadas 286 ocorrências desse *corpus*.

É importante ressaltar que houve um número maior de ocorrências na FPVC (818 ocorrências) em relação aos outros *corpora* porque, neste caso, tivemos acesso a dados de pesquisa dos quais demos continuidade às investigações, reorganizando e reavaliando para confrontá-los com os resultados dos outros *corpora*.

4.2 Metodologia utilizada

Para modelar a variação no uso dos pronomes “nós” e “a gente” no PB e no PE e entender a natureza dos pronomes em ambas as gramáticas, necessitamos investigar os fatores que condicionam o uso das referidas formas pronominais, bem como investigar as propriedades dos pronomes reveladas por tal uso. Para tanto, adotamos uma metodologia inspirada na metodologia da sociolinguística, mas com aporte teórico-metodológico

gerativista, pois, uma vez que buscamos compreender a natureza formal dos pronomes e de seu uso variável, necessitamos de um aporte formal. A metodologia da pesquisa engloba, portanto, descrição qualitativa e quantitativa de fatores linguísticos que estão presentes nos dados e podem influenciar/condicionar o uso de "nós" ou "a gente", ou ainda, dar pistas sobre a natureza destes pronomes, revelando suas características formais e o estatuto da variação. Controlamos os fatores sociais idade e sexo, já que buscamos testar a hipótese de competição de gramáticas para o uso variável dos pronomes. Não foi utilizado o fator escolaridade, pois as amostras utilizadas são todas de falantes não cultos, com baixo ou nenhum grau de escolaridade.

Os fatores considerados para descrição e análise dos dados foram: tipo de verbo, tipo de predicado, tempo verbal, modo verbal, concordância verbal (flexão), saliência fônica, grau de determinação do referente, idade e sexo.

4.2.1 Contextos de ocorrência dos pronomes "nós" e "a gente" (variável dependente)

O trabalho teve como variável dependente as formas pronominais “nós” e “a gente” em todos os contextos gramaticais desempenhados por elas: função de sujeito, complemento direto ou oblíquo. Como mencionado anteriormente, assumimos que pronome é definido por seus traços de pessoa gramatical.

Uma vez que as formas pronominais lexicais "nós" e "a gente" são realizações da 1PP, analisamos também os dados com sujeito de 1PP não foneticamente realizados (sujeitos nulos e implícitos). Na análise dos dados de sujeito, para quantificar a explicitude dos pronomes, levou-se em consideração os sujeitos nulos de segunda menção em diante, como formas implícitas do pronome lexical que antecede a construção com o sujeito de 1PP não realizado lexicalmente. Consideramos como “nulo” o sujeito de 1PP em sua primeira menção, usando o mesmo critério utilizado para a classificação de Vieira (2014) para o PB e justificado no PE pela aceitabilidade do uso de “a gente” em concordância com verbos de 1PP e no PB pelo uso de “nós” com 3PS.

Dessa forma, a análise dos dados com sujeitos não lexicalizados é realizada nesta pesquisa de forma não usual. Os trabalhos na área da sociolinguística normalmente consideram o sujeito nulo como uma realização do pronome "nós", verificado na morfologia flexional do verbo. Nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que não é possível inferir qual é a forma do sujeito apagado nos dados de primeira pessoa plural, uma vez que, nas línguas (em especial no PB) que apresentam concordância de pessoa e número, a morfologia do verbo

não concorda exatamente com o pronome em sua essência, mas com o traço de pessoa e número do sujeito, podendo o sujeito ser pronominal, nominal ou nulo; e esse é um dos motivos para separarmos os nulos de primeira menção dos nulos de segunda menção. Esse último (nulo de segunda menção) se refere ao termo “implícito” na análise dos dados. Na fala popular do PB, temos um segundo motivo que nos faz tomar essa decisão: os sujeitos de 1PP, quando realizados lexicalmente pelos pronomes ou por sintagmas nominais, comumente não desencadeiam concordância. A flexão, portanto, não pode ser considerada pista para o valor morfológico do pronome. Fato este que corrobora a decisão metodológica aqui adotada. Além disso, é impossível saber se os traços morfológicos de pessoa e número de uma categoria nula equivalem a um pronome lexical específico, pois sujeitos de qualquer pessoa e número podem ser realizados nulamente, sendo estes traços interpretados ou pela morfologia flexional do verbo ou pelo contexto discursivo-pragmático. Ademais, segundo a teoria da gramática gerativa, existem diferentes tipos de categorias nulas. Uma categoria nula pode ser pronominal se tiver propriedades de pronome. Logo, no caso de sujeitos nulos, diferentes tipos de categorias nulas podem realizar o sujeito a depender da língua e/ou do contexto sintático – um pronome, uma anáfora e até uma variável equivalente a uma expressão referencial (GALVES, 2001).

Assim, com relação ao fator sujeito, analisamos separadamente:

1) Sujeito explícito a gente

1. a) Ela mora aqui também perto. **A gente** mora tudo aqui pertinho. Conheci assim... eu nem sei dizer, viu? Porque **a gente** as vez novo demais **a gente** esquece das coisa que aconteceu no passado, né? Sempe vai lembrano o que tá ausente, né? (Inq. 0018, faixa 1, homem FPFS)
- b) as vezes também tem vez na segunda **a gente** pega umas tulipa pra vender, aí chega umas três hora **a gente** ainda vai bater um baba, jogar uma bola pra se devert, né, passá o tempo mais ainda, pra chegar a noite (Inq. 0034, faixa 1, homem, FPVC)
- c) INF Oh, quando **a gente** soube, estávamos a banho. Viemos a banho para a terra. E o barco depois tombou. Quando o meu Germano joga os pés ao barco desse lado, o barco tombou, a rede cai para a água. (Inq. 0086, faixa 2, homem, FPPE)

2) Sujeito implícito a gente

2. a) A gente pranta dia dezanove e deixa. Aí dia de São João tá madurinho. A gente tira um tanto, \emptyset vende pra comprar alguma coisa e o outo fazer pamonha e cozinhar. Áh, eu gosto de fazer uma pamonha no São João. (Inq. 0274, faixa 2, mulher, FPFS)
- b) A gente vai no hospital, \emptyset visita os duente, \emptyset visita os legionário mesmo, os que é afastado, que é disviado. (Inq: 0793, faixa 3, mulher, FPVC)

c) INQ Para a água correr melhor?

INF1 Para a água correr, que ia [...] para as presas, e depois a gente ia-se tapar a presa, que \emptyset ia regar... Isto [...] era lindo, lindo! (Inq. 0064, faixa 2, mulher, FPPE)

3) Sujeito explícito nós

3. a) É, e **nós** temos que respeitar, né? e aprender a viver com defeito. Ninguém nasce sem defeito. Todos **nós** temo defeito. E o que é importante é que **nós** aprenda a viver, o que é importante é que a gente aprenda a viver com o defeito do outro, que se não aprender fica difícil. (Inq. 0370-1-2, faixa 3, homem, FPFS)

b) Quando **nós** casou ela casou ela tarra cum... catorze ano, **nós** casô ela cum catorze ano e eu cum... tinha vinte e treis ano (Inq. 0194, faixa 2, homem, FPVC)

c) INF1 Aguar a lã, **nós** fizemos. Está uma senhora a fiar num fuso, a outra senhora a fiar – **nós** tratamos, depois de o fuso estar cheio, **nós** tratamos a maçaroca –, juntamos os dois fios, é [...] o aguar, para o fio ficar mais grosso, para podermos trabalhar a malha da lã de ovelha, [...] para se conseguir... (Inq. 0011-2-3, faixa 1, mulher, FPPE)

4) Sujeito implícito nós

4. a) E a noite, daqui a pouco, ele tá lá, [ri] veno aquelas coisa e dizem: “ah eu vi, e tal, aconteceu e tal”. Algumas coisa na verdade que nós [innt]. Mas \emptyset sabemo de uma coisa, é que Deus nos dá também saber e \emptyset podemo ter conhecimento de alguma coisa. Inclusive [inint] certo? (Inq. 0361, faixa 3, homem, FPFS)

b) Eu num tinha vergonha de fazê um carrinho de madeira, porque minha mãe não tinha condições de me dá, fazê o que? ai o que nós fazia, nós ia num caçar faxina, \emptyset pegava uns preguim, \emptyset pregava ali nos carrim, \emptyset fazia umas roda de borracha de sandaia e \emptyset saía na rua correno, brincano. (Inq: 0174, faixa 2, homem, FPVC)

c) INF [...] É que nós trabalhámos aqui em conjunto e quando [...] \emptyset começámos aqui, \emptyset tínhamos, mais ou menos, um nível de vida escapatório: \emptyset tirávamos um ordenadozinho [...] muito razoável! \emptyset Tirámos um ordenadozito como tirava qualquer outro operário: um pedreiro, um carpinteiro. A gente safávamos-se aqui bem. (Inq. 0191-2-3-4, faixa 3, homem, FPPE)

5) Sujeito nulo (primeira menção – mos)

5. a) Eles me chama de professor, quanto isso eu entendo um pouquinho, na área de amador, mas eu entendo um pouquinho. E aí **começamos**, quando o... é:: fundou aqui a associação [ôh filha tem o troco?]. [toma o troco, dez centavo de troco]. E aí **começamos**, quando **fundamos** a associação aqui, aí sim começou a clarear, nós pensamos em um campo de futebol. (Inq: 0383, faixa 3, homem, FPFS)

b) Eu a conheci numa festa e daí pra cá, **começamos** a namorar, **ficamos** noivos, não deu certo, eu me casei, ela foi para São Paulo, separei da da primeira mulher, ela chegou de São Paulo e **reatamos**, **estamos** vivendo há vinte anos. (Inq: 0046, faixa 3, homem, FPVC)

c) INF [...] Miga-se um bocadinho da carne mais miuduchinha e põe-se um coisinho de arroz, e pimenta [...] e enche-se aquilo. Depois põe-se ao fumeiro, depois **cozemos** aquilo inteiro – assim como está, inteirinho – e **comemos** assim às talhadinhas. Faz-se um caldo verde, ou um puré, ou [...] uma batatinha frita, uma saladinha e come-se aquilo assim. (Inq. 061-2, faixa 3, mulher, FPPE)

Como mencionado anteriormente, para quantificar a explicitude dos pronomes, foram considerados os sujeitos nulos, a partir da segunda menção como formas implícitas do pronome lexical que antecede a construção com o sujeito de 1PP não realizado lexicalmente; e consideramos como “nulo” o sujeito de 1PP em sua primeira menção, tomando como base o mesmo critério utilizado para a classificação de Vieira (2014) para o PB, e justificado no PE pela aceitabilidade do uso de “a gente” em concordância com verbos de 1PP e no PB pelo uso de “nós” juntamente com verbos de 3PS.

No PB, deparamo-nos com um inquérito em que não foi possível atribuir à forma implícita o uso de “nós” ou de “a gente”, uma vez que o falante faz uso de ambos os pronomes de 1PP concordando com verbos em P3, como mostra o exemplo abaixo:

5. e) Doc: Qu’ é que acontece aqui no São João?

Inf: É:: tem forró, às veze, **nós** tem um grupo aqui, **a gente** faz um grupo, **nós** faz, **compra** carne, **faz** churrasco, todo mundo com suas namorada, **dança** e aí a gente manhece o dia. (Inq. 0201, faixa 2, homem, FPFS)

Analisamos, também, os pronomes de 1PP na função de complemento de preposição e de objeto direto. Assim, com relação ao fator complemento, analisamos as ocorrências das formas “nós” e “a gente” em: complemento oblíquo adjunto (exemplos **6.a** e **6.f**) ou argumento dativo (exemplo **6.b**), genitivo (exemplo **6.c**) ou outro complemento de preposição e complemento direto (exemplos **6.d** e **6.e**).

6. a) INF1 Lá nada, homem! Lá para Moçambique, Angola, para esses lados, os gajos não fazem outra coisa: batucam, não é? Mas é, no entanto, é, infelizmente... Infelizmente **para nós**, a tradição nesse caso está morrendo. (Inq. 0034, faixa 1, homem, FPPE)

b) Aí eles evinha...botando os cavalo pra cima do passei... e ele puxando... puxando o cavalo... pá botá no passei pa passá em cima **de nós**... (Inq. 0642, faixa 2, mulher, FPVC)

c) A pessoa fazeno a parte **da gente**, pronto. Cê tem tudo na vida. (Inq:320, faixa 2, homem, FPVC)

d) A gente, a gente vain pru grupo, lá elas faz exercício cum a gente, explica as coisa pra gente né? e quande elas pode **carregar nós** elas carrega, tem os carro pa **carregar nós** e é muito bom a terceira idade. (Inq. 0764, faixa 3, mulher, FPVC)

e) O segundo já foi melhor. Já tinha também, né, as agente, as coisa no segundo, então pra mim foi tudo melhor de que na primeira. As coisa foi melhorano, começou a ter agente e tudo, a **orientar a gente**, então foi melhor. Foi melhor. (Inq. 0068, faixa 1, mulher, FPFS)

f) Que depois qu'ele foi prefeito não passou nem a máquina aqui na Matinha ainda. Depois qu'ele tomou conta, não passou a máquina aqui ainda, na Matinha. Esse negócio de água, que agora começa o sofrimento **da gente**, é agora a água, toda cisterna baixa (Inq. 242, faixa 2, mulher, FPFS)

4.2.2 Variáveis independentes

Para a análise das ocorrências verificamos algumas variáveis das quais retiramos os fatores apresentados no trabalho para averiguar se poderiam influenciar o uso dos pronomes de 1PP.

As variáveis verificadas, das quais retiramos os fatores considerados na pesquisa, foram: tipo de verbo; tipo de predicado; tempo verbal; modo verbal; concordância verbal (flexão); saliência fônica; grau de determinação do referente; faixa etária e sexo. Alguns exemplos das ocorrências seguem abaixo:

1) Tipo de Verbo

Para análise dessa variável, partimos da hipótese que o tipo de verbo é um fator importante para o condicionamento do uso dos pronomes de 1PP “nós” e “a gente”.

-Verbo transitivo acusativo de dois ou três lugares

1. a) Capim santo também, serve também. É:: não tem noz moscada, mas a gente **compra**, que também é ótimo pra tudo. (Inq. 0259, faixa 2, mulher, FPFS)

b) A primeira educação que nós **temos** é a do pai e da mãe na im nossa casa, certo, é o pai e a mãe que ensina nós **cumê** de gaufo, porque meu pai e minha mãe ô... minha mãe me ensina nós **cumê** de gaufo, pa quando ela saí cum nós assim, no num canto assim, na casa duma pessoa mais assim tendeu? A gente sabê cumê, num fazer ela passá vergonha. (Inq. 0542, faixa 1, mulher, FPVC)

c) INQ2 Urza-, urza-, urzela?
INQ1 'Urzadela'?

INF1 Não, é outro nome que a gente **dá**. Aquele nome [...] daquela árvore, que a gente recolheu, que faz o amarelo? (Inq. 0026, faixa 1, mulher, FPPE)

- Verbo transitivo de dois lugares com complemento oblíquo

1. d) Eles me chama de professor, quanto isso eu entendo um pouquinho, na área de amador, mas eu entendo um pouquinho. E aí começamos, quando o... é:: fundou aqui a

associação [ôh filha tem o troco?]. [toma o troco, dez centavo de troco]. E aí começamos, quando fundamos a associação aqui, aí sim começou a clarear, nós **pensamos** em um campo de futebol. (Inq. 0386, faixa 3, homem, FPFS)

e) Aí a gente chegô, entregô os rezisto, aí ela mandô a gente **ir** pra outra sala, a gente **foi** pra outra sala. (Inq: 501, faixa 1, mulher, FPVC)

f) INF Que a gente depois de **ir** para o mar, temos de escolher a maré, claro, quanto mais pequenino seja o mar para a gente conseguir sair. (Inq. 0080, faixa 2, homem, FPPE)

- Verbo inacusativo

1. g) Depois levaru peru, levaru galinha, levaru tudo dela, e por aí continua. A gente tinha um porco aqui, tirou acho que tem umas três semana, a gente não dormia, qu'ele tava grande, sabe? Tava com cinqüenta quilo, a gente não **dormia** pensano deles chegar e levar." (Inq. 0237, faixa 2, mulher, FPFS)

h) Eu ispero minha fia ...as ... nós aqui dá o ... a saúde, nós nós pra nós vivê na Terra e ...se nós **morrê** ispera a saRvação ... (Inq: 0751, faixa 3, mulher, FPVC)

i) INF Que a gente depois de ir para o mar, temos de escolher a maré, claro, quanto mais pequenino seja o mar para a gente conseguir **sair**. (Inq. 0082, faixa 2, homem, FPPE)

- Verbo inergativo

1. j) Doc: É? Conta aí como era as festa na época da senhora?

Inf: Era violão, sanfona. A gente **dançasva** frevo, pintava o diacho. Era... era três moça, que era nós era assim, mas só dançava a gente. (Inq. 0339, faixa 3, mulher, FPFS)

k) Ele foi, montô na carroça pra inrabar nós, nós **CORREU** lá pra baixo...(no mercadão) aí nós **correu** né? (Inq. 0657, faixa 2, mulher, FPVC)

l) No cepo levava uma chapa assim mais ou menos deste tamanho em ferro; e essa chapa tinha [...] um buraquinho onde trabalhava o eixo [...] da roda – onde trabalhava o eixo da roda. E depois nós **trabalhávamos** naquela roda, (que é) /com\ a tal coisa. Até já têm visto aí... (Inq. 227, faixa 3, homem, FPPE)

2) Tipo de Predicado

Nessa pesquisa, fizemos apenas a análise qualitativa do predicado complexo, juntamente com a análise do tipo de verbo. Abaixo seguem exemplos das ocorrências dos tipos de predicado encontrados:

- Predicado simples

2. a) [...] E foi uma coisa que depois eu não achei que valeu a pena, que a gente **era** amigo, a gente **trabalhava** junto, às veze, assim, final de semana, a gente **saia** daqui ia pra Salvador, ia tomar... ia pra praia, quando era de tardinha, a gente **voltava** e vinha

embora. E por causa disso eu perdi esse camarada por causa desse negócio, desse [inint]. (Inq. 0181-2-3-7, faixa 2, homem, FPFS)

b) Nós **cumprô** as coisa na loja da mulher... (init.) **passô** no Rondelli... **comprô** as coisa, quando nós vai subino naquela... na feirinha do Paraguai... (init.) fica aquele...(init.) dos barraquero...tá os dois lá... **BEBENDO**... fastô... e conhecero nós de novo... (Inq. 0644, faixa 2, mulher, FPVC)

c) INF Porque essa luz estava em frente, não deixava a gente **ver** as ondas.

INQ2 Ah!

INF Que a gente depois de **ir** para o mar, temos de escolher a maré, claro, quanto mais pequenino seja o mar para a gente conseguir sair.

INQ2 Pois.

INF [...] **Fomos** distraídos pela luz que não [...] deixava a gente **ver**, à distância, [...] os mares, para **escolher** a maré. Aconteceu. (Inq. 0079, faixa 2, homem, FPPE)

- Predicado complexo

2. d) [...] Sobre a saúde aqui, pra nós aqui **tá sendo** péssimo. Porque quando a gente sente alguma coisa a gente já imagina o dinheiro que a gente **vai gastar** só de um carro particular, pra poder dar um socorro a alguém. (Inq. 0057, faixa 1, mulher, FPFS)

e) essa minina ai que nós **ta previsto ver**, que ou casa ou junta, ai nós **vai ver** qual é que é melhor né? (Inq. 0240, faixa 2, homem, FPVC)

f) INQ1 Olhe, e o, o chicharro ou o carapau, como é que costumam apanhá-lo? Não cost-, não usam uma coisa também que tem assim um, uns bicos?

INF Umas toneiras.

INQ1 Também?

INF Apanha-se aí quando a gente [...] vimos aí [...]... Agora também já não **usamos a ir** a essa pesca. Porque é na altura que a gente **anda a pescar** com as redes de arrasto. Apanhava-se quando se dedicámos à pesca de (lula), apanhava-se. (Inq. 0119, faixa 2, homem, FPPE)

- voz passiva

2. g) Doc: Hum, hum. E quando você foi paquerar sua esposa teve que falar palavra bonita?

Inf: É: falei muito, né? falou. Porque foi uma coisa assim [inint] foi uma coisa de surpresa assim, nós não noi... nós não demoremu muito pra ver o outo. Não demorei muito pra conhecer ela. Assim que a gente começou... eu conheci ela, a gente começou a namorar e foi levano a vida e foi a gente:: **se ajuntou**. É, sempre os casal tem muitas coisa um pra dizer o outo, né? de bonito, né? (inq. 0041, faixa 1, homem, FPFS)

h) as vezes a gente mermo **se sente** enquadrado pelo várias pessoas (Inq. 0002, faixa 1, homem, FPVC)

- Condicional

2. i) Doc 2: E o que vocês fazem pra se divertir aqui?

Inf: Nada, as veze a gente **se diverte quando** vem um carro de som, tem alguma, eles manda alguma... algum carro de som aí, somente. É muito raro, é durante... durante eleição, campanha a gente via sempre festinha aqui, animano aqui, mas agora não tem [inint]. (Inq. 0104, faixa 1, mulher, FPFS)

2. j) Se a gente ir pra outro canto assim, a gente pode ficar, mais sente muita falta, eu acho que sente muita falta (Inq. 0196, faixa 2, homem, FPVC)

3) Tempo Verbal

Para análise dessa variável, partimos da hipótese de que: (1) o uso dos pronomes de 1PP está relacionado ao tempo verbal; (2) o tempo presente e passado perfeito do modo indicativo favorece a presença do morfema de 1PP (-MOS), isto porque, diferentemente dos outros tempos e modos, possuem apenas um paradigma flexional que amalgama as noções de tempo, de modo, de aspecto, de pessoa e de número.¹³

Abaixo seguem alguns exemplos de ocorrências:

- Presente

3. a) Doc: Qual a que dá mais trabalho?

Inf: A mandioca.

Doc: Por quê?

Inf: A gente **pranta**, depois que **pranta** tem que limpar ela, sempre cultivano ela, até ela ficar num estado da pessoa colher. (Inq. 0153, faixa 2, homem, FPFS)

b) Cumé que nós **vai** ali naquele final de semana fazê bagunça e ce num vai? Purquenãaaao? ah nós **vamo** bater um sambão mo::ço! (Inq. 0244, faixa 2, homem, FPVC)

c) INF1 Mas aí o marchante tem que saber o que é que vai partir também. Por isso é que a gente **chama** marchante. Portanto, vem de marechal, está a perceber?

INQ Hum-hum. Pois.

INF1 Chamam marchante. Mas para mim, no meu entender, era marechal que eles queriam dizer, mas como **falamos** o calão, há muitas palavras [...] que não são aquilo que [...]... Quer dizer, que não são pronunciadas como são escritas. Ainda hoje, para lhe dizer a verdade, ainda hoje na nossa freguesia [...] há pessoas, quando falam, que falam mas falam à antigamente e [...] em vez [...] de dizerem "janela" dizem 'jinela' (Inq. 0035, faixa 1, homem, FPPE)

- Pretérito perfeito

3. d) Doc: Se ela fosse mais compreesiva você estaria com ela?

Inf: Tava, tava, que foi uma pessoa qu'eu conheci, a gente se **conhecemi** de menino, **crecemo**, não sei como **namoremo** e **criamo** família. (Inq. 0175, faixa 2, homem, FPFS)

¹³ Esta hipótese vale para as variáveis tempo, modo e flexão.

e) Quano nós **casou** ela casou ela tarra cum... catorze ano, nós **casô** ela cum catorze ano e eu cum... tinha vinte e treis ano (Inq. 0194, faixa 2, homem, FPVC)

f) INF [...] É que nós **trabalhámos** aqui em conjunto e quando [...] **começámos** aqui, tínhamos, mais ou menos, um nível de vida escapatório: tirávamos um ordenadozinho [...] muito razoável! **Tirámos** um ordenadozito como tirava qualquer outro operário: um pedreiro, um carpinteiro. A gente safávamos-se aqui bem. (Inq. 0190, faixa 3, mulher, FPPE)

- Pretérito imperfeito

3. g) Doc: É? Conta aí como era as festa na época da senhora?

Inf: Era violão, sanfona. A gente **dançava** frevo, **pintava** o diacho. Era... era três moça, que era nós **era** assim, mas só **dançava** a gente. Uma ia dançar com seu par, outa dançava, mas pa ir era, [inint] junto, qu'era duas amiga qu'eu tinha mehmo de verdade. No meu tempo, eu achava as festa muito legal, muito calma, mas hoje em dia. (Inq. 0339, faixa 3, mulher, FPFS)

h) A gente **brincava** de jogar bola, eu jogarra bola, nós **briuncava** de esconder, nós **brincava** de... de ... is... é negócio que eles falaria pa pai Rafael ah vai dar bença fulano, nós **ia** (Inq. 0169, faixa 2, homem, FPVC)

i) INQ1 Ah, pois.

INF Mesmo que houvesse qualquer problema de mais grave com o mais novo, a gente **tentávamos** tudo por tudo. Nunca o **deixávamos** lá ficar. (Inq. 0096, faixa 2, homem, FPPE)

- Pretérito mais que perfeito

3. j) INF1 Pronto, isso também a gente aqui temos. A gente **aprendêramos** isto sozinhas.

INQ1 Pois.

INF1 Porque as pessoas mais velhas não nos ajudaram nada. (Inq. 0002, faixa 1, mulher, FPPE)

- Futuros

3. l) Meu sonho é qui tivé um concus::aí, nós **fazê** o concus::né? Todos nós **passá** no concus:: (Inq. 0321, faixa 2, homem, FPVC)

m) Depois apareceu o alumínio; o alumínio primeiro começou a aparecer com boa qualidade; depois era já mesmo com má qualidade, mas muito barato, [...] reduziu a louça. A gente chegávamos a pontos de só **fabricarmos** já era vasos para flores [...] e cântaros para a água, porque o alumínio [...] não prestava para a água. E depois começámos a não ter escoamento do produto. (inq. 0199, faixa 3, homem, FPPE)

4) Modo Verbal

Fizemos a análise qualitativa dessa variável em conjunto com o tempo verbal. Abaixo seguem exemplos de ocorrências:

- Indicativo

4. a) Doc: Qu'ê que acontece aqui no São João?

Inf: É:: tem forró, às veze, nós **tem** um grupo aqui, a gente faz um grupo, nós **faz**, **compra** carne, **faz** churrasco, todo mundo com suas namorada, **dança** e aí a gente **manhece** o dia. (Inq. 0198, faixa 2, homem, FPFS)

4. b) Eu queria que melhorasse tudo assim né... é ter bastante... assim bastante movimento, num ter assim, até na onde a gente **passa** assim, a gente num **tem** nem, como se a gente fô po centro a gente vai chegar com centro todo... com os pés todo empoeirado, porque lá é () véi empoeirado demais demais ... é mermo (Inq. 0018, faixa 1, homem, FPVC)

4. c) Nós **tínhamos** mais ou menos [...] as medidas que, por exemplo, a gente **fazia** vinte, ou trinta, ou quarenta, ou cinquenta blocos, [...] e depois íamos fabricar essas peças. Mais ou menos, as peças [...] era tudo um lote, tudo um lote – chamados esses os lotes –, que até mesmo depois para a venda [...] e tudo serve esse lote. Era um lote pequenino, lote médio, lote acima. (Inq. 0253, faixa 3, homem FPPE)

- Subjuntivo

4. d) É, e nós temos que respeitar, né? e aprender a viver com defeito. Ninguém nasce sem defeito. Todos nós temo defeito. E o que é importante é que nós **aprenda** a viver, o que é importante é que a gente **aprenda** a viver com o defeito do outro, que se não aprender fica difícil. (Inq. 0372, faixa 3, homem, FPFS)

e) Eu queria que melhorasse tudo assim né... é ter bastante... assim bastante movimento, num ter assim, até na onde a gente passa assim, a gente num tem nem como, se a gente **fô** po centro, a gente vai chegar com centro todo... com os pés todo empoeirado, porque lá é () véi empoeirado demais demais ... é mermo (Inq. 0020, faixa 1, homem, FPVC)

f) INF Isto para cozer depois [...] tinha que ter uma determinada enxuga – verdadeiramente enxuto, não é? Tinha que estar verdadeiramente enxuto. [...] Se fosse para o forno [...] mal seco, depois no forno racha tudo. [...] Tem que ter [...] uma enxuga mesmo que a gente **verifique** que está mesmo enxuto por fora e por dentro, [...] para aguentar depois o fogo. (Inq. 0283, faixa 3, homem, FPPE)

- Infinitivo

4. g) Tem uma pessoa doente, aí a gente tem como **comprar** um remédio nosso e nós **dar**. Chegar São João e nós **dar** o São João. Chegar Semana Santa a gente tem que **trabalhar** em cima disso, estamo no plano, eu e {meus} menina, meu marido, foi esse que entrou aqui, aquele com camisa branca que mandou dar água a N. É o filho dela, então a gente num tem casa. Essa casa aqui não é da gente, é do irmão dele, a gente comprou os bloco, tá comprano os bloco. (Inq. 0299, faixa 2, mulher, FPFS)

h) Então o causo deles é esse, que tem hora que no, não adianta a gente se se **meter** com um cara desse, tudo pro que a gente vai **compricar**, ficar a se se:: tornar a merma qualidade deles né? (Inq. 0344, faixa 3, homem, FPVC)

i) INQ1 Pois, pois, pois.

INF Porque essa luz estava em frente, não deixava a gente **ver** as ondas.

INQ2 Ah!

INF Que a gente depois de **ir** para o mar, temos de escolher a maré, claro, quanto mais pequenino seja o mar para a gente conseguir sair.

INQ2 Pois.

INF [...] Fomos distraídos pela luz que não [...] deixava a gente **ver**, à distância, [...] os mares, para escolher a maré. Aconteceu. (Inq. 0082, faixa 2, homem, FPPE)

-Gerúndio

4. j) FPFS (0292) M. G. Tem um que já vai dar é:: botões, linha, um bocado de coisa. Porque o pedaço que der pra fazer short {ou calça ou brusa}, já vende por cinquenta centavos ou um real e a gente **registrano** a associação disse que entra uma verba e então a verba aí... essa verba a gente tem que trabalhar em cima dela direitinho pra poder chegar Natal e a gente comprar as roupinha igual eu falei, um brinquedinho pr'as criança, uma cesta básica, né? (Inq. 0292, faixa 2, mulher, FPFS)

k) Quano eu tarra ni fazenda, eu trabaiava era pros zoto, eu trabaiava era pro zoto, então eh a gente luitava muito, eh era mexendo com gado com esses (init), a gente andava muito eh de cabeça quente, entom ((risos)) a gente **andano** assim é é melhor né? mais sussegado é melhor então, a gente trabalhava muito (Inq. 0421, faixa 3, homem, FPVC)

l) INF1 ela é mais velha de que eu um ano –, a minha colega, que é que aprendeu mas foi por alto. [...]

INQ2 E aprendeu aonde?

INF1 Foi com uma senhora mais velha mas só lhe deu umas explicações.

INQ2 Ah, que esquisito!

INF1 E então, a gente **indo** por nós, é que já fôramos tirando uns repassos [...] e **aprendendo**. (Inq. 0005, faixa 1, mulher, FPPE)

5) Concordância Verbal (flexão)

A concordância verbal foi uma variável significativa para explicar diferença de gramática entre PE e PB na pesquisa. Para esta análise partimos da hipótese de que a flexão verbal é um ponto de grande distanciamento entre ambas as gramáticas. Abaixo seguem exemplos de ocorrências:

- Primeira pessoa plural (P4)

5. a) Hoje eu não me... hoje eu não converso com o pai dele... dela não. A gente hoje **somo** inimigo. (Inq. 0021, faixa 1, homem, FPFS)

b) Agora nesses feriado ai de da semana santa eu que eu fui lá pa roça, fiquei com meu pessoal todo, **fiqúemo** lá até até segunda-fera, segunda-fera nós **voltemo** pra cá de novo (inq. 390, faixa 3, homem, FPVC)

c) INQ Estavam a aguar a lâ com lâ.

INQ2 Sim senhora.

INF1 É. Aguar era – nós **aguávamos**, a minha mãe também era igual –, era: nós **aguávamos** um fio com fio para ficar mais forte.

INQ1 Pois, pois, pois. Para ficar um fio duplo.

INF1 É isso. Nós **estamos** assim.

INQ1 Ah, exactamente. Claro.

INF1 Nós **tratamos** aguar é juntar um fio duma com um fio doutro e para ficar mais seguro. (Inq. 0017, faixa 1, mulher, FPPE)

- Terceira pessoa singular (P3)

5. d) Doc: Qu' é que acontece aqui no São João?

Inf: É:: tem forró, às veze, **nós tem** um grupo aqui, **a gente faz** um grupo, **nós faz**, compra carne, faz churrasco, todo mundo com suas namorada, dança e aí **a gente manhece** o dia. (Inq. 198, faixa 2, mulher, FPFS)

e) Nós **começô** a trabalhá logo cedo em casa dos outro, e pa ajudá dentu de casa também e comprá suas coisinha, suas ropa, seus sapato e de tudo aquilo que nós **quiria**, aí depois que nós **cresceu**, nós mesmo **cumprava** (Inq. 0528, faixa 1, mulher, FPVC)

f) INQ Ai é? Pois.

INF1 A gente, às vezes, ele, por esta hora – nós, **era** quase sempre aquando era às dez horas da noite – é quando nós devíamos de vir para casa. Que nós chegávamos a casa, tudo sempre tudo aí para as dez horas da noite. Era assim já sempre de noite aquando a gente **vinha**. (Inq. 0056, faixa 2, mulher, FPPE)

6) Saliência Fônica

Diversos estudos têm demonstrado que o fator saliência fônica é condicionante para o uso de formas distintas em competição. Em dados referentes à alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista Rubio (2012) dividiu a saliência fônica verbal em quatro níveis: esdrúxulo, máximo, médio e mínimo. Baseado em Naro *et. al.* (1999) e em Rodrigues (1987) o autor propõe a seguinte divisão:

i) **saliência esdrúxula** - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição vogal/vogal-mos não é tônica nas duas formas. Ex. *cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos*;

ii) **saliência máxima** - ocorre mudança no radical e a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou duas formas. Ex.: *é/somos, fez/fizemos, veio/viemos*;

iii) saliência média - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica nas duas formas. Ex.: *comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos;*

iv) saliência mínima - a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: *assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/ damos, está/estamos, fazer/fazermos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos.* (Rubio, 2012, p. 171)

O autor tratou de forma diferenciada contextos de verbos proparoxítonos denominado, pelo mesmo, “saliência esdrúxula”. Nesse sentido o autor defende a ideia de que

o fator *saliência fônica verbal*, além de influenciar os fenômenos de variação na CV, influencia também a seleção do pronome de 1PP, principalmente entre os falantes com maior escolarização e do gênero feminino, que optariam pelo uso da forma *a gente*, pouco estigmatizada socialmente, em contextos em que se evidenciassem maiores níveis de saliência entre a forma de 1PP e 3PS, como os são os contextos de verbo proparoxítono em 1PP, aqui denominados de casos de *saliência esdrúxula*. (RUBIO, 2012, p. 238)

Neste trabalho adotamos a mesma forma de divisão dos níveis de saliência proposta por Rubio (2012). Para essa análise, partimos da hipótese que a variável saliência fônica é um fator importante para o condicionamento do uso dos pronomes de 1PP. Abaixo segue alguns exemplos das ocorrências encontradas:

- Esdrúxula

6. a) Um campo de futebol. E esse campo foi [inint], como se diz ali, a menina que mora ali ao lado. E aí nós **pagava** o aluguel, [inint] associação comunitária, associação comunitária, a primeira associação criada pelo MOC foi aqui na Matinha. O sindicato, todo mundo do sindicato é daqui da Matinha. (Inq. 0387, faixa 3, homem, FPFS)

b) as veiz nós **botava** um cabaço num pineu e **saia** disgovernado ali brincano (Inq. 0179, faixa 2, homem, FPVC)

c) INQ1 Rhum-rhum.

INF Tenho uma partezita aí de escritório. Nós **tínhamos** aqui [...] uma casa assim comprida [...] – que depois eu até demoli quando foi para fazer isto; estava assim já muito velho e eu demoli-o. [...] E então **tínhamos** fixado [...] uma ferramenta que nós lhe chamamos a roda de oleiro. [...] Era fixada ali [...] numa bancada – nós **tínhamos** uma bancada comprida –, era ali fixada, e por baixo levava um cepo grande. (Inq. 0223, faixa 3, homem, FPPE)

- Máxima

6. d) Doc: Por aqui o pessoal conta assim história de terror, é:: de fantasma, essas coisa, conta?

Inf: Contavam muito, mas ultimamente num... num conta, e o que contavu também não lembro, sei que contavu alguma coisa, mas agora novos ano, novo tempo, não contam mais, que a gente já **somo** de outa geração, já num... (Inq. 0036, faixa 1, mulher, FPFS)

e) Eu mesmo era gandaieiro, saidô, mais graças a Deus, mexer no que é dos otros e.. nunca nós... nunca aconteceu isso, nunca nós **feiz** isso, ninguém nunca... a.. até a ele falá que a a gente robô, ele.. eu achu que ele é excelente tamém com a gente e a gente mais com ele (inq. 0233, faixa 2, homem, FPVC)

f) INQ1 E, e quando não havia maçarico?

INF A gente cá **é**... Eu [...] ainda nunca fiz com maçarico. A gente cá **é** com carqueja. (Inq. 0145, faixa 3, mulher, FPPE)

- Média

6. g) Doc: Se ela fosse mais compreesiva você estaria com ela?

Inf: Tava, tava, que foi uma pessoa qu'eu conheci, a gente se **conhecemi** de menino, **crescemo**, não sei como **namoremo** e **criamo** família. (Inq. 0175, faixa 2, homem, FPFS)

h) Quano nós **casou** ela casou ela tarra cum... catorze ano, nós **casô** ela cum catorze ano e eu cum... tinha vinte e treis ano (Inq. 0195, faixa 2, homem, FPVC)

i) INQ2 Urza-, urza-, urzela?

INQ1 'Urzadela'?

INF1 Não,é outro nome que a gente dá. Aquele nome [...] daquela árvore, que a gente **recolheu**, que faz o amarelo? (Inq. 0027, faixa 1, mulher, FPPE)

- Mínima

6. j) Doc 2: E São João aqui como que é?

Inf: A gente **planta** milho no dia de São José, e dá mesmo, com a terra seca e dá, a gente ter fé nele e dá. Agora a menina tá limpano a terra, aí já tá limpano pra plantar dia dezenove. A gente **pranta** dia dezanove e deixa. Aí dia de São João tá madurinho. A gente **tira** um tanto, **vende** pra comprar alguma coisa e o outo fazer pamonha e cozinhar. Áh, eu gosto de fazer uma pamonha no São João. (Inq. 0270, faixa 2, mulher, FPFS)

k) A mãe sempre que é bom pu fí né? A merma coisa é u pai, é, nós **compartilha** beim. (Inq. 0089, faixa 1, homem, FPVC)

l) INF Com a névoa, a gente [...] **fica** desorientados de [...] tal maneira que [...] não se **podemos** orientar. Ainda no mar ainda, às vezes, se orientamos pela vaga. A vaga, ele a gente que **sai** do local, por exemplos, da amarração do barco – é que eu tenho tido barcos em Sines –, depois quero ir para rumo tal, saio [...] da amarração e [...] vejo logo como é que a vaga está, oriento-me pela vaga. (Inq. 0123, faixa 2, homem, FPPE)

7) grau de determinação do referente

Em contextos de alternância pronominal, Rubio (2012), em dados investigados da variável “grau de determinação do sujeito”, observou que o uso de “a gente” está ligado ao sujeito mais genérico e indefinido ao passo que o uso de “nós” vai ao encontro de um contexto mais específico e definido.

Partimos da hipótese que o grau de determinação do referente influencia e/ou justifica o uso dos pronomes de 1PP. Alguns exemplos das ocorrências encontradas seguem abaixo:

- Genérico e indefinido

7. a) Que as vez um se mete ne encrenca, e aquele que se mete ne encrenca e o outo vê e não pode largar só, tem de tá junto. Mas hoje ante **a gente** andar só do que acompanhado. (Inq. 0012, faixa 1, homem, FPFS)

b) Achi qui isso é várius, num teim nem como a gente explicá né? **A gente** quando qué fazê uma coisa, **a gente** teim qui tá nas orações da gente pedindo a Deus. (Inq. 0122, faixa 1, homem, FPVC)

c) INF1 Os bailaricos folclóricos, nós também os temos cá. E isso é tradição do continente. Embora **a gente** saiba que é do continente, pois a gente – não é? –, **a gente** é a nossa tradição. Já não é o mesmo bailarico que é lá feito,

INQ1 Claro.

INF1 mas é idêntico.

INF2 É. [...]

INF1 Portanto, herdámos de lá. (Inq. 0030, faixa 1, homem, FPPE)

- Genérico e definido

7. d) Não é muito fácil **a gente** encontrar um carro aqui não. Se **a gente** adoecer tem que pedir muito a Deus pa ter algum carro disponível. Sobre a saúde aqui, pra **nós** aqui tá sendo péssimo. Porque quando **a gente** sente alguma coisa **a gente** já imagina o dinheiro que **a gente** vai gastar só de um carro particular, pra puder dar um socorro a alguém. (Inq. 0054, faixa 1, mulher, FPFS)

e) Meu sonho é qui tivé um concus::aí, **nós** fazê o concus::né? Todos **nós** passá no concus:: (Inq. 322, faixa 2, homem, FPVC)

f) INQ1 Olhe, e o, o chicharro ou o carapau, como é que costumam apanhá-lo? Não cost-, não usam uma coisa também que tem assim um, uns bicos?

INF Umas toneiras.

INQ1 Também?

INF Apanha-se aí quando **a gente** [...] vimos aí [...]... Agora também já não usamos a ir a essa pesca. Porque é na altura que a gente anda a pescar com as redes de arrasto. Apanhava-se quando se dedicámos à pesca de (lula), apanhava-se. (Inq. 0117, faixa 2, homem, FPPE)

- Específico e definido (misto)

7. **g)** Ela mora aqui também perto. **A gente** mora tudo aqui pertinho. Conheci assim... eu nem sei dizer, viu? Porque a gente as vez novo demais a gente esquece das coisa que aconteceu no passado, né? Sempe vai lembrano o que tá ausente, né? (Inq. 0017, faixa 1, homem, FPFS)

h) Elis ainda tá no criterio delis, o qui elis isculê, **nós** apoia, né? Se a gente vê qui é bom i eles quer. (Inq. 0090, faixa 1, homem, FPVC) [se refere a ele e a esposa]

i) INF Já lá vou há onze anos. Ora, se **a gente** gasta dinheiro! Eu nunca vou sozinha, vou sempre com uma companhia. Sou acompanhada. Não posso ir sozinha. **A gente** gasta sempre. Nem que a Caixa pague alguma coisa, mas o dinheiro que (vem assim) é o **nosso**. E eu pensei... O meu homem está no desemprego ainda não há um ano. Ele faz um ano para o mês que vem. [...] Está desempregado. Está desempregado, ele agora não foi trabalhar porque – pronto! – [...] porque não quis, que ele está dentro do tempo da reforma. Ele mete os papéis para a reforma. E depois para onde ele ir já não lhe dá nem o papel do desemprego, compreende? (Inq. 0136, faixa 3, mulher, FPPE)

- Específico e definido (homens exclusivos)

7. **j)** Hoje eu não me... hoje eu não converso com o pai dele... dela não. **A gente** hoje somo inimigo. (Inq. 0021, faixa 1, homem, FPFS)

k) Todos os dia [...] vô na casa dum camarada meu, que ele sempre arruma um... um trabalho pra fazer, **a gente** faz constrói um algodão doce pra vender durante a semana, no sábado no domingo... as vezes (Inq. 0008, faixa 1, homem, FPVC)

l) INF Passei um bocadinho mais para fora, [...] porque **a gente** leva sempre um balde para tirar água.

INQ2 Pois.

INF Quando soube, diz-me o meu filho mais velho: "Pai, joguem-se à água que o barco está a ir ao fundo". Eu joguei-me à água mas o meu mais novo levava botas de borracha e **a gente** já vínhamos a chegar à terra quando o Germano me diz assim: "Pai, então [...] o Gervásio"? "O Gervásio"? **Olhámos**, não o **vimos**. [...] Quando ele gritou de dentro [...] do barco: "Germano anda-me cá buscar que eu não saio". "Não saio", tinha-lhe ficado então uma bota enleada na rede. (Inq. 0076, faixa 2, homem, FPPE)

- Específico e definido (mulheres exclusivas)

7. **m)** Dessa agora quando eu operei, eu tive que pagar o carro, que ne Muritiba eu dormi lá quando vim já vim sem o curativo, e aí a gente teve que pagar o carro. Foi eu minha irmã, uma mulé ali, **a gente** foi. Aí meu sobrinho arranjou um carro, **a gente** botemo a gasolina e ele foi buscar **a gente**, buscou, trouxe aqui, no outo dia vei buscar de manhã pra ir tirar o curativo e trazer em casa tra'vez. Aí **nós** só paguemo a gasolina porque foi meu sobrinho e o carro não era dele. Aí livrou de negócio de prefeito aqui minhas fia, o prefeito aqui, eles quer subir e a gente descer. (Inq. 0325, faixa 3, mulher, FPFS)

n) Quando **a gente** era pequena, **a gente** fazia cunzinhada, **a gente** brincava de brinquedo né? **A gente** botava aquelas cangaia nus nus cachorro e saia pa roça né?

dizeno que ia casar, fazer e ia casar, fazia batizado e tudo né? fazia piquenique, tudo isso é bom na infância da gente né não? (Inq. 0766, faixa 3, mulher, FPVC)

o) INF1 Pronto, isso também **a gente** aqui temos. **A gente** aprendêramos isto sozinhas. INQ1 Pois.

INF1 Porque as pessoas mais velhas não **nos** ajudaram nada. (Inq. 0001, faixa 1, mulher, FPPE)

Assim, apresentamos acima exemplos de dados encontrados no trabalho. É necessário esclarecer que, (1) apresentamos a frequência de uso geral os pronomes de 1PP “nós” e “a gente”, apenas na função sujeito de acordo com sua explicitude e/ou implicitude; (2) com relação aos objetos oblíquos ou dativos separamos as formas implícitas e explícitas para análise enquanto (3) na função de objeto direto apenas sua forma explícita foi analisada, já que houve poucas ocorrências da forma implícita, atestada somente na FPVC (2 ocorrências), e não foi atestada ocorrência dos pronomes nessa função na FPPE; e (4) quanto a realização dos pronomes “nós” e “a gente” nas funções sujeito e complementos verbais distribuímos, em um único quadro, as relações das funções analisadas para melhor evidenciar as diferenças e semelhanças encontradas nos *corpora*, fazendo suas respectivas relações. Os exemplos de cada função se encontram acima na seção 4.2.1.

É necessário esclarecer também que utilizamos as siglas PE e PB nas análises dos resultados como representação dos *corpora* analisados no trabalho.

Abaixo, no quadro 4, segue as sequências dos fatores considerados e analisados no trabalho:

Quadro 4: Fatores considerados na pesquisa

FATORES CONSIDERADOS
1. Frequência de uso geral (formas implícitas e explícitas)
2. Realização dos pronomes “nós” e “a gente” nas funções sujeito e complementos verbais
3. Realização dos objetos oblíquos ou dativos
4. Realização dos traços de 1PP na função de objeto direto
5. Tipo de verbo
6. Concordância verbal (flexão)
7. Tempo verbal
8. Tempo e flexão verbal
9. Saliência Fônica
10. Grau de determinação do referente

11. Faixa Etária

Fonte: Elaborado pela autora

Na próxima seção, apresentaremos os resultados quantitativos e qualitativos alcançados através da análise antes, porém, abordaremos brevemente sobre as regiões do PB analisadas.¹⁴

4.2.3 Feira de Santana e Vitória da Conquista¹⁵

Figura 3: Mapa do Brasil com localização de Feira de Santana e Vitória da Conquista



Fonte: Adaptada do site wikipedia

Feira de Santana é um município brasileiro do Estado da Bahia situado a 108 quilômetros de sua capital, Salvador. É a segunda cidade mais populosa do estado e primeira cidade do interior nordestino em população, ou seja, é a maior cidade do interior das regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste e Sul do Brasil, e, é também, a sexta maior cidade do interior do país. Sua população, de acordo com estimativa do IBGE de 2017 é de 627 477 habitantes, sendo a única cidade grande do interior do Norte, Nordeste e Centro Oeste do país, assim definida pelo IBGE na rede urbana do Brasil com uma área de 1304km².

¹⁴ Não abordaremos aqui sobre as localidades do PE por se tratar de 5 localidades diferentes (Santo Espírito, Fontinhas, Porto de Vacas, Melides e Santa Justa) de um *corpus* disponível na internet no site <http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/695-cordial-sin-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects>.

¹⁵ As informações aqui referentes às cidades de Feira de Santana e Vitória da Conquista foram extraídas do site <https://pt.wikipedia.org/wiki>.

Na Hierarquia urbana do Brasil, Feira de Santana é uma capital regional B e sede da maior região metropolitana do interior nordestino. É uma cidade consolidada no vale do Rio Jacuípe, na borda ocidental do Recôncavo, a leste dos planaltos semiáridos. O distrito do centro de Feira de Santana está localizado imediatamente a leste da confluência dos planaltos acidentados com o Rio Jacuípe e as planícies que se limitam com a zona da mata a leste, a cerca de 45 km de distância do Oceano Atlântico.

Vitória da Conquista é um município brasileiro do estado da Bahia. Sua população, conforme o IBGE, em 2017 é de 348 718 habitantes, o que a faz dela a terceira maior cidade do estado, atrás de Salvador e Feira de Santana, e a quarta do interior do Nordeste. Possui uma área de 3.204,257 km² e um dos PIBs que mais crescem no interior desta região. É a capital regional de uma área que abrange aproximadamente oitenta municípios na Bahia e dezesseis no norte de Minas Gerais. Tem uma altitude média de 923 metros nas escadarias da Igreja Matriz, atingindo os 1.100 metros nas partes mais altas.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos os resultados encontrados nos *corpora* do PB e do PE, aqui considerados, no que se refere à variação entre os pronomes de 1PP. Encontramos diferenças e semelhanças de uso dos pronomes entre PB e PE e entre comunidades do PB. Serão feitas análises quantitativa e qualitativa dos resultados.

O resultado atestado para a frequência geral de uso dos pronomes de 1PP revelou, nas variedades estudadas, que tanto no PB quanto no PE os falantes utilizam mais o pronome “a gente” como mostra a tabela 1:

Tabela 1. Frequência geral do uso dos pronomes de 1PP (formas implícitas e explícitas)

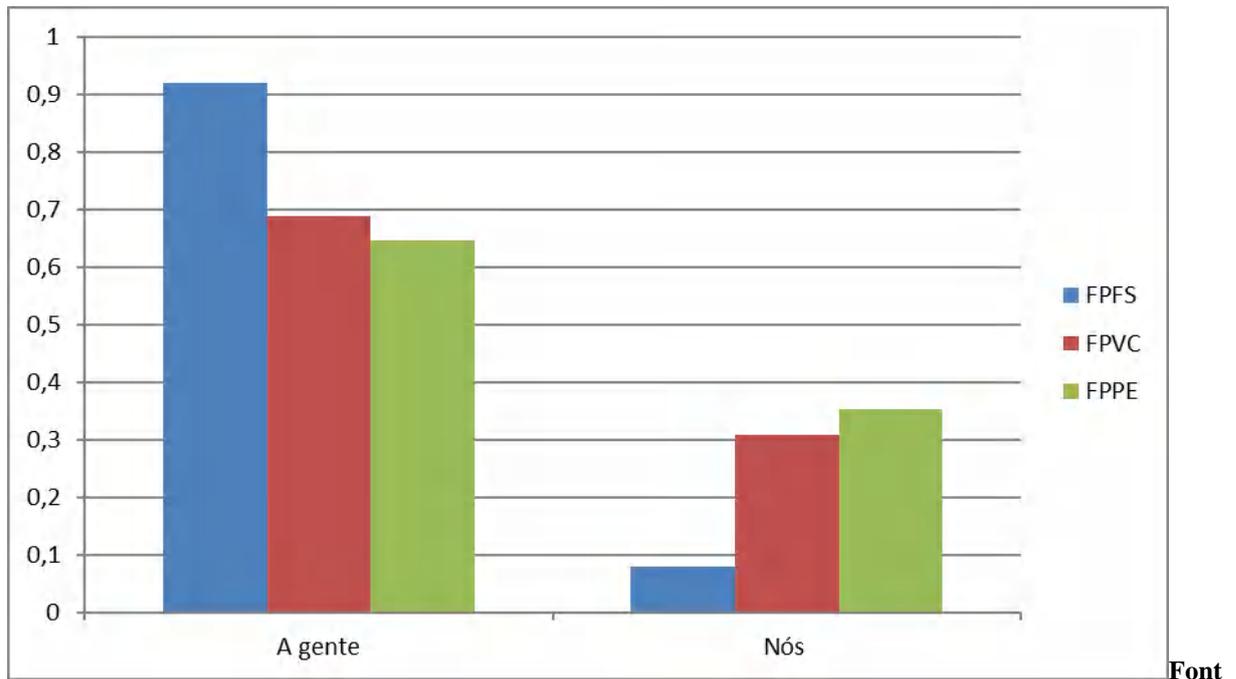
<i>CORPUS</i>	Pronomes sujeito			
	A gente		Nós	
	N. ocor/total	Frequência	N. ocor/total	Frequência
FPFS	301/327	92%	26/327	8%
FPVC	400/579	69%	179/579	31%
FPPE	119/184	65%	65/184	35%

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 1 atesta, também, que a FPFS obteve maior índice de frequência de uso do pronome “a gente” (92%) em relação ao pronome “nós” (8%). Em segundo lugar, ficou a FPVC com frequência de uso do pronome “a gente” de 69% e do pronome “nós” de 31%. Comparando-se os dados de falas das duas comunidades do PB, é possível observar as diferenças de uso dos pronomes, principalmente em relação ao uso do pronome “nós” (FPFS 8% e FPVC 31%).

Se entre os *corpora* do PB, por um lado, são encontradas diferenças quantitativas significativas quanto ao uso dos pronomes de 1PP, por outro lado, a frequência de uso dos pronomes na FPPE e na FPVC é semelhante. O uso de “a gente” na FPPE foi de 65% e de “nós” 35%, resultado bem próximo à frequência de uso de “a gente” e “nós” na FPVC que obteve 69% e 31% respectivamente.

Esses resultados estão melhor ilustrados no gráfico 1:

Gráfico 1. Frequência geral de uso *nós/a gente* FPFS, FPVC e FPPE (formas implícitas e explícitas)

e: Elaborado pela autora

Esses resultados mostram que, apesar de o pronome “a gente” ser dominante nas comunidades, o uso de “nós” é bastante utilizado. À luz da teoria gerativa, o fato de a FPFS utilizar com menor frequência o pronome “nós” do que a FPVC pode ser atribuída à forma como os membros das comunidades adquiriram, na infância, determinada forma de uso, ou seja, é de acordo ao *input* linguístico adquirido na infância que a criança irá utilizar as formas pronominais (nesse caso, “nós” e “a gente”) com maior ou menor frequência.

Rubio (2012), em investigação do *corpus* de fala da região Nordeste do Estado de São Paulo, pertencente ao *Banco de Dados de Iboruma*, atestou, em função sujeito, que a forma pronominal “a gente”, no PB, predomina sobre o pronome “nós” com percentagem de 73,8% e 26,2% respectivamente, ao passo que no PE, em investigações de amostras de falas de diversas regiões pertencentes ao *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, houve predomínio do pronome “nós” com 58% enquanto “a gente” obteve frequência de 42%. Os resultados do autor, em relação ao PB, não se distanciam dos nossos resultados (“a gente” 69% e “nós” 31%), já nos resultados referentes ao PE houve inversão de preferência de uso dos pronomes em relação aos nossos dados (“nós” 35% e “a gente” 65%) que pode estar relacionada à forma de aquisição da linguagem.

Ao separar as formas implícitas das explícitas, obtivemos os resultados da tabela 2:

Tabela 2. Frequência geral do uso das formas implícitas e explícitas de "a gente" e "nós"

Sujeitos				
FPFS	A gente	%	Nós	%
Explícito	199	66%	22	85%
Implícito	102	34%	4	15%
Total	301		26	
FPVC	A gente	%	Nós	%
Explícito	344	86%	157	88%
Implícito	56	14%	22	12%
Total	400		179	
FPPE	A gente	%	Nós	%
Explícito	108	91%	50	77%
Implícito	11	9%	15	23%
Total	119		65	

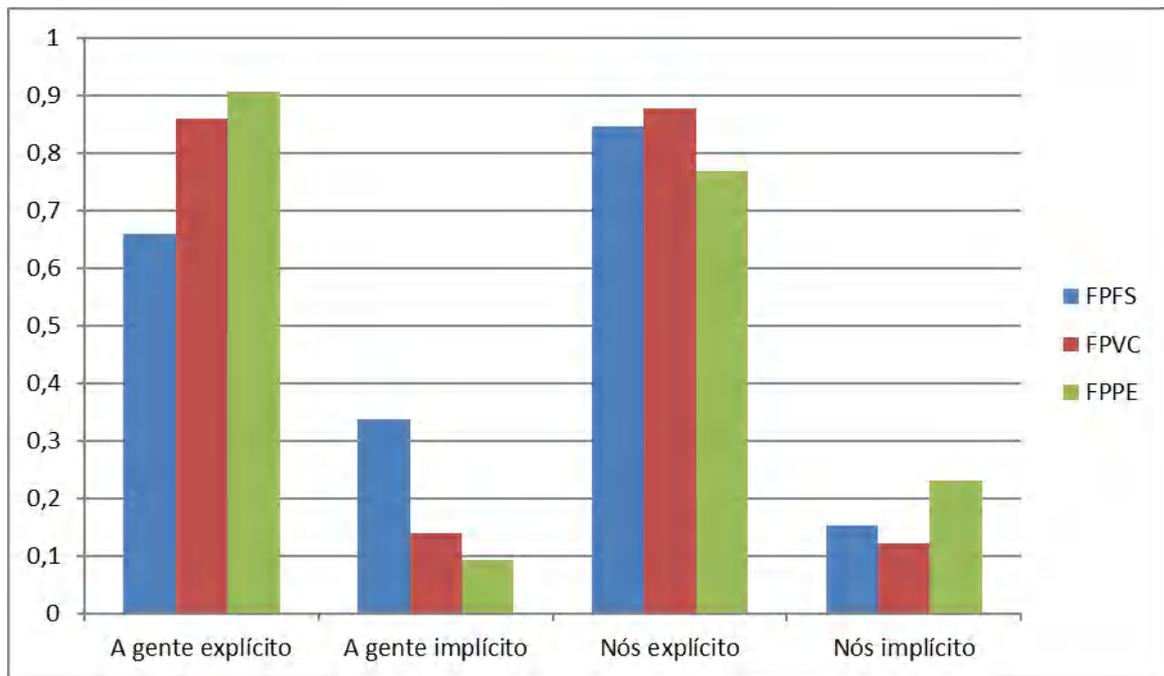
Fonte: Elaborada pela autora

Com relação à explicitude das formas “nós” e “a gente”, observamos, na tabela 2, que as formas explícitas dos pronomes são mais frequentes nos três *corpora* pesquisados. Na FPFS obtivemos 66% de “a gente explícito” contra 34 % de implícito e 85% de “nós” em sua forma explícita contra 15% de “nós implícito”. Na FPVC obtivemos 86% de “a gente explícito” contra 14% de implícito e 88% de “nós” em sua forma explícita contra 12% de “nós implícito”. E, na FPPE obtivemos 91% de “a gente explícito” contra 9% de implícito e 77% de “nós” em sua forma explícita contra 23% de “nós implícito”.

Destacamos que houve maior uso do pronome “a gente explícito” no *corpus* do PE em comparação aos *corpora* do PB, uma vez que houve menor uso de “a gente implícito” nas comunidades. O uso de “nós explícito”, por outro lado, obteve menor percentual de uso em relação ao PB, já que na FPPE o percentual de implícito foi maior em relação ao PB.

Apesar de as formas explícitas tanto "a gente" quanto "nós" serem mais realizadas que as respectivas formas implícitas nos dois *corpora* do PB, há uma diferença no patamar das frequências de "a gente". A frequência de uso de “a gente explícito” na FPFS foi de 66% e na FPVC foi de 86%, uma diferença de 20%. Quanto ao uso de “nós”, obtivemos uma frequência de explicitude e implicitude do pronome semelhante em ambos os *corpora* (FPFS – “nós explícito” 85% e “nós implícito” 15%; FPVC – “nós explícito” 88% e “nós implícito” 12%).

O gráfico seguinte mostra mais claramente os resultados da tabela 2:

Gráfico 2. Frequência geral do uso das formas implícitas e explícitas dos pronomes de 1PP

Font

e: Elaborado pela autora

Ao investigar os pronomes na função sujeito, Rubio (2012), em dados do PB, atestou frequência de uso do pronome “nós explícito” de 83,7% e de “nós implícito” de 16,3%. Esses resultados quantitativos se aproximam tanto dos resultados da FPFS (“nós explícito” – 85% e “nós implícito” – 15%) quanto dos resultados da FPVC (“nós explícito” – 88% e “nós implícito” – 12%).

Quanto ao uso do pronome “a gente”, na função sujeito, o autor atestou frequência de 88,1% de “a gente explícito” e frequência de 11,9% de “a gente implícito” em dados do PB, aproximando-se dos resultados da FPVC em relação ao mesmo pronome, ao atestar frequência de 86% de “a gente explícito” e 14% de “a gente implícito” e se distanciando da frequência de uso da FPFS quanto à explicitude e implicitude do sujeito (66% e 34% respectivamente).

Com relação aos dados do PE, Rubio (2012) atestou frequência de 67% de “nós explícito” e 33% de “nós implícito”. Os resultados do autor apresenta-se com uma diferença de 10 pontos percentuais em relação aos nossos resultados, já que foram atestados 77% de “nós explícito” e 23% de “nós implícito” em dados do PE.

O mesmo autor atestou, em dados do PE, frequência de 74,5% de “a gente explícito” e 25,5% de “a gente implícito”, distanciando-se de nossos resultados que obtiveram frequência de 91% e 9% de “a gente” explícito e implícito respectivamente.

5.1. Funções em que os pronomes de 1PP ocorrem

A tabela 3 apresenta os resultados dos pronomes de 1PP nas funções sujeito e complementos verbais:

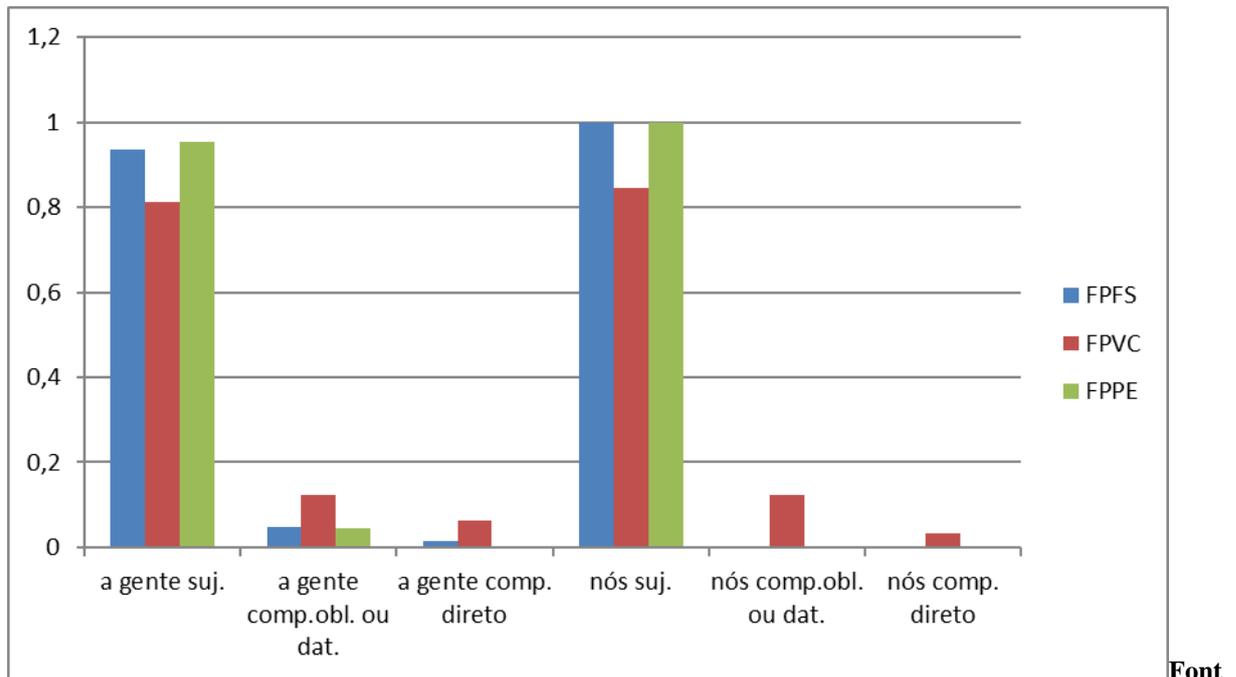
Tabela 3. Realização dos pronomes “nós” e “a gente” nas funções sujeito e complementos verbais

FPFS				
Pronomes explícitos	A gente	%	Nós	%
Sujeito	188	94%	21	100%
Complemento oblíquo ou dativo	10	5%	0	0%
Complemento direto	3	1%	0	0%
Total	201		21	
FPVC				
Pronomes explícitos	A gente	%	Nós	%
Sujeito	344	81%	157	84%
Complemento oblíquo ou dativo	52	12%	23	12%
Complemento direto	27	6%	6	3%
Total	423		186	
FPPE				
Pronomes explícitos	A gente	%	Nós	%
Sujeito	107	96%	50	100%
Complemento oblíquo ou dativo	5	4%	0	0%
Complemento direto	0	0%	0	0%
Total	112		50	

Fonte: Elaborada pela autora

Como está demonstrado na tabela 3, todas as variedades do português analisadas fazem maior uso dos pronomes “nós” e “a gente” na função sujeito, seguido da função complemento oblíquo ou dativo, com exceção do pronome “nós” na FPFS e na FPPE que obtiveram frequência de uso categórico na função sujeito. Essa semelhança de uso nos *corpora*, relacionado ao uso do pronome “nós” é apenas percentual, pois no PE o uso do pronome é atribuído à função sujeito e algumas funções oblíquas e é agramatical na função acusativa, como será melhor detalhado na seção 5.2. Já no PB, é comum pronome “nós” assumir todas as funções.

Na FPPE, somente o pronome “a gente” atestou uso em função de complemento com frequência de 4% (complemento oblíquo ou dativo), ao passo que na FPVC todas as funções foram preenchidas, evidenciando uma clara distinção entre os *corpora* que sinaliza diferença entre a gramática do PE e do PB. Os resultados encontrados estão ilustrados no gráfico 3:

Gráfico 3. Realização dos pronomes “nós” e “a gente” nas funções sujeito e complementos verbais

e: Elaborado pela autora

Há diferenças na qualidade do sujeito entre PE e PB. No PE, utiliza-se com muita frequência o sujeito nulo em oposição ao sujeito realizado lexicalmente. Já no PB, o sujeito nulo é pouco utilizado, mostrando que se trata de gramáticas distintas, como será demonstrado na tabela 10.

Há diferenças também no PB quanto ao uso dos pronomes. Algumas comunidades podem utilizar mais o pronome “nós” do que outras, como aconteceu entre a FPFS e a FPVC, ou atestar ou não a forma “nós” nas funções de complemento. A FPFS não atestou o emprego de “nós” nestas funções, já a FPVC atestou o emprego de “nós” tanto na função de complemento oblíquo ou dativo quanto na função de complemento direto. Na FPPE também não foi atestado o uso de “nós” nas funções de complemento, entretanto, como mencionado anteriormente e como será melhor abordado na seção 5.2, esse é um resultado esperado no PE.

De acordo com a teoria gerativa as diferenças entre os *corpora* podem estar relacionadas à aquisição da linguagem, que acontece de forma abrupta. Nesse sentido, é no decurso do desenvolvimento da fala inicial (FL₀) que se adquire uma determinada forma de uso da linguagem, cuja aquisição acontece através de dados linguísticos a que a criança é exposta no meio linguístico, que ativam estruturas já existentes na mente.

Separamos os pronomes de acordo com sua função sintática e os resultados da relação estão apresentados na tabela 4:

Tabela 4. Relação do total de sujeitos e complementos realizados pelos pronomes de 1PP

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente (sujeito)	188	85%
A gente (complemento oblíquo ou dativo)	10	5%
A gente (complemento direto)	3	1%
Nós (sujeito)	21	9%
Nós (complemento oblíquo ou dativo)	0	0%
Nós (complemento direto)	0	0%
Total	222	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente (sujeito)	344	56%
A gente (complemento oblíquo ou dativo)	52	9%
A gente (complemento direto)	27	4%
Nós (sujeito)	157	26%
Nós (complemento oblíquo ou dativo)	23	4%
Nós (complemento direto)	6	1%
Total	609	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente (sujeito)	107	66%
A gente (complemento oblíquo ou dativo)	5	3%
A gente (complemento direto)	0	0%
Nós (sujeito)	50	31%
Nós (complemento oblíquo ou dativo)	0	0%
Nós (complemento direto)	0	0%
Total	162	

Fonte: Elaborada pela autora

Observando a tabela 4, é possível perceber que o pronome “a gente” foi mais utilizado na função sujeito nos *corpora*. Nesta função, a maior semelhança de uso foi entre a FPPE e a FPVC. Nesse sentido, na FPPE a frequência de uso de “a gente” foi de 66% e de “nós” 31% ao passo que na FPVC esse índice foi de 56% de “a gente” e 26% de “nós”. A FPFS foi quem apresentou maior diferença percentual de uso com 85% de “a gente” na função de sujeito e 9% de “nós” nessa mesma função.

A diferença de uso dos pronomes de 1PP no PB, principalmente em relação ao pronome “nós” em todas as funções analisadas mostra, mais uma vez, diferença de uso regional das comunidades. Essa diferença aparece de forma mais clara na tabela 5, na qual analisamos os pronomes e complementos verbais realizados lexicalmente de acordo com cada função sintática:

Tabela 5. Relação dos pronomes e complementos verbais de acordo com a categoria sintática

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente (sujeito)	188	90%
Nós (sujeito)	21	10%
Total	209	
A gente (complemento oblíquo ou dativo)	10	100%
Nós (complemento oblíquo ou dativo)	0	0%
Total	10	
A gente (complemento direto)	3	100%
Nós (complemento direto)	0	0%
Total	3	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente (sujeito)	344	69%
Nós (sujeito)	157	31%
Total	501	
A gente (complemento oblíquo ou dativo)	52	69%
Nós (complemento oblíquo ou dativo)	23	31%
Total	75	
A gente (complemento direto)	27	82%
Nós (complemento direto)	6	18%
Total	33	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente (sujeito)	107	68%
Nós (sujeito)	50	32%
Total	157	
A gente (complemento oblíquo ou dativo)	5	100%
Nós (complemento oblíquo ou dativo)	0	0%
Total	5	
A gente (complemento direto)	0	0%
Nós (complemento direto)	0	0%
Total	0	

Fonte: Elaborada pela autora

Podemos observar mais claramente a diferença de uso dos pronomes sujeito entre a FPFS (“a gente” 90% e “nós” 10%) e a FPVC (“a gente” 69% e “nós” 31%) evidenciando a diferença de uso regional em relação aos pronomes.

Entre a FPPE e a FPVC, há semelhança na frequência de uso dos pronomes na função sujeito (FPPE “a gente” 68% e “nós” 32%; FPVC “a gente” 69% e “nós” 31%). Mas, como referido anteriormente, são apenas semelhanças numéricas, pois a qualidade dos sujeitos são diferentes, já que é frequente o uso de sujeito nulo no PE *versus* sujeito preenchido no PB, como demonstraremos mais claramente na tabela 10. Os sujeitos não realizados lexicalmente no PB foram formas implícitas de segunda menção enquanto no PE foram nulos de primeira menção. Esse fato somado ao fato de que o pronome "nós", em PB, também se associa à

flexão de terceira pessoa (P3), como veremos na seção 5.4.2, aponta para uma diferença qualitativa em relação às frequências semelhantes que sugere gramáticas diferentes.

Destacamos, aqui também, a semelhança de uso dos pronomes de 1PP na função complemento oblíquo ou dativo e na função complemento direto entre a FPPE e a FPFS que obtiveram frequência de uso categórico quanto ao uso do pronome “a gente”. Essa semelhança também é apenas numérica, pois no PB costuma ter ocorrências dos pronomes de 1PP assumindo todas as funções, como constata os resultados da FPVC.

A partir da próxima subseção, daremos destaque aos pronomes de 1PP na função objeto.

5.2 Os pronomes “nós” e “a gente” nas funções de complemento e adjunto

Por considerarmos ser um ponto relevante na distinção entre a gramática do PE e do PB, uma vez que há características distintas de uso dos pronomes de 1PP nessa função entre PE e PB, nesta seção analisaremos as funções sintáticas em que os pronomes de 1PP “nós” e “a gente” ocorrem, para, em seguida, prosseguirmos com a análise dos pronomes na função sujeito.

Os pronomes de 1PP na função objeto oblíquo ou dativo foram analisados nesse trabalho¹⁶ e os seguintes resultados foram encontrados:

Tabela 6. Realização dos objetos oblíquos ou dativos

FPFS	Ocorrência	Frequência
P + a gente	15	94%
P + nós	1	6%
Total	16	
FPVC	Ocorrência	Frequência
P + a gente	76	72%
P + nós	30	28%
Total	106	
FPPE	Ocorrência	Frequência
P + a gente	9	75%
P + nós	3	25%
Total	12	

Fonte: Elaborada pela autora

¹⁶ Nessa seção, na análise dos objetos oblíquos ou dativos, foram contadas todas as estruturas de “P + a gente” e “P + nós”, nesse sentido os adjuntos também estão inclusos nessa contagem.

De acordo com a tabela 6, “P + a gente” foi mais recorrente nas variedades do português. O percentual de uso de “P + a gente” em relação ao uso de “P + nós” na FPFS (94%) foi superior ao percentual de uso de “P + a gente” na FPVC (72%) e na FPPE (75%).

Os resultados quantitativos mostram que houve semelhança na frequência de uso dos pronomes preposicionados entre a FPVC e a FPPE. Na FPVC “P + a gente” obteve frequência de 72% e “P + nós” 28%, ao passo que na FPPE “P + a gente” obteve frequência de 75% e “P + nós” 25%.

No entanto, essa semelhança é apenas percentual, já que o estatuto do constituinte preposicionado de 1PP apresenta-se diferente no PE e no PB. No PE o uso de “P + nós” é exclusivo de sintagmas preposicionais adjungidos na qualidade de agente da passiva, ou de constituintes não argumentais, como verificado em **1**. No PB, o uso de “P + nós” abrange outros contextos argumentais além do constituinte sujeito ou agente, podendo realizar os complementos verbais, como verificado em **2**, e o argumento possessivo de alguns sintagmas nominais, como verificado em **3**. Esses constituintes, no PE são realizados por outros pronomes de 1PP, tais como o pronome clítico “nos”, como verificado em **4**, e o pronome possessivo “nosso” como verificado em **5**.

1) INF1 Lá nada, homem! Lá para Moçambique, Angola, para esses lados, os gajos não fazem outra coisa: batucam, não é? Mas é, no entanto, é, infelizmente... Infelizmente **para nós**, a tradição nesse caso está morrendo. (Inq. 0034, faixa 1, homem, FPPE)

2) Sei qui minha mãe deu uma criação **pa nós**, era pa escola pa den di casa. (Inq. 0277< faixa 2, homem, FPVC)

3) ela tem o telefone de **nós** tudo (Inq. 0687, faixa 2, mulher, FPVC)

4) E isso é outra coisa que **nos** prejudicava. Se nós estivéssemos a fabricar uma peça daquelas, que aparecesse uma bolha de ar, podia até cair a peça toda. Tinha que ser todo passado. Isto [...] é uma arte que requer mil e um cuidado [...] e muita mão de obra. Muito trabalho! (Inq. 0243, faixa 3, homem, FPPE)

5) INF Nós descontamos, nós temos coisa; só que temos no regulamento em que não podemos dizer que estamos... Temos que estar satisfeitos. Os americanos usam, portanto, assumem a **nossa** lei. Fazem regulamentos entre a sua e a **nossa**. Pois quando lhe dá certo a deles, eles empregam; quando a **nossa** lhe dá prejuízo já será uma complicação escolher entre as duas, qual é que vai dar certo. (Inq. 0045, faixa 1, homem, FPPE)

Diferentemente de “P + nós”, o constituinte preposicionado “P + a gente” acontece nos mesmos contextos em PE e em PB, incluindo a realização de complementos verbais, como exemplificado em **6** e **7**:

6) INF Elas deram logo uma folha. (Tiraram uma folha) do livro e deram **à gente**. "[...] E isto vem pelo correio, e tu vais levantar ali ao correio [...]"... (Bem que elas o disseram). (Dispuseram ali) mais de quantas coisas, (digo assim depois eu): "Ele estava iludido, (ele) raparigas!" Gaiatões novos! (Inq. 0175, faixa 3, mulher, FPPE)

7) Doc: E o prefeito o que é que cê tá achando desse prefeito novo?

Inf: Por enquanto, né? não tenho muito do que me queixar ainda, né? porque primeiros mês, ver aí por diante. Por enquanto ainda não fez melhoria nenhuma **pa gente** aqui, né? Então... (Inq. 0062, faixa 1, mulher, FPFS)

Ao fazer relação entre o total dos objetos realizados lexicalmente e o total dos objetos não realizados, os resultados abaixo (tabela 7) foram encontrados:

Tabela 7. Relação dos objetos oblíquos ou dativos realizados e não realizados lexicalmente

FPFS	Ocorrência	Frequência
Objeto Realizado	16	67%
Objeto não realizado	8	33%
Total	24	
FPVC	Ocorrência	Frequência
Objeto realizado	106	96%
Objeto não realizado	4	4%
Total	110	
FPPE	Ocorrência	Frequência
Objeto realizado	12	92%
Objeto não realizado	1	8%
Total	13	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 7 apresenta diferenças percentuais de uso dos objetos oblíquos no PB. Na FPFS, 67% dos objetos foram realizados lexicalmente por "nós" ou "a gente" e 33% foram de objetos não realizados e, na FPVC, a percentagem de objetos realizados pelos pronomes foi de 96% e não realizados 4%. A FPPE apresentou percentagem de 92% de objetos oblíquos realizados e 8% de objetos não realizados.

Dentro do conjunto dos pronomes de 1PP houve alta frequência de realização de objetos oblíquos ou dativos nas variedades do português, contudo, como atestado na tabela 8, a maioria das realizações aconteceu diante do pronome "a gente":

Tabela 8. Relação do total de objetos oblíquos ou dativos implícitos e explícitos

FPFS	Ocorrência	Frequência
P + a gente explícito	15	63%
P + a gente implícito	5	21%
P + nós explícito	1	4%
P + nós implícito	3	13%
Total	24	
FPVC	Ocorrência	Frequência
P + a gente explícito	76	69%
P + a gente implícito	4	4%
P + nós explícito	30	27%
P + nós implícito	0	0%
Total	110	
FPPE	Ocorrência	Frequência
P + a gente explícito	9	69%
P + a gente implícito	1	8%
P + nós explícito	3	23%
P + nós implícito	0	0%
Total	13	

Fonte: Elaborada pela autora

Como mostra a tabela 8, a frequência de “P + a gente explícito” é a mesma na FPPE e na FPVC (69%), e na FPFS é semelhante (63%).

Com relação a “P + nós explícito”, a frequência obtida na FPVC foi de 27% e, na FPPE, de 23%. Já na FPFS “P + nós explícito” obteve, apenas, frequência de 4%.

Essa distância de frequência quanto ao uso de “P + nós” no PB pode ser justificada pela baixa ocorrência de “nós” nesse *corpus*, explicada, talvez, pelo assunto da entrevista ou pela região.

Verificamos, na análise da tabela 6, que há diferença qualitativa na função desempenhada pelos constituintes formados por “P + nós/a gente” entre os dados do PE e do PB. Enquanto no PE, são agentes da passiva, no PB são também objetos indiretos.

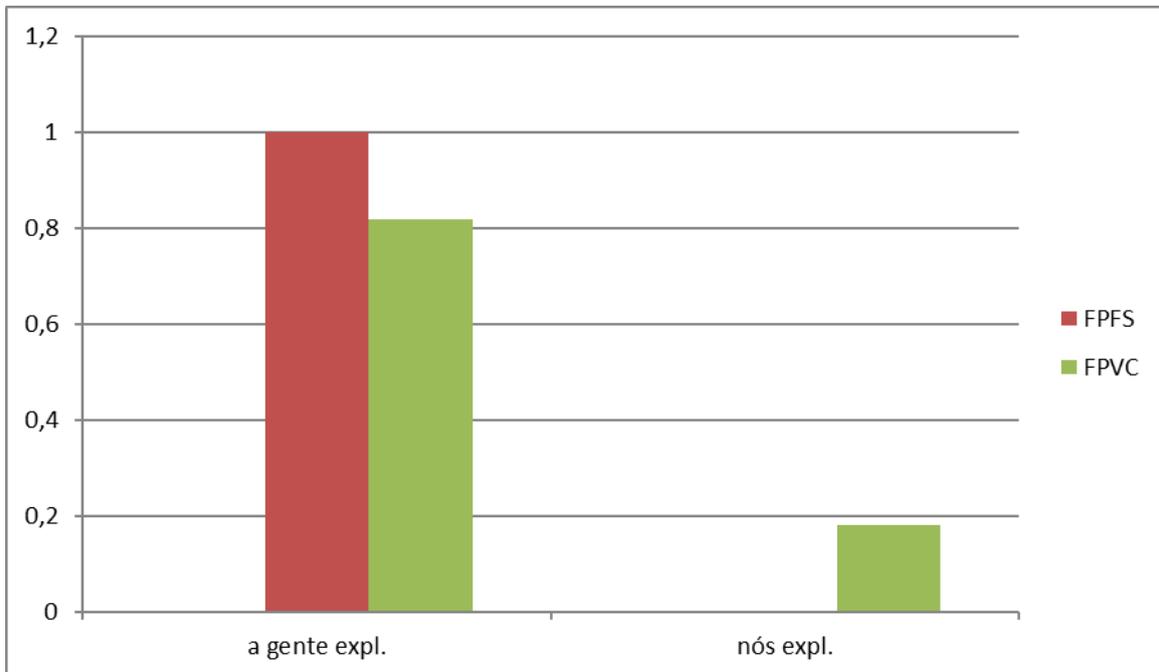
Ao analisarmos a realização dos traços de 1PP na função objeto direto, não foram atestadas ocorrências dos pronomes de 1PP em PE contrariamente ao PB, como mostra a tabela 9:

Tabela 9. Realização dos traços de 1PP na função objeto direto

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente explícito	2	100%
Nós explícito	0	0%
Total	2	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente explícito	27	82%
Nós explícito	6	18%
Total	33	
FPPE (não houve caso dos pronomes em função de objeto direto)	Ocorrência	Frequência
	-	-

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com os resultados da tabela 9, os pronomes de 1PP na função objeto direto foram encontrados apenas em amostras de fala do PB. Na FPFS, houve frequência de uso categórico do pronome “a gente” em relação ao pronome “nós”, porém apenas 2 dados foram atestados nesta função. Nota-se, na tabela 7, que a FPFS foi a que mais atestou objetos não realizados lexicalmente (33%). Já na FPVC, 82% da frequência de uso foi realizado por “a gente” e 18% foi realizado por “nós”. Os resultados encontrados correspondem ao gráfico 4:

Gráfico 4. Realização dos traços de 1PP na função objeto direto

Font

e: Elaborado pela autora

Os resultados referentes ao objeto parece ser uma característica importante para a distinção entre a gramática do PE e do PB, uma vez que, ao contrário do PB, não houve ocorrências dos pronomes "nós" e "a gente" para expressar a 1PP nessa função na FPPE. Nesse *corpus*, a 1PP na função complemento é realizada pelos pronomes oblíquos.

No PB é comum o uso tanto de “nós” quanto de “a gente” assumindo a função de complemento.

Também observamos que, no PB, a depender da região, há variação quanto ao uso de "nós" e "a gente" na função de objeto direto, como atestaram nossos resultados (18% de “nós” e 82% de "a gente" na FPVC e 100% de “a gente” na FPFS).

A partir da próxima subseção, daremos destaque aos pronomes de 1PP na função sujeito.

5.3 Os pronomes “nós” e “a gente” na função sujeito

O resultado da análise dos sujeitos revela-nos uma série de características próprias de cada variedade analisada.

Chama a atenção o número de ocorrências de sujeitos nulos de primeira menção, como se vê na tabela 10. No PE, esse número é significativamente superior (77) aos números de ocorrências do PB (FPFS – 17 e FPVC – 18). Essa alta produtividade de sujeito nulo de primeira menção no PE *versus* a baixa produtividade do sujeito nulo no PB parece ser um ponto relevante que pode justificar a diferença entre as gramáticas do PE e do PB.

Na análise do total dos sujeitos de 1PP em relação às formas pronominais e nulas, obtivemos também outros resultados:

Tabela 10. Frequência geral dos tipos de pronomes sujeito de 1PP

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente explícito	199	58%
A gente implícito	102	30%
Nós explícito	22	6%
Nós implícito	4	1%
Nulo	17	5%
Total	344	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente explícito	344	58%
A gente implícito	56	9%
Nós explícito	157	26%

Nós implícito	22	4%
Nulo	18	3%
Total	597	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente explícito	108	41%
A gente implícito	11	4%
Nós explícito	50	19%
Nós implícito	15	6%
Nulo	77	30%
Total	261	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 10 deixa claro que, em primeiro lugar, o pronome “a gente” explícito é preferencialmente usado nas comunidades do PB e do PE com uma frequência de uso de 58% tanto na FPFS quanto na FPVC, e 41% na FPPE. Destaca-se o uso de “a gente implícito” com frequência de 30% na FPFS. Em segundo lugar, houve grande diferença com relação à frequência de uso do sujeito nulo de primeira menção nas variedades do português, no PE observamos alta frequência de 30% de nulo enquanto que no PB esta forma apresenta uso raro, (5% na FPFS e 3% na FPVC), indicando uma diferença qualitativa entre a gramática do PE e a gramática do PB, a primeira caracterizada pela propriedade de sujeito nulo das línguas europeias (exemplo 8) e a segunda caracterizada pela propriedade de sujeito preenchido (exemplos 9 e 10), sendo as formas nulas realizações implícitas de segunda menção de um tópico. Temos como destaque, o uso do pronome “nós” explícito com percentual de 26% na FPVC, corroborando a diferença qualitativa.

8) INF Tivemos sorte. Se calha a ser algum assim que nadasse mais mal... [...] A gente, tanto eu como o meu filho mais velho, [...] temos o curso de nadador-salvador. (Inq. 0094, faixa 2, homem, FPPE)

9) [...] A gente precisa de uma coisa, do tempo que a gente vive essa violência, **a gente precisa** de uma coisa que alegra a gente, não que chame mais violência, né? Que a gente sinta medo, pavor, então tem que ser uma coisa que a gente se sinta... tá assistindo e se sinta bem. Não uma coisa assim de violência, que a gente... a gente já vive assustado, assiste assustado, aí num dá. (Inq. 0082, faixa 1, homem, FPFS)

10) Nós leva logo no hospital bom que tem é no Esaú, né? (Inq. 0135, faixa, FPVC)

Esses resultados confirmam a hipótese de que a variação encontrada no PE revela a existência de pronomes de 1PP com características distintas dos pronomes de 1PP do PB,

cujas formas pronominais são possibilidades gramaticais de realização em ambas as gramáticas.

Sória (2013) investigou a ocorrência dos pronomes “nós” e “a gente”, na função sujeito, em 31 localidades de Portugal¹⁷ (em amostras do CORDIAL-SIN) e em 2 localidades do Brasil a saber: Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina) e Rio de Contas (Chapada Diamantina).

A autora, em dados do PB, também encontrou maior uso do pronome “nós” preenchido do que uso de sujeito nulo. A comunidade de Anselino da Fonseca obteve 65,6% de uso de “nós preenchido” e 34,4% de uso de sujeito nulo e a comunidade de Rio de Contas obteve 82,5% de “nós preenchido” e 17,5% de sujeito nulo.

Em dados do PE (31 localidades), Sória (2013) atestou alta produção de sujeitos nulos nos *corpora* investigados do CORDIAL-SIN constatando seu uso nas regiões analisadas. Com exceção da região de Fiscal (Braga), em que o uso do sujeito “nós” (51,5%) foi superior ao uso do sujeito nulo (41,5%), em todas as outras regiões analisadas o uso do sujeito nulo foi superior ao uso do sujeito “nós”.

Ao fazer relação entre os sujeitos de 1PP realizados lexicalmente com os sujeitos não realizados lexicalmente (formas implícitas e sujeito nulo de primeira menção) nos *corpora* por nós analisados, os resultados encontrados foram:

¹⁷ A análise do PE corresponde às localidades abaixo relacionadas. As numerações e siglas representam as regiões apresentadas no mapa através do site CORDIAL-SIN.

1. VPA Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo); 2. CTL Castro Laboreiro (Viana do Castelo); 3. PFT Perafita (Vila Real); 4. AAL Cast.Vide, Porto da Esp., S. Salv. Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre); 5. PAL Porches, Alte (Faro); 8. MST Monsanto (Castelo Branco); 11. OUT Outeiro (Bragança); 12. CBV Cabeço de Vide (Portalegre); 13. MIN Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo); 14. FIG Figueiró da Serra (Guarda); 15. ALV Alvor (Faro); 16. SRP Serpa (Beja); 17. LVR Lavre (Évora); 18. ALC Alcochete (Setúbal); 19. COV Covo (Aveiro); 21. PVC Porto de Vacas (Coimbra); 22. EXB Enxara do Bispo (Lisboa); 24. MTM Moita do Martinho (Leiria); 25. LAR Larinho (Bragança); 26. LUZ Luzianes (Beja); 27. FIS Fiscal (Braga); 28. GIA Gião (Porto); 29. STJ Santa Justa (Santarém); 30. UNS Unhais da Serra (Castelo Branco); 31. VPC Vila Pouca do Campo (Coimbra); 32. GRJ Granjal (Viseu); 35. MLD Melides (Setúbal); 36. STA Santo André (Vila Real); 37. MTV Montalvo (Santarém); 39. CPT Carrapatelo (Évora); 40. AJT Aljustrel (Beja).

Tabela 11. Frequência geral do uso de sujeito de 1PP realizado e não realizado lexicalmente

FPFS	Ocorrência	Frequência
Sujeito Realizado	221	64%
Sujeito não realizado	123	36%
Total	344	
FPVC	Ocorrência	Frequência
Sujeito Realizado	501	84%
Sujeito não realizado	96	16%
Total	597	
FPPE	Ocorrência	Frequência
Sujeito Realizado	158	61%
Sujeito não realizado	103	39%
Total	261	

Fonte: Elaborada pela autora

Com relação aos sujeitos de 1PP realizados e não realizados as diferenças entre as formas de uso está entre regiões do PB. A FPFS obteve 64% de sujeitos realizados e 36% de sujeitos não realizados lexicalmente enquanto a FPVC esse índice foi de 84% de sujeitos realizados e 16% de sujeitos não realizados.

O resultado da FPFS se aproxima do resultado da FPPE, cuja frequência foi de 61% de sujeitos realizados e 39% de sujeitos não realizados. Todavia, a natureza dos sujeitos não realizados lexicalmente apresenta diferença: enquanto na FPPE os sujeitos não realizados lexicalmente são, em sua maioria, nulos de primeira menção, na FPFS os sujeitos não realizados lexicalmente são, em sua maioria, implícitos, ou seja, segunda menção do sujeito “a gente” ou “nós” não realizado lexicalmente¹⁸; isto é, analisando qualitativamente essa aproximação numérica, podemos perceber a diferença de gramática entre as comunidades do PB e do PE.

Esses resultados também podem ser atribuídos ao enfraquecimento do paradigma flexional no PB proposto por Galves (1993) que, nos termos de Duarte (1995), perde propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo.

Ao analisar exclusivamente os sujeitos de 1PP realizados lexicalmente, os resultados da tabela 12 foram encontrados:

¹⁸ Esses resultados são melhor percebidos ao observar a tabela 10.

Tabela 12. Distribuição dos sujeitos de 1PP realizados lexicalmente

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente explícito	199	90%
Nós explícito	22	10%
Total	221	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente explícito	344	69%
Nós explícito	157	31%
Total	501	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente explícito	108	68%
Nós explícito	50	32%
Total	158	

Fonte: Elaborada pela autora

Observando a tabela 12, podemos perceber de forma clara a preferência pelo pronome “a gente” nas variedades do português. Destacamos aqui a aproximação da frequência de uso entre FPPE – “a gente” 68% e “nós” 32% – e a FPVC – “a gente” 69% e “nós” 31%. Na FPFS a frequência de uso foi de 90% de “a gente” em relação ao pronome “nós”.

A aproximação na frequência de uso dos pronomes de 1PP entre a FPPE e a FPVC confirmam a hipótese de que, mesmo com características distintas, ambos os pronomes de 1PP (“nós” e “a gente”) são possibilidades gramaticais de realizações em ambas as gramáticas (PE e PB).

Sória (2013), quanto à explicitude do sujeito em amostras do PE (31 localidades),¹⁹ observou que o pronome “a gente” é produtivo em praticamente todas as localidades analisadas com frequência superior ao pronome “nós” na maioria delas. Apenas em três regiões houve predomínio de “nós” sobre “a gente” (Vila Praia de Âncora [87,6%]; Castro Laboreiro [79,4%]; e Santo André [50,8%]). A maior semelhança de uso com os nossos resultados do PE (“a gente” – 68%; “nós” – 32%) ocorreu nas localidades de Arcos de Valdevez (“a gente” – 68,9%; “nós” – 31,1%), Fiscal (“a gente” – 60,2%; “nós” – 39,8%) e Granjal (“a gente” – 64,4%; “nós” – 35,6%).

Nas amostras do PB (Sória, 2013), a comunidade de Anselino da Fonseca obteve 66,8% de “a gente” e 33,2% de “nós” e Rio de contas 79% de uso de “a gente” e 21% de “nós”. A comunidade de Anselino da Fonseca obteve resultados semelhantes à FPVC, por nós analisada (“a gente” – 69%; “nós” – 31%).

¹⁹ Conferir nota 17.

Quanto aos sujeitos de 1PP não realizados lexicalmente, obtivemos os resultados apresentados na tabela 13:

Tabela 13. Relação dos sujeitos de 1PP NÃO realizados lexicalmente

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente implícito	102	83%
Nós implícito	4	3%
Nulo	17	14%
Total	123	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente implícito	56	58%
Nós implícito	22	23%
Nulo	18	19%
Total	96	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente implícito	11	11%
Nós implícito	15	15%
Nulo	77	75%
Total	103	

Fonte: Elaborada pela autora

Ao analisar as formas implícitas e nulas dos sujeitos de 1PP, ficou atestado maior frequência de uso de implícito “a gente” nas comunidades do PB (83% na FPFS e 58% na FPVC) e de pronome nulo no PE (75% na FPPE).

Os dados ainda revelam que o uso de sujeitos nulos (primeira menção de 1PP) é maior no PE que no PB. Consideramos que tal fato pode evidenciar uma característica importante que distingue a gramática do PE e do PB.²⁰

Esses resultados mostram também que, ao contrário do que acontece com os sujeitos nulos, a produtividade de “a gente implícito” na FPPE é bem menor do que na FPFS e na FPVC.

Reforçamos que os sujeitos não realizados lexicalmente nos *corpora* do PB são, na sua grande maioria, formas implícitas de segunda menção enquanto no PE tais sujeitos são, em sua grande maioria, nulos de primeira menção, revelando assim que o PE continua a ser uma língua com propriedades típicas de sujeito nulo, diferentemente do PB.

²⁰ Conforme Kato e Tarallo (1986), Duarte (1993, 2002), Galves (2001), Ribeiro (2008), entre outros trabalhos, o PE se distingue do PB por suas propriedades flexionais e pelo sujeito nulo.

Esses resultados também podem ser atribuídos ao quadro reduzido da flexão no PB que fez com que aumentasse a necessidade de preenchimento do sujeito pronominal. Na seção 4.3.2 mostraremos a análise do pronome de 1PP de acordo com a flexão verbal.

5.4 Fatores que caracterizam o uso dos pronomes de 1PP na função sujeito

5.4.1 Tipo de verbo

O fator tipo de verbo também foi investigado no trabalho. A tabela 14 aponta os resultados:

Tabela 14. Tipo de verbo

FPFS	A gente	%	Nós	%	Nulo	%
Acusativo (2 ou 3 lugares)	169	63%	17	77%	9	56%
Transitivo com comp. oblíquo	55	21%	4	18%	4	25%
Inergativo	21	8%	0	0%	2	13%
Inacusativo	23	9%	1	5%	1	6%
Total	268		22		16	
FPVC	A gente		Nós		Nulo	
Acusativo (2 ou 3 lugares)	219	49%	88	55%	10	56%
Transitivo com comp. oblíquo	109	24%	43	27%	2	11%
Inergativo	28	8%	14	7	3	17%
Inacusativo	44	19%	34	11%	3	17%
Total	400		179		18	
FPPE	A gente		Nós		Nulo	
Acusativo (2 ou 3 lugares)	63	63%	40	68%	50	67%
Transitivo com comp. oblíquo	29	29%	12	20%	20	27%
Inergativo	3	3%	6	10%	4	5%
Inacusativo	5	5%	1	2%	1	1%
Total	100		59		75	

Fonte: Elaborada pela autora

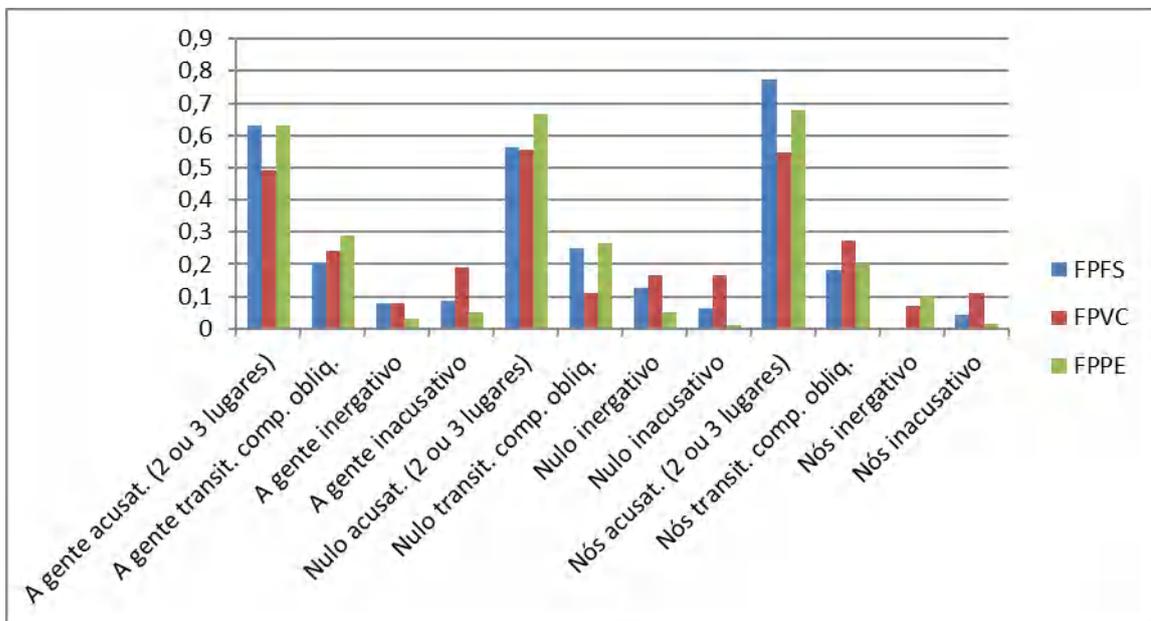
Como pode ser observado na tabela 14, o verbo acusativo (2 ou 3 lugares) foi o mais utilizado junto dos sujeitos de 1PP nos *corpora*. A FPFS atestou, nesse tipo de verbo, frequência de 77% junto de “nós”, 63% junto de “a gente” e 56% em sua forma nula em relação aos outros tipos de verbos. Na FPVC, a frequência de verbos acusativos (2 ou 3 lugares) junto de “nós” foi de 55%, junto de “a gente” 49% e em sua forma nula 56%, enquanto na FPPE o percentual desse mesmo tipo de verbo junto de “nós” atingiu 68%, junto de “a gente” 63% e em sua forma nula atingiu 67%.

Tanto na FPFS quanto na FPFE os verbos acusativos (2 ou 3 lugares) foram mais utilizados junto do pronome “nós” com frequência de 77% e 68% respectivamente. Já na FPVC, o maior percentual para esse tipo de verbo foi em sua forma nula com 56%.

Foi atestada uma diferença na preferência do tipo de verbo, em segundo lugar, com “nulo” na FPVC. Enquanto, para as demais formas pronominais, atesta-se, em segundo lugar na preferência, o verbo transitivo com complemento oblíquo, independentemente do *corpus*, para os “nulos” de 1PP, os verbos inergativos e inacusativos são atestados com maior frequência (ambos com 17% contra 11% de verbos transitivos com complemento oblíquo).

O gráfico 5 ilustra melhor os resultados que acabamos de apresentar:

Gráfico 5. Tipo de verbo



Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados mostram também que o tipo de verbo não é um fator importante para o condicionamento dos pronomes de 1PP que diferencia as gramáticas do PE e do PB, refutando nossa hipótese.

Alguns exemplos das ocorrências dos pronomes de 1PP junto de verbos acusativos (2 ou 3 lugares) seguem abaixo²¹:

8) Dessa agora quando eu operei, eu tive que pagar o carro, que ne Muritiba eu dormi lá quando vim já vim sem o curativo, e aí a **gente** teve que **pagar** o carro. Foi eu minha irmã, uma mulé ali, a gente foi. Aí meu sobrinho arranhou um carro, a **gente botemo** a gasolina e ele foi buscar a gente, buscou, trouxe aqui, no outo dia vei buscar de manhã pra ir tirar o curativo e trazer em casa tra'vez. Aí **nós** só **paguemo** a gasolina porque foi meu sobrinho e o

²¹ Exemplos de ocorrências com outros tipos de verbo podem ser conferidos na seção da metodologia.

carro não era dele. Aí livrou de negócio de prefeito aqui minhas fia, o prefeito aqui, eles quer subir e a gente descer. (Inq. 0323, faixa 3, mulher, FPFS)

9) INQ2 Urza-, urza-, urzela?

INQ1 'Urzadela'?

INF1 Não, é outro nome que a gente **dá**. Aquele nome [...] daquela árvore, que a gente **recolheu**, que faz o amarelo? (Inq. 0026, faixa 1, homem, FPPE)

Houve muitas ocorrências de verbos auxiliares em conjunto com verbos principais (maioria com verbos de 2 ou 3 lugares) nas variedades do português analisadas. Classificamos esses tipos de ocorrências como predicado complexo, conforme mencionado na metodologia de classificação e análise de dados. No PE observamos que esse tipo de ocorrência acontece com muita frequência diante do sujeito “nulo” (exemplo **10**), ao contrário do PB, cuja ocorrência é maior diante do sujeito preenchido (exemplo **11** e **12**) nos *corpora* analisados. Esse parece ser mais um fator que distingue a gramática do PE da gramática do PB, já que pode ser mais uma pista para evidenciar que a diferença entre a gramática do PE e do PB relaciona-se com as diferentes possibilidades de instanciar sujeitos nulos, entretanto para essa afirmação é necessário um aprofundamento maior nos estudos.

10) INQ2 É dizer que está névoa ou que está nevoeiro? Ou é diferente?

INF É: [...] está nevoeiro. Está nevoeiro. Não temos visibilidade de ver [...] por onde **queremos ir**. Até mesmo aqui – que isto é [...] praticamente uma área fechada –, às vezes acontece [...] pensar-se que se vai ali por um lugar que há aqui – a serradinha, por exemplo, aí [...] neste rumo – (Inq. 127, faixa 2, homem, FPPE)

11) Doc 2: Qual o seu maior sonho?

Inf: Sonho, sonho é o que não falta a uma pessoa. Sonho eu tenho vários. Meu sonho, meu sonho mehmo é eu viver muitos ano, ver meus filho crescido, estudano, trabalhano, esse é o meu melhor sonho. As outas coisa **a gente vai passano**. (Inq. 0124, faixa 1, mulher, FPFS)

12) Os horaru pulítico pra mim, eu num tem o qui dizer de nenhum, puRque eles manda lá pela cabeça, nós não pode dizê nada que ...nós num pode dizê nada, nós tem que vê e ::: calá a boca. (Inq. 0741, faixa 3, mulher, FPVC)

A distribuição dos tipos de verbo nos pareceu ser bastante semelhante nas três variedades. Tal semelhança pode ser constatada na tabela 15:

Tabela 15. Realização dos pronomes de 1PP de acordo com o tipo de verbo

FPFS	Ocorrência	Frequência
Acusativo (2 ou 3 lugares)	195	64%
Transitivo com comp. Oblíquo	63	21%
Inergativo	23	8%
Inacusativo	25	8%
Total	306	
FPVC		
Acusativo (2 ou 3 lugares)	317	53%
Transitivo com comp. oblíquo	154	26%
Inergativo	45	8%
Inacusativo	81	14%
Total	597	
FPPE		
Acusativo (2 ou 3 lugares)	153	65%
Transitivo com comp. oblíquo	61	26%
Inergativo	13	6%
Inacusativo	7	3%
Total	234	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 15 demonstra certa regularidade na distribuição dos tipos de verbos nas variedades. Os verbos acusativos são mais usados que os transitivos com complemento oblíquo que, por sua vez, são mais usados que os inergativos e inacusativos em todas as amostras. Destaca-se aqui a frequência de verbos inacusativos na FPVC que supera a frequência dos inergativos, diferentemente das outras duas amostras (FPFS e FPPE). Ao cruzar o tipo de verbo com o tipo de realização de sujeitos de 1PP a distribuição das formas de 1PP parece melhor caracterizar as variedades PB e PE, como mostra a tabela 16:

Tabela 16. Relação do total dos pronomes de 1PP de acordo com os tipos de verbo

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente acus. (2 ou 3 lugares)	169	55%
A gente trans. comp. Oblíq.	55	18%
A gente inergativo	21	7%
A gente inacusativo	23	8%
Nulo acus. (2 ou 3 lugares)	9	3%
Nulo trans. comp. Oblíq.	4	1%
Nulo inergativo	2	1%
Nulo inacusativo	1	0%
Nós acus. (2 ou 3 lugares)	17	6%
Nós trans. comp. Oblíq.	4	1%
Nós inergativo	0	0%
Nós inacusativo	1	0%
Total	306	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente acus. (2 ou 3 lugares)	219	37%
A gente trans. comp. Oblíq.	109	18%
A gente inergativo	28	5%
A gente inacusativo	44	7%
Nulo acus. (2 ou 3 lugares)	10	2%
Nulo trans. comp. Oblíq.	2	0%
Nulo inergativo	3	1%
Nulo inacusativo	3	1%
Nós acus. (2 ou 3 lugares)	88	15%
Nós trans. comp. Oblíq.	43	7%
Nós inergativo	14	2%
Nós inacusativo	34	6%
Total	597	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente acus. (2 ou 3 lugares)	63	27%
A gente trans. comp. Oblíq.	29	12%
A gente inergativo	3	1%
A gente inacusativo	5	2%
Nulo acus. (2 ou 3 lugares)	50	21%
Nulo trans. comp. Oblíq.	20	9%
Nulo inergativo	4	2%
Nulo inacusativo	1	0%
Nós acus. (2 ou 3 lugares)	40	17%
Nós trans. comp. Oblíq.	12	5%
Nós inergativo	6	3%
Nós inacusativo	1	0%
Total	234	

Fonte: Elaborada pela autora

A variedade europeia atesta uma distribuição equilibrada não havendo grande distância entre as frequências dos pronomes nos tipos de verbos considerados. Com verbos acusativos de 2 e 3 lugares temos 27% de "a gente", 21% de nulo e 17% de "nós" no total dos dados. Tal equilíbrio se repete com os outros tipos de verbo: com verbos transitivos com complemento oblíquo temos 12% de "a gente" no total dos dados, 9% de nulo e 5% de "nós"; com os verbos intransitivos (inergativos e inacusativos) temos 3% de "a gente", 2% de nulo e 3% de "nós".

Já em ambas as variedades brasileiras, as diferentes realizações do sujeito pronominal de 1PP não apresentam o mesmo equilíbrio distribucional. Na FPFS, com verbos acusativos de 2 e 3 lugares temos 55% de "a gente", 3% de nulo e 6% de "nós" no total dos dados, com o mesmo tipo de verbo, na FPVC temos 37% de "a gente", 2% de nulo e 15% de "nós" no total dos dados. Com verbos transitivos com complemento oblíquo temos, na FPFS: 18% de "a gente" no total dos dados, 1% de nulo e 1% de "nós"; na FPVC: 18% de "a gente" no total dos dados, 0% de nulo e 7% de "nós".

Com os verbos intransitivos (inergativos e inacusativos) temos, na FPFS: 15% de "a gente", 1% de nulo e 0% de "nós"; na FPVC: 12% de "a gente", 2% de nulo e 8% de "nós". Verifica-se, portanto, uma distância considerável entre as frequências das formas de 1PP no PB, sendo essa diferença em relação aos tipos de verbos – acusativo (2 ou 3 lugares), transitivo com complemento oblíquo, e intransitivo (inergativo e inacusativo) – menor na FPVC em relação às formas "a gente" (37%, 18%, 12%) e "nós" (15%, 7%, 8%).

Ao analisar a distribuição dos pronomes em cada tipo de verbo (resultados apresentados na tabela 17), a distribuição das formas de 1PP parece repetir a mesma relação de equilíbrio já percebida na tabela 16. Todavia esta tabela revela algo novo: na FPPE atesta-se uma inversão das preferências das formas de 1PP com verbos inergativos. Temos 23% de "a gente", 31% de nulo e 46% de "nós" no total de verbos inergativos com sujeitos de 1PP dessa amostra.

Tabela 17. Relação dos sujeitos de 1PP de acordo com cada categoria verbal

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente acus. (2 ou 3 lugares)	169	87%
Nulo acus. (2 ou 3 lugares)	9	5%
Nós acus. (2 ou 3 lugares)	17	9%
Total	195	
A gente trans. comp. Oblíq.	55	87%
Nulo trans. comp. Oblíq.	4	6%
Nós trans. comp. Oblíq.	4	6%
Total	63	
A gente inergativo	21	91%
Nulo inergativo	2	9%
Nós inergativo	0	0%
Total	23	
A gente inacusativo	23	92%
Nulo inacusativo	1	4%
Nós inacusativo	1	4%
Total	25	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente acus. (2 ou 3 lugares)	219	69%
Nulo acus. (2 ou 3 lugares)	10	3%
Nós acus. (2 ou 3 lugares)	88	28%
Total	317	
A gente trans. comp. Oblíq.	109	71%
Nulo trans. comp. Oblíq.	2	1%
Nós trans. comp. Oblíq.	43	28%
Total	154	
A gente inergativo	28	62%
Nulo inergativo	3	7%
Nós inergativo	14	31%
Total	45	
A gente inacusativo	44	54%
Nulo inacusativo	3	4%
Nós inacusativo	34	42%
Total	81	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente acus. (2 ou 3 lugares)	63	41%
Nulo acus. (2 ou 3 lugares)	50	33%
Nós acus. (2 ou 3 lugares)	40	26%
Total	153	
A gente trans. comp. Oblíq.	29	48%
Nulo trans. comp. Oblíq.	20	33%
Nós trans. comp. Oblíq.	12	20%
Total	61	
A gente inergativo	3	23%

Nulo inergativo	4	31%
Nós inergativo	6	46%
Total	13	
A gente inacusativo	5	71%
Nulo inacusativo	1	14%
Nós inacusativo	1	14%
Total	7	

Fonte: Elaborada pela autora

Podemos perceber também, ao observar a tabela 17, no PB, que todas as categorias de verbos foram mais utilizadas junto do pronome “a gente”. Já no PE, com exceção da categoria de verbos inergativos, em que o pronome “nós” obteve maior frequência (46%), todas as outras categorias de verbos analisadas também foram mais utilizadas diante do pronome “a gente”.

O “nulo” de primeira menção continua se destacando no PE, com frequências superiores ao PB em todas as categorias verbais analisadas.

5.4.2 Concordância verbal (flexão)

Os pronomes de 1PP realizados lexicalmente, na função sujeito, ocorreram nos dados com verbos flexionados em P3 e P4. A tabela 18 apresenta os resultados obtidos:

Tabela 18. Realização de “nós” e “a gente” explícitos de acordo com a flexão verbal

FPFS	A gente	%	Nós	%
P3	121	96%	5	29%
P4	4	4%	10	71%
Total	125		15	
FPVC	A gente		Nós	
P3	340	100%	126	81%
P4	0	0%	29	19%
Total	340		155	
FPPE	A gente		Nós	
P3	58	76%	1	2%
P4	18	24%	41	98%
Total	76		42	

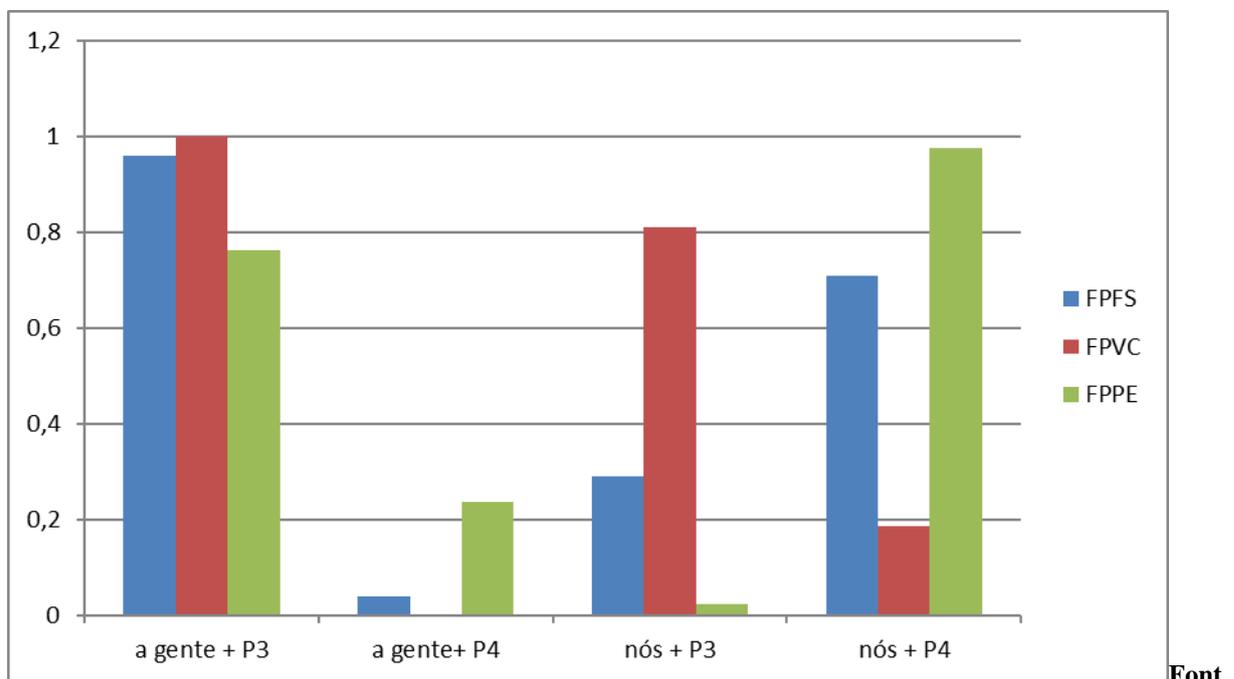
Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 18 mostra que o pronome “a gente” junto com verbos flexionados em P3 obteve maior percentual de uso em todas as variedades do português. O uso de “a gente” na

FPVC foi categórico em P3. Na FPFS essa frequência foi de 96%. Chama-nos a atenção a alta frequência de “a gente” com verbo flexionado em P4 na FPPE (24%) podendo marcar outra diferença qualitativa na variação.

Quanto ao pronome “nós”, os verbos flexionados em P4 foram os mais utilizados na FPFS (71%) e na FPPE (98%). Essa frequência se inverteu na FPVC que obteve 81% de uso do pronome “nós” concordando com verbos em P3. Esses resultados estão melhor ilustrados no gráfico 6:

Gráfico 6. Realização de “nós” e “a gente” explícitos de acordo com a flexão verbal



e: Elaborado pela autora

Uma análise qualitativa que se pode fazer, nesse caso, é a comparação do uso do pronome “a gente” concordando com verbo flexionado em P4 entre o PB e o PE. No PB, esse tipo de uso obteve frequência de 4% na FPFS e 0% na FPVC, enquanto na FPPE esse tipo de ocorrência atingiu frequência de 24% (exemplo 13). No PB costuma-se utilizar o pronome “a gente” junto de verbos flexionados em P3 (exemplo 14).

Percebemos também que, entre os *corpora* do PB, houve diferença de uso do pronome “nós” nas comunidades. Na FPFS, utiliza-se mais o pronome concordando com verbos flexionados em P4 (exemplo 15) enquanto na FPVC há preferência de uso do pronome “nós” junto de verbos flexionados em P3 (exemplo 16). Essa diferença regional pode ser desfeita ao

olharmos qualitativamente para o uso dos pronomes neste e em outros contextos. Nesse sentido, ao contrário do PE, o uso do pronome “nós” flexionado em P3 é comum no PB.

Na FPPE, houve frequência de uso subcategórica (98%) do pronome “nós” concordando com verbos flexionados em P4 (exemplo 17). Foi encontrada uma única ocorrência de “nós” concordando com verbo flexionado em P3 que aparece em uma sentença ambígua (exemplo 18).

Dessa forma, os *corpora* do PB aqui analisados mostram que, apesar de haver maior ocorrência do pronome “a gente”, existe uma convivência harmoniosa entre ambos os pronomes. Nesse sentido, concordando com Vieira e Namiuti (2012) postulamos que ambos os pronomes, “nós” e “a gente”, em uma determinada gramática do PB (no sentido gerativista do termo), bastante evidenciada nos dados da FPVC, não competem entre si, uma vez que os mesmos se encontram em um contexto gramatical cuja tendência é não marcar de forma redundante a concordância de número, o que ajuda a confirmar nossa hipótese de que não há competição de gramática, uma vez que a explicação para variação encontrada no PB pode ser a mesma, ou seja, está disponível em uma mesma gramática que gera “nós” e “a gente” junto de verbos flexionados em P3 (exemplos 14 e 16). Por outro lado, existe uma competição de gramática entre PB e PE, que gera diferença entre o vernáculo brasileiro e uma gramática culta, difundida na escola, baseada no PE (exemplos 16 e 17), confirmando também nossa hipótese.

13) INF1 Este chama-se o sarilho. É onde se enrola a lã. Vai-se enrolando, depois, em fio, que é para fazer uma meada, se a gente quiser pintar. Que essas lãs que **a gente temos** aqui são pintadas por nós,

INQ1 Ah! Com quê?

INF1 para fazer as cores.

INQ1 Com?...

INF1 A gente compra cores, artificiais então.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 E, também, **a gente** já **fizemos** uma recolha de se fazer cores com coisas naturais. (Inq. 0022, faixa 1, mulher, FPPE)

14) Doc 2: E São João aqui como que é?

Inf: **A gente planta** milho no dia de São José, e dá mesmo, com a terra seca e dá, a gente ter fé nele e dá. Agora a menina tá limpano a terra, aí já tá limpano pra plantar dia dezenove. **A gente pranta** dia dezanove e deixa. Aí dia de São João tá madurinho. **A gente tira** um tanto, vende pra comprar alguma coisa e o outro fazer pamonha e cozinhar. Áh, eu gosto de fazer uma pamonha no São João. (Inq. 0270, faixa 2, mulher, FPFS)

15) É, e **nós temos** que respeitar, né? e aprender a viver com defeito. Ninguém nasce sem defeito. Todos **nós temo** defeito. E o que é importante é que nós aprenda a viver, o que é

importante é que a gente aprenda a viver com o defeito do outro, que se não aprender fica difícil. (Inq. 0370, faixa 3, homem, FPFS)

16) Eu mermu mais ela im casa, **nós corrige** us trabalho quêles faiz na iscola duranti u dia. (Inq. 0082, faixa 1, homem, FPVC)

17) Quando era depois para fabricar o barro, no momento que estávamos a fabricar, [...] a ferramenta que **nós usávamos** [...] era uma cana. **Nós escolhíamos** uma cana nos canaviais, no tempo que estavam criadas – assim por este tempo, de Setembro, Outubro –, ia-se escolher logo. (Inq. 260, faixa 3, mulher, FPPE)

18) INF1 A gente, às vezes, ele por esta hora – **nós era** quase sempre aquando era às dez horas da noite – é quando nós devíamos de vir para casa. Que nós chegávamos a casa, tudo sempre tudo aí para as dez horas da noite. Era assim já sempre de noite aquando a gente vinha. (Inq. 0056, faixa 2, mulher, FPPE)²²

Sória (2013) também atestou maior frequência de uso de “a gente” concordando com verbos flexionados em P3 em todas as localidades investigadas em dialetos do PE (31 localidades).²³ Dados com o pronome “a gente” concordando com verbos flexionados em P4 foram bastante atestados na maioria das localidades, havendo poucas exceções (7 localidades).²⁴

Em localidades do PB, a autora atestou frequência de 96,9% de “a gente” junto de verbos flexionados em P3 e 3,1% do pronome junto de verbos flexionados em P4 em Anselino da Fonseca enquanto em Rio de Contas a frequência foi de 99,6% de “a gente” junto de verbos flexionados em P3 e 0,4% do pronome junto de verbos flexionados em P4.

Quanto ao uso do pronome “nós”, como esperado, a maioria das localidades do PE atestaram frequência de uso categórico do pronome concordando com verbos flexionados em P4, salvo 4 localidades²⁵ em que foram encontrados o pronome junto de verbos flexionados em P3, mas com baixa ocorrência (máximo de 4 dados).

Já no PB, Sória (2013) atestou frequência de 62% de uso do pronome “nós” junto de verbos flexionados em P3 e 38% do pronome junto de verbos flexionados em P4 em Anselino da Fonseca, ao passo que em Rio de Contas a frequência de uso do pronome “nós” junto de verbos flexionados em P3 foi de 95,3% e junto de verbos flexionados em P4 foi de 4,7%.

²² No dado “ – nós era quase sempre aquando era às dez horas da noite – é quando nós devíamos de vir para casa” o pronome nós apresenta-se em uma oração com verbo de ligação sendo o segundo argumento da *Small Clause* uma oração : [SC [DP nós] [CP quase sempre aquando era às dez horas da noite]].

²³ Conferir nota 15.

²⁴ As localidades que não atestaram “a gente” junto de verbos flexionados em P4 foram: Vila praia da Âncora, Castro Laboreiro, Perafita, Outeiro, Figueiró da Serra, Gião e Santo André.

²⁵ As localidades que atestaram ocorrências do pronome “nós” junto de verbos flexionados em P3 foram: Alvor, Covo, Unhais da Serra e Santo André.

Ao analisarmos a flexão verbal pelos pronomes sujeitos de 1PP, obtivemos os resultados apresentados na tabela 19:

Tabela 19. Relação dos pronomes sujeitos de 1PP com a flexão verbal realizados lexicalmente

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente/nós P3	126	90%
A gente/nós P4	14	10%
Total	140	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente/nós P3	466	94%
A gente/nós P4	29	6%
Total	495	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente/nós P3	59	50%
A gente/nós P4	59	50%
Total	118	

Fonte: Elaborada pela autora

Na FPPE, a frequência de uso dos pronomes sujeitos de 1PP foi a mesma com índice de 50% para verbos flexionados em P3 e índice de 50% para verbos flexionados em P4. Contudo, esse percentual não quer dizer que houve equilíbrio quanto ao uso dos pronomes e flexões ao serem analisadas separadamente, como veremos na tabela 20, pois a soma maior foi de “a gente” junto de verbos flexionados em P3 e de “nós”, praticamente exclusivo, junto de verbos flexionados em P4.

No PB, as frequências de uso dos pronomes de 1PP nas comunidades se aproximam e o maior índice de preferência foi com verbos flexionados em P3. Nesse sentido, a FPFS obteve frequência de 90% de preferência de uso e a FPVC obteve frequência de 94% de preferência de uso dos pronomes concordando com verbos flexionados em P3 em relação aos verbos flexionados em P4. Esse resultado quantitativo revela uma diferença qualitativa importante: enquanto a variação das formas pronominais equilibra o uso das flexões verbais P3 e P4 em PE, ou seja, não há favorecimento do uso das flexões verbais; em PB o uso das formas pronominais se associa a P3, indicando diferenças profundas na natureza dos pronomes e sua variação nos dados do PE e PB.

Esses resultados parecem ser mais uma evidência que corrobora a hipótese de que no PB os pronomes “nós e “a gente” não competem entre si, no sentido de conviverem em uma

mesma gramática, por não marcarem redundantemente a concordância de número, uma vez que há associação, em alta percentagem, dos pronomes a P3 (FPFS – 90% e FPVC – 94%).

Ao separar os pronomes sujeitos de 1PP e suas flexões verbais foram atestados os resultados da tabela 20:

Tabela 20. Relação do total de sujeito de 1PP com flexões verbais realizados lexicalmente

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente P3	121	86%
A gente P4	4	3%
Nós P3	5	4%
Nós P4	10	7%
Total	140	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente P3	340	69%
A gente P4	0	0%
Nós P3	126	25%
Nós P4	29	6%
Total	495	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente P3	58	49%
A gente P4	18	15%
Nós P3	1	1%
Nós P4	41	35%
Total	118	

Fonte: Elaborada pela autora

Destacamos, na tabela 20, a alta frequência de uso de “a gente” ocorrendo com verbos flexionados em P3 no PB. Na FPVC, ainda se destaca a frequência de 25% de “nós” ocorrendo com verbos flexionados em P3. Sobre as formas flexionais, o PE atesta que 49% de “a gente” ocorrem com verbos flexionados em P3, 15% com P4 e 35% de “nós” com verbos flexionados em P4.

Lopes (2012) afirma que a forma pronominalizada “a gente” herdou o traço formal do substantivo (\emptyset eu) por ocorrer junto com verbos flexionados em P3. Entretanto, afirma a autora, houve mudança na pessoa semântica, uma vez que o traço deixou de ser de terceira pessoa (\emptyset EU) alterando-se para primeira pessoa (+EU), como comprova o uso do pronome “a gente” com verbos em P4. Em nossos dados pudemos perceber, claramente, que o pronome “a gente” herdou o traço formal do substantivo ao observar a alta frequência do pronome com P3 e, ao mesmo tempo, que existe a interpretação semântica do pronome, como comprova a

FPFS com frequência de 4% de “a gente” junto com P4 e a FPPE com frequência de 24% de uso do pronome também junto com P4. Além do pronome “nós”, essa diferença de uso do pronome “a gente” entre a FPFS e a FPPE comprova a hipótese de que a concordância e a flexão é um ponto relevante para diferenciar ambas as gramáticas.

Podemos perceber também, na tabela 20, em relação ao pronome “nós” que, ao contrário do PE, no PB é comum o uso do pronome junto de verbos flexionados em P3 e P4. Essa tendência a não obrigatoriedade na marcação que é percebida ao observar a diferença de uso do pronome “nós” entre os *corpora* da FPFS da FPVC, corrobora a hipótese de que o comportamento de uso do pronome “nós” no PB se diferem do PE por ambas as línguas apresentarem um sistema de concordância distintos.

Ao analisar a ocorrência dos pronomes de 1PP por categoria de flexão os resultados alcançados foram:

Tabela 21. Relação do sujeito de 1PP realizado lexicalmente em cada categoria de flexão verbal

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente P3	121	96%
Nós P3	5	4%
Total	126	
A gente P4	4	29%
Nós P4	10	71%
Total	14	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente P3	340	73%
Nós P3	126	27%
Total	466	
A gente P4	0	0%
Nós P4	29	100%
Total	29	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente P3	58	98%
Nós P3	1	2%
Total	59	
A gente P4	18	31%
Nós P4	41	69%
Total	59	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 21 revela uma proximidade percentual entre a FPFS e a FPPE. Com relação aos verbos flexionados em P3, “a gente” obteve 96% de frequência de uso em relação a “nós”

na FPFS; já na FPPE, esse índice de “a gente” foi de 98%. Houve semelhanças também, entre os *corpora*, relacionadas aos verbos flexionados em P4. “A gente P4” 29% e “nós P4” 71% na FPFS enquanto na FPPE “a gente P4” obteve índice de 31% e “nós P4” 69%.

A maior diferença está na FPVC em que, de acordo com os verbos flexionados em P3, “a gente” obteve índice de 73% e “nós” 27%, ao passo que houve, para a flexão P4, uso categórico de “nós”.

Os dados da tabela e as semelhanças percentuais entre os *corpora* da FPFS e da FPPE confirma a hipótese de que os pronomes de 1PP “nós” e “a gente” são possibilidades de realizações gramaticais em ambas as gramáticas (PE e PB), mas que possuem características e comportamento distintos, como pudemos perceber ao observar o comportamento do pronome “nós” e “a gente” no PE e no PB junto de verbos flexionados em P3 e P4 (tabela 20).

5.4.3 Tempo e modo verbal

Para a análise do tempo e modo verbal é necessário esclarecer que controlamos igualmente todos os tempos modos nos *corpora*, no entanto destacamos apenas os modos verbais que foram atestados em cada *corpus*.

Na análise dos pronomes de 1PP realizados lexicalmente de acordo com o tempo verbal, atestamos os resultados da tabela 22:

Tabela 22. Realização dos pronomes sujeito de 1PP explícitos com o tempo verbal

FPFS	A gente	%	Nós	%
Presente (indic. e subj.)	107	70%	11	73%
P. perfeito (indic.)	15	10%	2	13%
P. imperfeito (indic. e subj.)	31	20%	2	13%
P. mais que perfeito	0	0%	0	0%
Futuros	0	0%	0	0%
Total	153		15	
FPVC	A gente		Nós	
Presente (indic. e subj.)	236	78%	84	55%
P. perfeito (indic.)	8	3%	28	18%
P. imperfeito (Indic. e subj.)	57	19%	39	25%
P. mais que perfeito	0	0%	0	0%
Futuros (subjuntivo)	1	0%	2	1%
Total	302		153	
FPPE	A gente		Nós	

Presente (indic. e subj.)	53	70%	10	24%
P. perfeito (indic.)	7	9%	7	17%
P. imperfeito (indic.)	14	18%	25	60%
P. mais que perfeito (indic.)	2	3%	0	0%
Futuros	0	0%	0	0%
Total	76		42	

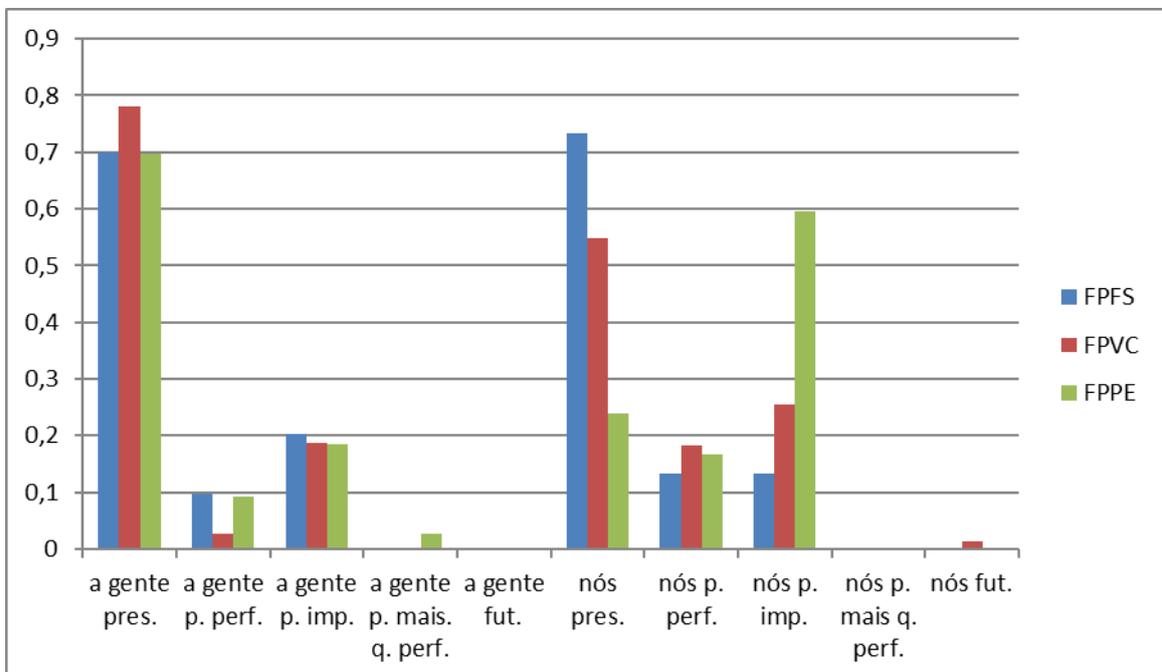
Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com a tabela 22, o tempo presente foi o mais utilizado nos *corpora* analisados, ficando em segundo lugar o pretérito imperfeito e, em seguida, o pretérito perfeito. Diferentemente do PB, a FPPE atestou também o uso de “a gente” no tempo pretérito mais que perfeito (3%).

Quanto ao pronome “nós”, houve diferença na ordem de preferência de tempo entre PB e PE. A FPPE utilizou com maior frequência o imperfeito (60%) ao invés do presente como nas variedades do PB (FPFS – 73%; FPVC – 55%). Destacamos também a diferença de uso do pretérito imperfeito entre a FPFS (13%) e a FPVC (25%).

Esses resultados estão melhor ilustrados no gráfico 7:

Gráfico 7. Realização dos pronomes sujeito de 1PP explícitos de acordo com o tempo verbal



Font

e: Elaborado pela autora

Esses resultados corroboram a hipótese de que o uso dos pronomes de 1PP estão relacionados ao tempo e modo verbal, uma vez que o tempo presente do indicativo favoreceu o uso de “a gente” nas variedades do português (exemplos 19, 20 e 21) e o tempo pretérito

imperfeito do indicativo favoreceu o uso de “nós” no PE (exemplo 22), enquanto no PB o tempo presente do indicativo foi o mais utilizado nas comunidades em relação ao pronome “nós” (exemplos 23 e 24).

A maior semelhança de uso nas variedades do português ocorreu com o pronome “a gente” diante de verbos no pretérito imperfeito do indicativo (exemplos 25, 26 e 27)

19) Doc: Cê faz o que lá?

Inf: Trabalho nessa mesma função qu’eu te disse. Eu sou armador, **a gente trabalha** em... vamo dizer tem um prédio, tão construino um prédio, aquele prédio tem aquela ferragem, **a gente monta** aquela ferragem daquele prédio. (Inq. 0150, faixa 2, homem, FPFS)

20) as vezes **a gente vai** num futebol campo grande:: trave pequena média (Inq 0032, faixa 1, homem, FPVC)

21) [...] Ora, se a gente **gasta** dinheiro! Eu nunca vou sozinha, vou sempre com uma companhia. Sou acompanhada. Não posso ir sozinha. A gente **gasta** sempre. Nem que a Caixa pague alguma coisa, mas o dinheiro que (vem assim) é o nosso. [...] (Inq. 0136, faixa 3, mulher, FPPE)

22) INF Tenho uma partezita aí de escritório. **Nós tínhamos** aqui [...] uma casa assim comprida [...] – que depois eu até demoli quando foi para fazer isto; estava assim já muito velho e eu demoli-o. [...] E então tínhamos fixado [...] uma ferramenta que nós lhe chamamos a roda de oleiro. [...] Era fixada ali [...] numa bancada – **nós tínhamos** uma bancada comprida –, era ali fixada, e por baixo levava um cepo grande. (Inq. 0223, faixa 3, homem, FPPE)

23) É, e **nós temos** que respeitar, né? e aprender a viver com defeito. Ninguém nasce sem defeito. Todos **nós temo** defeito. E o que é importante é que nós aprenda a viver, o que é importante é que a gente aprenda a viver com o defeito do outro, que se não aprender fica difícil. (Inq. 0371, faixa 3, homem FPFS)

24) Os preços ...os PREÇOS ...muitas coisas nós num ... **nós tamo** levano de frente ...minha fia (Inq. 0745, faixa 3, mulher, FPVC)

25) Nós tínhamos mais ou menos [...] as medidas que, por exemplo, **a gente fazia** vinte, ou trinta, ou quarenta, ou cinquenta blocos, [...] e depois íamos fabricar essas peças. Mais ou menos, as peças [...] era tudo um lote, tudo um lote – chamados esses os lotes –, que até mesmo depois para a venda [...] e tudo serve esse lote. Era um lote pequenino, lote médio, lote acima. (Inq. 0254, faixa 3, homem, FPPE)

26) Era uma briga de arrancar rabo. Ele me furou uma vez aqui na bunda de... com o espeto. A **gente pegava** largatixa, eu peguei um osso de canela de mocotó e joguei nele. [...] Ele também tem a marca na canela qu’eu furei ele, foi uma briga danada. **A gente brigava** demais. Ele me dava tanto tapa, eu dava tapa nele. **A gente brigava** demais, nós dois. Agora mais os outo não que a gente não foi criado, nunca brigamo, nunca tivemos discussão nenhuma. (Inq. 0260, faixa 2, mulher, FPFS)

27) **A gente brincava** de jogar bola, eu jogarra bola, nor briuncava de esconder, nor brincava de... de ... is... é negócio que eles falarra pa pai Rafael ah vai dar bença fulano, nós ia (Inq. 0169, faixa 1, homem, FPVC)

A Tabela 23 ilustra a distribuição dos tempos verbais nos *corpora* analisados:²⁶

Tabela 23. Distribuição dos tempos verbais nos dados com pronomes sujeito de IPP

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente/nós (presente)	118	70%
A gente/nós (p. perfeito)	17	10%
A gente/nós (p. imperfeito)	33	20%
A gente/nós (p. mais que perfeito)	0	0%
A gente/nós (futuros)	0	0%
Total	168	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente/nós (presente)	320	70%
A gente/nós (p. perfeito)	36	8%
A gente/nós (p. imperfeito)	96	21%
A gente/nós (p. mais que perfeito)	0	0%
A gente/nós (futuros)	3	1%
Total	455	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente/nós (presente)	63	53%
A gente/nós (p. perfeito)	14	12%
A gente/nós (p. imperfeito)	39	33%
A gente/nós (p. mais que perfeito)	2	2%
A gente/nós (futuros)	0	0%
Total	118	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 23 mostra certa regularidade dos *corpora* na distribuição dos tempos. Em todas as variedades, a ordem das frequências segue igual: o tempo presente é o mais frequente seguido do imperfeito. O pretérito perfeito está em terceiro lugar enquanto as demais formas ocorrem com pouca frequência ou não ocorrem nos *corpora*.

Ao separar os pronomes sujeitos de IPP de acordo com os tempos verbais, obtivemos os resultados apresentados na tabela 24:

²⁶ Nesta tabela e nas duas seguintes (tabela 24 e 25) não destacamos os modos verbais, mas são os mesmos indicados, em cada tempo, na tabela 22, e posteriormente, na tabela 26.

Tabela 24. Relação do total dos pronomes sujeito de IPP de acordo com os tempos verbais realizados lexicalmente

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente (presente)	107	64%
A gente (p. perfeito)	15	9%
A gente (p. imperfeito)	31	18%
A gente (p. mais que perfeito)	0	0%
A gente (futuros)	0	0%
Nós (presente)	11	7%
Nós (p. perfeito)	2	1%
Nós (p. imperfeito)	2	1%
Nós (p. mais que perfeito)	0	0%
Nós (futuros)	0	0%
Total	168	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente (presente)	236	52%
A gente (p. perfeito)	8	2%
A gente (p. imperfeito)	57	13%
A gente (p. mais que perfeito)	0	0%
A gente (futuros)	1	0%
Nós (presente)	84	18%
Nós (p. perfeito)	28	6%
Nós (p. imperfeito)	39	9%
Nós (p. mais que perfeito)	0	0%
Nós (futuros)	2	0%
Total	455	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente (presente)	53	45%
A gente (p. perfeito)	7	6%
A gente (p. imperfeito)	14	12%
A gente (p. mais que perfeito)	2	2%
A gente (futuros)	0	0%
Nós (presente)	10	8%
Nós (p. perfeito)	7	6%
Nós (p. imperfeito)	25	21%
Nós (p. mais que perfeito)	0	0%
Nós (futuros)	0	0%
Total	118	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 24 mostra certa regularidade na distribuição dos tempos entre os *corpora* e confirma a diferença em relação a preferência de tempo do PE quanto ao uso do pronome “nós”; nesta variedade o tempo imperfeito lidera o ranqueamento do uso do pronome com

21%. Com exceção do uso do pronome "nós", no PE, a distribuição dos tempos se mantêm na mesma proporção e ranqueamento para a ocorrência tanto do pronome "a gente" quanto do pronome "nós". Em todas as variedades o pronome mais utilizado foi o "a gente" e o tempo mais utilizado foi o presente – 64% de “a gente” com verbos no presente na FPFS; 52% na FPFS e 45% na FPPE.

Para a categoria tempo, vimos a distribuição dos tempos pelos pronomes; a tabela 25 faz a relação oposta, verificando a proporção dos pronomes em cada tempo:

Tabela 25. Os pronomes “a gente” e “nós” realizados lexicalmente de acordo com cada categoria de tempo verbal

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente (presente)	107	91%
Nós (presente)	11	9%
Total	118	
A gente (p. perfeito)	15	88%
Nós (p. perfeito)	2	12%
Total	17	
A gente (p. imperfeito)	31	94%
Nós (p. imperfeito)	2	6%
Total	33	
A gente (p. mais que perfeito)	0	0%
Nós (p. mais que perfeito)	0	0%
Total	0	
A gente (futuros)	0	0%
Nós (futuros)	0	0%
Total	0	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente (presente)	236	74%
Nós (presente)	34	26%
Total	320	
A gente (p. perfeito)	8	22%
Nós (p. perfeito)	28	78%
Total	36	
A gente (p. imperfeito)	57	59%
Nós (p. imperfeito)	39	41%
Total	96	
A gente (p. mais que perfeito)	0	0%
Nós (p. mais que perfeito)	0	0%
Total	0	
A gente (futuros)	1	33%
Nós (futuros)	2	67%
Total	3	

FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente (presente)	56	84%
Nós (presente)	10	16%
Total	63	
A gente (p. perfeito)	7	50%
Nós (p. perfeito)	7	50%
Total	14	
A gente (p. imperfeito)	14	36%
Nós (p. imperfeito)	25	64%
Total	39	
A gente (p. mais que perfeito)	2	100%
Nós (p. mais que perfeito)	0	0%
Total	2	
A gente (futuros)	0	0%
Nós (futuros)	0	0%
Total	0	

Fonte: Elaborada pela autora

Ao observar a tabela 25, confirma-se maior uso de "a gente" nos tempos presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito na FPFS, não sendo registrado apenas em tempos que não são recorrentes na língua portuguesa.

Os dados revelam particularidades da FPVC e da FPPE. Na FPVC, houve variação na preferência de uso dos pronomes de acordo com o tempo verbal. "A gente" foi a escolha preferida junto de verbos no presente (74%) e no pretérito imperfeito (59%); enquanto "nós" foi mais utilizado junto de verbos no pretérito perfeito (78%) e futuros (67%)²⁷.

Já na FPPE, os tempos verbais que favoreceram o uso de "a gente" foram: presente (84%) e pretérito mais que perfeito (100%). Verbos no pretérito imperfeito favoreceram o uso de "nós" (64%). Em relação ao pretérito perfeito a distribuição de uso dos pronomes entre os falantes das comunidades foi bastante equilibrada (50%), sugerindo que o tempo perfeito não é favorecedor do pronome em PE como as tabelas 23 e 24 deixam supor.

Considerando a expressão morfológica dos termos, postulamos que este fator, relacionado ao uso dos pronomes, pode nos dar pistas para compreender a(s) gramática(s) em jogo na variação. Todavia, mais peças precisam ser colocadas no quebra cabeças.

Rubio (2012), em seus resultados referentes ao PB atestou, em relação aos pronomes "a gente" e "nós" no tempo presente (indicativo e subjuntivo), frequência de 83,7% e 16,3% respectivamente. Para o tempo pretérito perfeito (indicativo) a frequência dos pronomes

²⁷ Todavia o tempo futuro foi muito pouco utilizado, não podendo este resultado ser considerado.

foram 56,4% e 43,6%; e quanto ao tempo pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo) a frequência de “a gente” e “nós” foi de 75,3% e 24,4% respectivamente.

Com relação aos resultados do PE, o mesmo autor, para uso dos pronomes “a gente” e “nós”, obteve frequência de 40,8% e 59,2% no tempo presente respectivamente; 40,4% e 59,6% para uso dos pronomes no pretérito perfeito; e frequência de 45,7% e 54,3% para uso de “a gente” e “nós” no pretérito imperfeito respectivamente.

É importante verificar as ocorrências de sujeito de 1PP não realizado lexicalmente. A tabela 26 apresenta esse resultado:

Tabela 26. Realização dos pronomes implícitos e explícitos de acordo com o tempo verbal

FPFS	A gente	%	Nós	%	Nulo	%
Presente (indic. e subj.)	121	66%	12	75%	6	38%
P. perfeito (indic.)	20	11%	2	13%	10	63%
P. imperfeito (indic. e subj.)	43	23%	2	13%	0	0%
P. mais que perfeito	0	0%	0	0%	0	0%
Futuros	0	0%	0	0%	0	0%
Total	184		16		16	
FPVC	A gente		Nós		Nulo	
Presente (indic. e subj.)	268	77%	91	53%	5	28%
P. perfeito (indic.)	10	3%	36	21%	13	72%
P. imperfeito (indic. e subj.)	68	20%	45	26%	0	0%
P. mais que perfeito	0	0%	0	0%	0	0%
Futuros (subj.)	1	0%	2	1%	0	0%
Total	346		172		18	
FPPE	A gente		Nós		Nulo	
Presente (indic. e subj.)	53	66%	12	22%	19	31%
P. perfeito (indic.)	7	9%	10	19%	22	36%
P. imperfeito (indic.)	17	21%	31	57%	18	30%
P. mais que perfeito (indic.)	3	4%	1	2%	0	0%
Futuros (subj.)	0	0%	0	0%	2	3%
Total	80		54		61	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 26 confirma que o pronome “a gente” no tempo presente foi o mais utilizado nas variedades do português. A FPFS e a FPPE apresentaram a mesma frequência de uso do pronome “a gente” no tempo presente com frequência de 66% e a FPVC 77% de uso do mesmo pronome e tempo verbal.

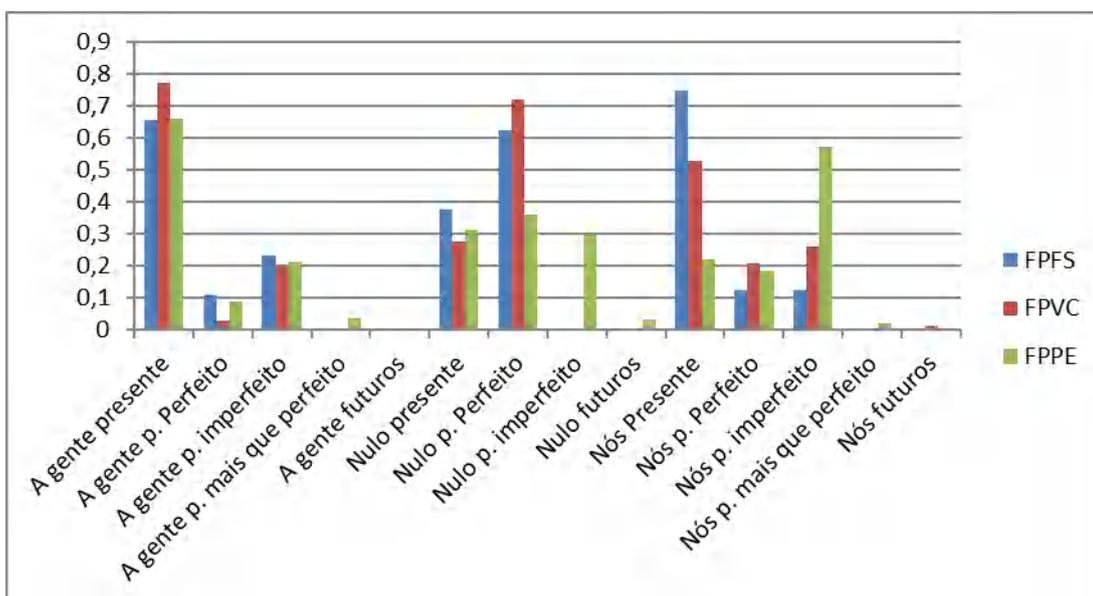
Diante do pronome “nós”, houve variação de preferência de uso entre PB e PE. Verbos no tempo presente foram os mais utilizados pelas comunidades do PB juntamente com o pronome. Na FPFS o percentual de uso de “nós presente” foi de 75% e na FPVC o percentual de uso de “nós presente” foi de 53%. Já na FPPE, o tempo verbal mais utilizado pela comunidade foi o pretérito imperfeito diante do pronome “nós” com percentual de 57% em relação aos outros tempos verbais analisados.

O que se destaca nessa tabela é o uso de “nulos” na FPFS e na FPVC. A frequência de uso é semelhante e acontece apenas com verbos no tempo presente e no tempo pretérito perfeito. A FPFS obteve frequência de 38% diante de “nulo presente” e frequência de 63% diante de “nulo pretérito perfeito” e a FPVC obteve frequência de 28% diante de “nulo presente” e 72% diante de “nulo pretérito perfeito”.

Todavia, o uso de “nulos” se apresenta diferente na FPPE, pois diferentemente das variedades do PB, no PE além do sujeito nulo de 1PP ocorrer com os tempos verbais presente (31%) e pretérito perfeito (36%), ocorre também com o pretérito imperfeito (30%), apontado para uma diferença importante, uma vez que este tempo é morfossintaticamente distinto dos demais. Enquanto o presente e o pretérito perfeito são realizados por um único paradigma flexional que amalgama as noções de tempo, modo, aspecto, pessoa e número, o tempo pretérito imperfeito realiza estas noções por meio de dois paradigmas flexionais, um para tempo, modo e aspecto, outro para pessoa e número (VILLALVA, 2003).

O gráfico 8 mostra mais claramente como ficaram esses resultados:

Gráfico 8. Realização dos pronomes implícitos e explícitos de acordo com o tempo verbal



Fonte: Elaborado pela autora

A estrutura com “nulo pretérito imperfeito”, não apareceu na FPFS e na FPVC, mas aparece constantemente na FPPE (exemplo **28**), o que pode ser mais uma evidência de que se trata de gramática distinta. No PB costuma-se preencher o sujeito diante de verbos no pretérito imperfeito (exemplos **29** e **30**).

28) INF Ainda fizemos assim dois anos. Mas depois começámos a ver que **tínhamos** muito mais lucros a tratar de tomate e arroz que **tínhamos** [...] na oficina de olaria e pensámos [...] em abandonar a oficina. E abandonámos. Hoje já há cerca de vinte cinco, vinte seis anos – não tenho bem, bem isso coiso, mas deve ser isso, tudo, aí uns vinte e seis anos, com certeza. (Inq. 0217, faixa 3, homem, FPPE)

29) Doc: E as brincadeiras naquele tempo como é que era?
Inf: Era, sempre era boa, não era ruim, não era ruim. Só que também **a gente vacilava** também, os corao chegava, sapecava, entendeu? (Inq. 0179, faixa 2, mulher, FPFS)

30) Um campo de futebol. E esse campo foi [inint], como se diz ali, a menina que mora ali ao lado. E aí **nós pagava** o aluguel, [inint] associação comunitária, associação comunitária, a primeira associação criada pelo MOC foi aqui na Matinna. O sindicato, todo mundo do sindicato é daqui da Matinha. (Inq. 0387, faixa 3, homem, FPFS)

Postulamos, inspiradas em Villalva (2003), que, além do presente, o pretérito perfeito é o contexto em que a morfologia "MOS" se mantém fortemente no PB, por este morfema nestes tempos carregar os traços de tempo, modo e aspecto, além dos traços de pessoa e número. A próxima subsecção trará mais resultados neste sentido.

5.4.4 Tempo e flexão verbal

Fizemos também a relação conjunta dos pronomes sujeitos de 1PP realizados e não realizados lexicalmente de acordo com o tempo e a flexão verbal e obtivemos os resultados apresentados na tabela 27:

Tabela 27. Realização conjunta dos pronomes “a gente”, “nós” e “nulos” de acordo com o tempo e flexão verbal

FPFS	P3	%	P4	%
Presente	121	66%	16	53%
P. perfeito	18	10%	14	47%
P. imperfeito	45	24%	0	0%
P. mais que perfeito	0	0%	0	0%
Futuros	0	0%	0	0%
Total	184		30	
FPVC	P3		P4	
Presente	327	68%	35	66%
P. perfeito	41	8%	18	34%
P. imperfeito	113	23%	0	0%
P. mais que perfeito	0	0%	0	0%
Futuros	3	1%	0	0%
Total	484		53	
FPPE	P3		P4	
Presente	48	76%	36	27%
P. perfeito	2	3%	37	28%
P. imperfeito	12	19%	54	41%
P. mais que perfeito	1	2%	3	2%
Futuros	0	0%	2	2%
Total	63		132	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 27 mostra que o tempo presente foi o mais utilizado nos *corpora* diante de verbos flexionados em P3 e P4, com exceção da FPPE que diante de verbos flexionados em P4 utilizou mais o tempo no pretérito imperfeito (41%).

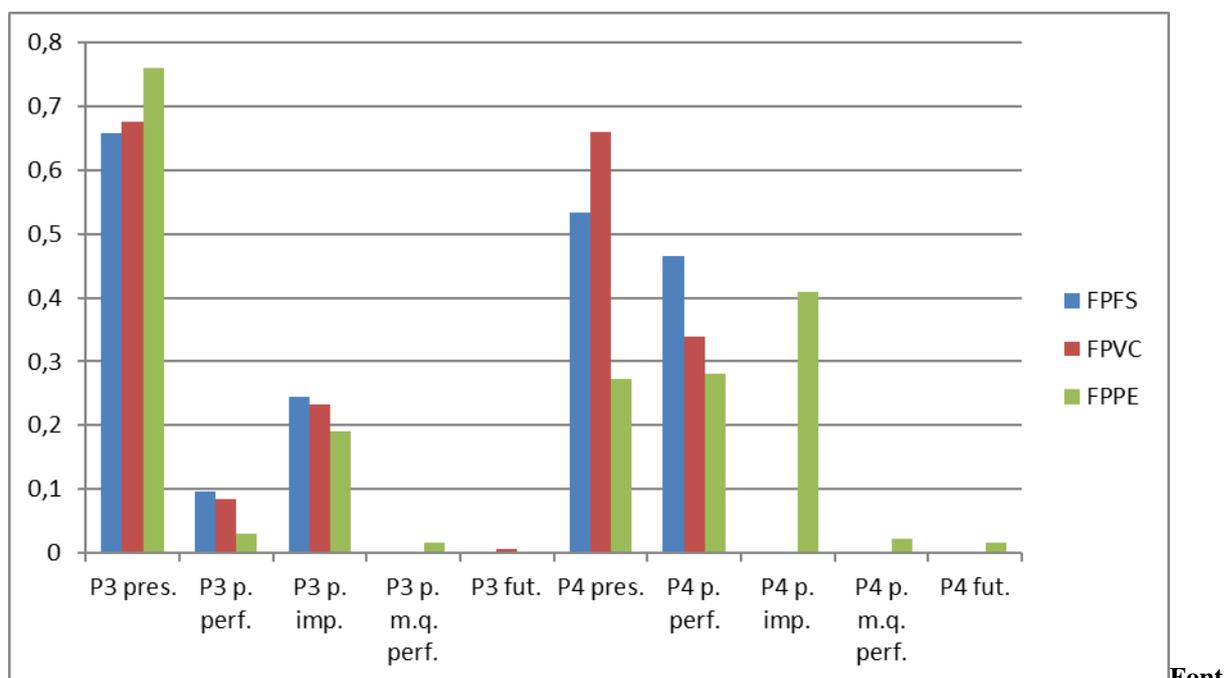
Esses resultados confirmam a hipótese de que a morfologia P4 é favorecida pelos tempos presente e pretérito perfeito em PB e não em PE. Uma vez que, em PE, a maior produtividade de P4 está com o tempo imperfeito, podemos postular que, ao contrário do PB, o uso do morfema “MOS” não está condicionado ao tempo; isto é, como no PB a morfologia P4 é atestada apenas no presente e no pretérito perfeito o tempo se caracteriza como forte. Assim, em verbos como “falamos” ou “comemos” uma única morfologia (MOS) carrega noções de tempo, modo, aspecto, pessoa e número; e, é o fato de esse mesmo morfema não estar presente em outros tempos verbais que vai caracterizar uma concordância fraca no PB.

No PE, P4 é atestado em todos os tempos, fato que sugere tempo e concordância fortes nessa língua. Assim, em verbo como “amávamos”, a morfologia “MOS” também é atestada em tempos em que o paradigma morfológico de tempo é separado do paradigma morfológico

de concordância, ou seja, em *amávamos* é a morfologia “VA” que vai carregar noções de tempo modo e aspecto, enquanto “MOS” irá carregar noções de pessoa e número.

O gráfico 9 ilustra os resultados apresentados na tabela 27:

Gráfico 9. Realização conjunta dos pronomes “a gente”, “nós” e “nulos” de acordo com o tempo e flexão verbal



e: Elaborado pela autora

No PB costuma-se utilizar tanto os pronomes “a gente” como os pronomes “nós” junto de verbos flexionados em P3 (exemplo 31), já no PE o uso de “nós” geralmente acontece junto de verbos flexionados em P4 (exemplo 32) indicando, mais uma vez, a diferença entre a gramática do PE e a gramática do PB.

31) É, e nós temos que respeitar, né? e aprender a viver com defeito. Ninguém nasce sem defeito. Todos nós temo defeito. E o que é importante é que **nós aprenda** a viver, o que é importante é que **a gente aprenda** a viver com o defeito do outro, que se não aprender fica difícil. (Inq. 0372, faixa 3, homem, FPFS)

32) Mesmo para se transportar depois da roda [...] para os lugares de enxugo. **Nós** depois **tínhamos** uma casa grande ali atrás com bancadas – assim no género desta estante – não é? –, mas era tudo em madeira –, aonde secava a louça. Que a louça depois também não... (Inq. 249, faixa 3, homem, FPPE)

Ao analisarmos, separadamente, o total dos pronomes de 1PP de acordo com os tempos verbais e com as flexões, encontramos os resultados apresentados na tabela 28:

Tabela 28. Relação do total de sujeitos de 1PP de acordo com o tempo e a flexão verbal

FPFS	Ocorrência	Frequência
Presente P3	121	57%
Pret. perfeito P3	18	8%
Pret. imperfeito P3	45	21%
Pret. mais que perfeito P3	0	0%
Futuros P3	0	0%
Presente P4	16	7%
Pret. perfeito P4	14	7%
Pret. imperfeito P4	0	0%
Pret. mais que perfeito P4	0	0%
Futuros P4	0	0%
Total	214	
FPVC	Ocorrência	Frequência
Presente P3	327	61%
Pret. perfeito P3	41	8%
Pret. imperfeito P3	113	21%
Pret. mais que perfeito P3	0	0%
Futuros P3	3	1%
Presente P4	35	7%
Pret. perfeito P4	18	3%
Pret. imperfeito P4	0	0%
Pret. mais que perfeito P4	0	0%
Futuros P4	0	0%
Total	537	
FPPE	Ocorrência	Frequência
Presente P3	48	25%
Pret. perfeito P3	2	1%
Pret. imperfeito P3	12	6%
Pret. mais que perfeito P3	1	1%
Futuros P3	0	0%
Presente P4	36	18%
Pret. perfeito P4	38	19%
Pret. imperfeito P4	54	28%
Pret. mais que perfeito P4	3	2%
Futuros P4	1	1%
Total	195	

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com os resultados da tabela 28, em relação aos outros tempos e flexões verbais, os pronomes sujeitos de 1PP diante de verbos flexionados em P3 obtiveram maiores frequência de uso na FPFS e na FPVC com percentagem de 57% e 61% respectivamente.

Ambas as comunidades obtiveram a mesma frequência diante de verbos no “pretérito imperfeito P3” (21%).

Na FPPE, a frequência maior de uso se atribuiu aos verbos no pretérito imperfeito flexionados em P4 com percentagem de 28%. As comunidades obtiveram também boa frequência de uso diante de verbos no “presente P3” (25%), no “presente P4” (18%) e no “pretérito perfeito P4” (19%) em relação aos outros tempos e flexões.

Separamos também, por categoria de tempo, os verbos flexionados em P3 e P4. Os resultados se encontram na tabela 29:

Tabela 29. Relação dos pronomes sujeitos de 1PP de acordo com cada categoria de tempo

FPFS	Ocorrência	Frequência
Presente P3	121	88%
Presente P4	16	12%
Total	137	
Pretérito perfeito P3	18	56%
Pretérito perfeito P4	14	44%
Total	32	
Pretérito imperfeito P3	45	100%
Pretérito imperfeito P4	0	0%
Total	45	
Pretérito mais que perfeito P3	0	0%
Pretérito mais que perfeito P4	0	0%
Total	0	
Futuros P3	0	0%
Futuros P4	0	0%
Total	0	
FPVC	Ocorrência	Frequência
Presente P3	327	90%
Presente P4	35	10%
Total	362	
Pretérito perfeito P3	41	69%
Pretérito perfeito P4	18	31%
Total	59	
Pretérito imperfeito P3	113	100%
Pretérito imperfeito P4	0	0%
Total	113	
Pretérito mais que perfeito P3	0	0%
Pretérito mais que perfeito P3	0	0%
Total	0	
Futuros P3	3	100%
Futuros P4	0	0%
Total	3	

FPPE	Ocorrência	Frequência
Presente P3	48	57%
Presente P4	36	43%
Total	84	
Pretérito perfeito P3	2	5%
Pretérito perfeito P4	38	95%
Total	40	
Pretérito imperfeito P3	12	18%
Pretérito imperfeito P4	54	82%
Total	66	
Pretérito mais que perfeito P3	1	25%
Pretérito mais que perfeito P4	3	75%
Total	4	
Futuros P3	0	0%
Futuros P4	1	100%
Total	1	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 29 mostra que os verbos no tempo presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito junto de verbos flexionados em P3 foram preferência de uso das comunidades do PB diante dos pronomes de 1PP. Houve também ocorrência, na FPVC, de verbos no tempo futuro junto de verbos flexionados em P3. Diferencia-se aqui o uso da FPPE em que, com exceção do “presente P3” (57%), a preferência de uso das comunidades diante dos outros tempos verbais foi junto de verbos flexionados em P4.

Chamamos a atenção para o uso do pretérito perfeito e o uso do pretérito imperfeito no PB e no PE. Podemos perceber uma clara distinção quanto à flexão dos verbos utilizados por cada comunidade distinta.

Há uma distribuição equilibrada quanto ao uso dos pronomes de 1PP diante de verbos no pretérito perfeito no PB. Nesse sentido, a FPFS apresenta frequência de 56% de “pretérito perfeito P3” e frequência de 44% de “pretérito perfeito P4”, ao passo que a FPVC apresenta frequência de 69% de “pretérito perfeito P3” e frequência de 31% de “pretérito perfeito P4”.

Na FPPE a forma de uso dos pronomes de 1PP se inverte em relação às comunidades do PB quanto ao uso do pretérito perfeito. O “pretérito perfeito P4” é o mais utilizado na FPPE diante dos pronomes de 1PP com frequência de 95% enquanto o uso dos pronomes de 1PP diante de verbos no “pretérito perfeito P3” obteve frequência de apenas 5%.

Quanto ao uso do pretérito imperfeito, no PB, houve frequência de uso categórico dos pronomes de 1PP diante de verbos no “Pretérito imperfeito P3” (100%). Já na FPPE as comunidades utilizaram mais os pronomes de 1PP diante de verbos no “pretérito imperfeito

P4” com frequência de 82% e fizeram uso menor dos pronomes diante de verbos no “pretérito imperfeito P3” com frequência de 18%.

Separamos os sujeitos de 1PP de acordo com o tempo e flexão, como mostra a tabela 30. Ao relacionar tempo e flexão, verificamos que P4, nas variedades do PB, aqui consideradas, acontece exclusivamente nos tempos presente e pretérito perfeito, corroborando nossa hipótese. Assumindo como concordância a presença da morfologia P4, estamos de acordo que o morfema “MOS”, por ser um amálgama de tempo e concordância, sobrevive no PB sendo categoria de tempo forte e a concordância fraca nessa língua. No PE, P4 é atestado em todos os tempos, fato que sugere uma concordância forte nessa língua.

Tabela 30: Uso de cada sujeito de 1PP de acordo com o tempo e flexão

FPFS		A gente	%	Nós	%	Nulo	%
Presente	P3	117	64%	3	19%	0	0%
	P4	2	1%	9	56%	5	33%
P. perfeito	P3	18	10%	0	0%	0	0%
	P4	2	1%	2	13%	10	67%
P. imperfeito	P3	43	24%	2	13%	0	0%
	P4	0	0%	0	0%	0	0%
P. mais que perfeito	P3	0	0%	0	0%	0	0%
	P4	0	0%	0	0%	0	0%
Futuros	P3	0	0%	0	0%	0	0%
	P4	0	0%	0	0%	0	0%
Total		182		16		15	
FPVC		A gente	%	Nós	%	Nulo	%
Presente	P3	199	75%	47	32%	0	0%
	P4	0	0%	20	13%	5	28%
P. perfeito	P3	9	3%	31	21%	0	0%
	P4	0	0%	5	3%	13	72%
P. imperfeito	P3	58	22%	44	30%	0	0%

	P4	0	0%	0	0%	0	0%
P. mais que perfeito	P3	0	0%	0	0%	0	0%
	P4	0	0%	0	0%	0	0%
Futuros	P3	0	0%	2	1%	0	0%
	P4	0	0%	0	0%	0	0%
Total		266		149		18	
FPPE		A gente	%	Nós	%	Nulo	%
Presente	P3	48	60%	0	0%	0	0%
	P4	5	6%	12	22%	19	31%
P. perfeito	P3	2	3%	0	0%	0	0%
	P4	5	6%	10	19%	23	38%
P. imperfeito	P3	11	14%	1	2%	0	0%
	P4	6	8%	30	56%	18	30%
P. mais que perfeito	P3	1	1%	0	0%	0	0%
	P4	2	3%	1	2%	0	0%
Futuros	P3	0	0%	0	0%	0	0%
	P4	0	0%	0	0%	1	2%
Total		80		54		61	

Fonte: Elaborada pela autora

Ao separar os sujeitos de 1PP de acordo com o tempo e flexão, atestamos que o tempo presente foi mais utilizado diante dos pronomes “nós” e “a gente” no PB, diferenciando-se a flexão do verbo diante do pronome “nós”. Na FPFS, o uso do pronome “nós” foi mais utilizado diante de verbos flexionados em P4 (56%), já na FPVC o uso do pronome foi mais utilizado diante de verbos flexionados em P3 (32%).

O tempo pretérito perfeito nas variedades do PB parece favorecer o sujeito nulo (FPFS 67%; FPVC 72%, todos os casos com P4). Fato que também corrobora a hipótese de que a permanência do morfema “MOS” na língua com concordância fraca e, conseqüentemente, a

possibilidade do sujeito nulo de primeira menção, relaciona-se com a estrutura morfológica que amalgama tempo e concordância.

Contudo, ao contrário do PB, no PE atesta-se o morfema “MOS” (P4) também nos tempos em que o paradigma morfológico de tempo é separado do paradigma morfológico de concordância: o pretérito imperfeito, o mais que perfeito e o futuro, corroborando, assim, a hipótese de que o uso das formas pronominais de 1PP no PE caracteriza-se por um paradigma de tempo e concordância fortes, distinto do PB.

5.4.5 Saliência fônica

Fizemos análise da variável saliência fônica, segundo a classificação usada por Rubio (2012), e percebemos ser esse um fator importante para o condicionamento de uso dos pronomes de 1PP como mostra a tabela 31:

Tabela 31. Saliência Fônica

FPFS	A gente	Frequência	Nós	Frequência	Nulo	Frequência
Esdrúxula	47	25%	2	13%	0	0%
Máxima	5	3%	0	0%	0	0%
Média	26	14%	4	25%	14	88%
Mínima	108	58%	10	63%	2	13%
Total	186		16		16	
FPVC	A gente		Nós		Nulo	
Esdrúxula	68	17%	44	25%	0	0%
Máxima	8	2%	17	10%	1	6%
Média	57	14%	46	26%	14	78%
Mínima	263	66%	72	40%	3	17%
Total	396		179		18	
FPPE	A gente		Nós		Nulo	
Esdrúxula	20	25%	32	59%	16	26%
Máxima	11	14%	0	0%	3	5%
Média	9	11%	9	17%	20	33%
Mínima	40	50%	13	24%	22	36%
Total	80		54		61	

Fonte: Elaborada pela autora

Podemos perceber, pela tabela 31, que os mesmos níveis de saliência tiveram preferência de uso nas comunidades do PB junto dos sujeitos de 1PP “nós”, “a gente” e

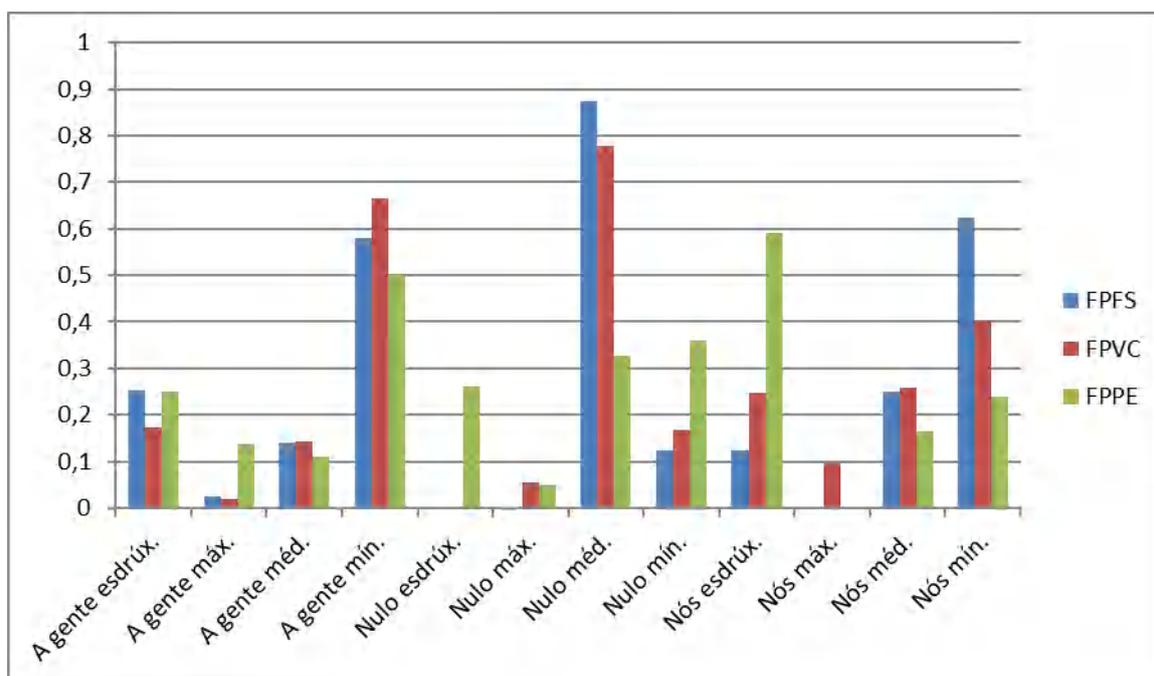
“nulo”. Nesse sentido, a FPFS atestou maior uso do pronome “a gente” e “nós” diante de verbos com saliência mínima, obtendo frequência de 58% e 63% respectivamente, e de “nulo” diante de verbos com saliência média, obtendo frequência de 88%; a FPVC atestou mais os pronomes “a gente” e “nós” diante de verbos com saliência mínima obtendo frequência de 66% e 40% respectivamente, e fez maior uso de “nulo” diante de verbos com saliência média obtendo frequência de 78%.

No PE, com exceção do pronome “a gente”, houve diferenças nos níveis de saliência que influenciaram o uso dos sujeitos de 1PP (“nós” e nulo) em relação ao PB. O pronome “nós” obteve 59% de frequência de uso, nas comunidades, diante de verbos com saliência esdrúxula, 36% se atribuiu aos “nulos” com verbos em nível de saliência mínima e 50% de uso do pronome “a gente” diante de verbos com níveis de saliência mínima.

Com relação ao uso de sujeitos nulos, na FPPE houve frequência de uso bastante considerável (26%) junto de verbos com nível de saliência esdrúxula. Nos *corpora* do PB não foi atestado esse nível de saliência com sujeito nulo. Esses resultados comprovam que a saliência fônica é um fator importante que diferencia o uso dos sujeitos de 1PP no PB e no PE.

O gráfico 10 ilustra melhor os resultados apresentados na tabela:

Gráfico 10. Saliência Fônica



Font

e: Elaborado pela autora

Abaixo seguem alguns exemplos de ocorrências encontradas de acordo com o nível de saliência esdrúxula (exemplo 33), máxima (exemplo 34), média (exemplo 35) e saliência mínima (exemplos 36 e 37).

33) INF Tenho uma partezita aí de escritório. Nós **tínhamos** aqui [...] uma casa assim comprida [...] – que depois eu até demoli quando foi para fazer isto; estava assim já muito velho e eu demoli-o. [...] E então tínhamos fixado [...] uma ferramenta que nós lhe chamamos a roda de oleiro. [...] Era fixada ali [...] numa bancada – nós **tínhamos** uma bancada comprida –, era ali fixada, e por baixo levava um cepo grande. (inq. 0223, faixa 3, homem, FPPE)

34) INQ1 E depois que enchidos é que faz?

INF Fazemos linguças. [...] Alguns chamam-lhe chouriços. **A gente é** linguças. [...] **A gente** aqui **é** linguças.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E é as farinheiras – com as gorduras, com as banhas, um bocadinho da banha, pomos por exemplo, um bocadinho da banha branca, manteiga branca. [...] E as morcelas. Chamam-lhe eles aí para... Daqui para baixo é o chouriço preto. A gente aqui não é. **A gente** aqui **é** as morcelas.

INQ1 Lá na minha terra também é morcela. (Inq.0155, faixa 3, mulher, FPPE)

35) Doc: E por que não deu certo assim.

Inf: Eu num sei. Que a gente foi... **namoremo** jovens. E aí **fiqemo, criemo** família e depois não sei o que aconteceu porque ela queria qu'eu ficasse aqui nesse local, nesse local aqui é ruim pra arrumar o sustento. [...] Aí quando ela chegou ficou ainda um tempo lá em casa pr'ela arrumar lugar p'ela ficar, qu'ela mora num lugar, a mãe dela já faleceu, só tinha o pai. Aí deu um tempo e aí aconteceu esse lance que não deu pra gente ficar. (Inq. 0171, faixa 2, homem, FPFS)

36) Doc: Qual a que dá mais trabalho?

Inf: A mandioca.

Doc: Por quê?

Inf: A gente **pranta**, depois que pranta tem que limpar ela, sempre cultivano ela, até ela ficar num estado da pessoa colher. (Inq. 0153, faixa 2, homem, FPFS)

37) A mãe sempre que é bom pu fí né? A merma coisa é u pai, é, nós **compartilha** beim. (Inq. 0090, faixa 1, homem, FPVC)

Rubio (2012) ao investigar a alternância pronominal dos pronomes de 1PP, em relação ao fator Saliência fônica, atestou frequências que favorecem o uso de “a gente” em relação a “nós” no PB. Nesse sentido, a saliência esdrúxula obteve frequência de 75,8%; saliência máxima 58,2%; saliência média 59,1% e saliência mínima 88,8% junto do pronome “a gente”.

Na nossa pesquisa, ao observar apenas o uso de “nós” e “a gente” nos dados, assim como nos resultados de Rubio (2012), o pronome “a gente” foi favorecido em todos os níveis de saliência na FPFS; também na FPVC, com exceção do pronome “nós” diante do nível de saliência médio, todos os outros níveis de saliência também favoreceram o uso de “a gente”.

Com relação ao PE, Rubio (2012) obteve maior frequência de uso do pronome “nós” em todos os níveis de saliência. Junto do pronome “nós”, a frequência encontrada para o nível de saliência esdrúxula foi de 53,5%, saliência máxima 66,7%, saliência média 63,1% e saliência mínima 56,6%.

Em nossos resultados, referentes aos dados do PE, também observando apenas o uso de “nós” e “a gente”, somente no nível de saliência esdrúxula houve maior ocorrência do pronome “nós”. Diante do nível de saliência média, o número de ocorrências foram os mesmos (9 ocorrências). Quanto às saliências máxima e mínima o pronome “a gente” foi o mais utilizado.

Analizamos também os pronomes sujeitos de 1PP de acordo com a categoria dos níveis de saliência fônica. A tabela 32 mostra os resultados encontrados:

Tabela 32. Relação dos pronomes sujeitos de 1PP de acordo com cada categoria de saliência

FPFS	Ocorrências	Frequências
A gente (esdrúxula)	47	96%
Nulo (esdrúxula)	0	0%
Nós (esdrúxula)	2	4%
Total	49	
A gente (máxima)	5	100%
Nulo (máxima)	0	0%
Nós (máxima)	0	0%
Total	5	
A gente (média)	26	59%
Nulo (média)	14	32%
Nós (média)	4	9%
Total	44	
A gente (mínima)	108	90%
Nulo (mínima)	2	2%
Nós (mínima)	10	8%
Total	120	
FPVC	Ocorrências	Frequência
A gente (esdrúxula)	68	61%
Nulo (esdrúxula)	0	0%
Nós (esdrúxula)	44	39%
Total	112	
A gente (máxima)	8	31%
Nulo (máxima)	1	4%
Nós (máxima)	17	65%
Total	26	
A gente (média)	57	49%
Nulo (média)	14	12%

Nós (média)	46	39%
Total	117	
A gente (mínima)	263	78%
Nulo (mínima)	3	1%
Nós (mínima)	72	21%
Total	338	
FPPE	Ocorrências	Frequência
A gente (esdrúxula)	20	29%
Nulo (esdrúxula)	16	24%
Nós (esdrúxula)	32	47%
Total	68	
A gente (máxima)	11	79%
Nulo (máxima)	3	21%
Nós (máxima)	0	0%
Total	14	
A gente (média)	9	24%
Nulo (média)	20	53%
Nós (média)	9	24%
Total	38	
A gente (mínima)	40	53%
Nulo (mínima)	22	29%
Nós (mínima)	13	17%
Total	75	

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com a tabela 32, a maior variação de uso dos pronomes de 1PP de acordo com os níveis de saliência fônica aconteceu na FPPE. Houve maior frequência de uso do pronome “nós” diante de verbos com níveis de saliência esdrúxula (47%), do “nulo” diante de verbos com níveis de saliência média (53%), e do pronome “a gente” diante de verbos com níveis de saliência máxima (79%) e mínima (53%).

Na PFPS todos os níveis de saliência foram mais utilizados junto do pronome “a gente” que obteve frequência diante de verbos com níveis de saliência esdrúxula de 96%, de saliência máxima 100%, de saliência média 59% e de saliência mínima 90%.

Já na FPVC os níveis de saliência esdrúxula, média e mínima foram mais utilizados junto de “a gente” com percentagem de 61%, 49% e 78% respectivamente, enquanto o nível de saliência máxima obteve maior frequência de uso junto do pronome “nós” com 65%.

A tabela 32, assim como a anterior (tabela 31), atesta o uso de sujeitos nulos com saliência esdrúxula apenas na FPPE, dando a entender que ser esse nível de saliência possui características importantes que diferencia a gramática do PE e do PB.

5.4.6 Grau de determinação do referente

Ao analisar o grau de determinação do referente, encontramos os seguintes resultados:

Tabela 33. Grau de determinação do referente

FPFS	A gente	%	Nós	%	Nulo	%
Genérico e indefinido	58	19%	6	23%	1	6%
Genérico e definido	164	54%	11	42%	7	41%
Específico e definido (homem)	18	6%	1	4%	0	0%
Específico e definido (mulher)	4	1%	1	4%	0	0%
Específico e definido (misto)	57	19%	7	27%	9	53%
Total	301		26		17	
FPVC	A gente		Nós		Nulo	
Genérico e indefinido	138	35%	22	12%	1	6%
Genérico e definido	87	22%	45	25%	0	0%
Específico e definido (homem)	59	15%	23	13%	1	6%
Específico e definido (mulher)	19	5%	5	3%	4	22%
Específico e definido (misto)	97	24%	84	47%	12	67%
Total	400		179		18	
FPPE	A gente		Nós		Nulo	
Genérico e indefinido	37	31%	7	11%	7	9%
Genérico e definido	62	52%	57	88%	57	74%
Específico e definido (homem)	7	6%	1	2%	11	14%
Específico e definido (mulher)	6	5%	0	0%	0	0%
Específico e definido (misto)	7	6%	0	0%	2	3%
Total	119		65		77	

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela 33 deixa claro que, em relação aos outros tipos de referentes, contextos de referente “genérico e definido” diante dos sujeitos de IPP “a gente”, “nós” e “nulo” obtiveram maior frequência de uso na FPPE.

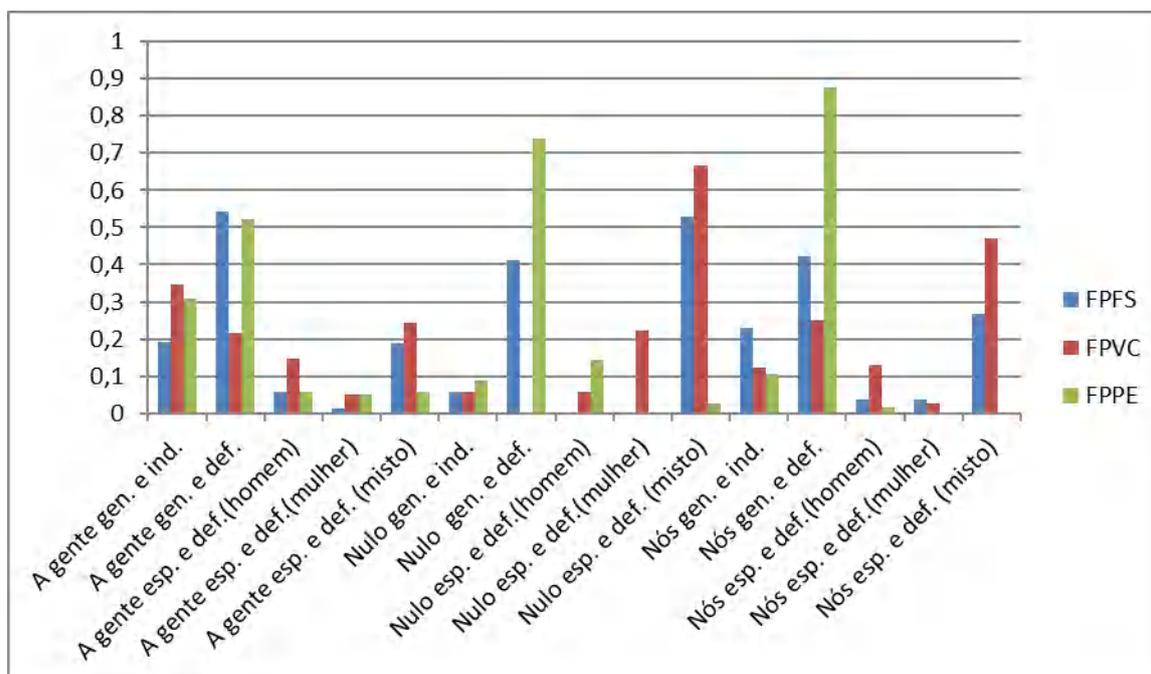
Os contextos mais utilizados na FPFS foram os de referentes “genérico e definido” com frequência de 54% diante do pronome “a gente” e 42% diante do pronome “nós” e “específico e definido misto” com 53% diante dos “nulos”.

Na FPPE, contextos de referentes “genérico e definido” obtiveram frequência de 52% diante do pronome “a gente”, 74% diante dos “nulos” e 88% diante do pronome “nós”.

Já na FPVC, o pronome “a gente” com contextos de referentes “genéricos e definidos” obtiveram frequência de 35%. Diante dos “nulos” e do pronome “nós” houve maior uso em contextos de referentes “específicos e definidos (misto)” com frequências de 67% e 47% respectivamente em relação aos outros tipos de referentes.

O gráfico 11 ilustra os resultados encontrados na tabela anterior:

Gráfico 11. Grau de determinação do referente



Font

e: Elaborado pela autora

Rubio (2012), ao investigar a alternância pronominal dos sujeitos de 1PP “nós” e “a gente”, atestou, no PB, maior frequência de uso do pronome “a gente” diante de referentes genérico e indefinido (86,5%), genérico e definido (74,7%) e específico e definido (68,9%). Encontramos, assim como Rubio (2012) em relação ao PB, no que se refere aos pronomes “nós” e “a gente”, maior vantagem do pronome “a gente” em todos os referentes analisados.

Com relação ao PE, o mesmo autor obteve frequência maior de uso do pronome “nós” em relação ao pronome “a gente” diante de referentes genérico e indefinido (77,2%) e

genérico e definido (59,9%). Quanto ao referente específico e definido, o pronome “a gente” obteve uma pequena vantagem percentual (51,9%).

Ao observar o uso dos pronomes “nós” e “a gente”, nossos resultados, referentes ao PE, atestaram um número maior de ocorrências do pronome “a gente”. Contudo essa vantagem foi pequena em relação ao referente genérico e definido (5 ocorrências a mais), que representa uma frequência percentual de 52% de uso de “a gente”.

Ao separar os pronomes de 1PP de acordo com a categoria do grau de referente encontramos os resultados representados na tabela 34:

Tabela 34. Relação dos pronomes de 1PP de acordo com cada categoria de referente

FPFS	Ocorrências	Frequência
A gente (genérico e indefinido)	58	89%
Nulo (genérico e indefinido)	1	2%
Nós (genérico e indefinido)	6	9%
Total	65	
A gente (genérico e definido)	164	90%
Nulo (genérico e definido)	7	4%
Nós (genérico e definido)	11	6%
Total	182	
A gente (específico e definido – homem)	18	95%
Nulo (específico e definido – homem)	0	0%
Nós (específico e definido – homem)	1	5%
Total	19	
A gente (específico e definido – mulher)	4	80%
Nulo (específico e definido – mulher)	0	0%
Nós (específico e definido – mulher)	1	20%
Total	5	
A gente (específico e definido – misto)	57	78%
Nulo (específico e definido – misto)	9	12%
Nós (específico e definido – misto)	7	10%
Total	73	
FPVC	Ocorrências	Frequência
A gente (genérico e indefinido)	138	86%
Nulo (genérico e indefinido)	1	1%
Nós (genérico e indefinido)	22	14%
Total	161	
A gente (genérico e definido)	87	66%
Nulo (genérico e definido)	0	0%
Nós (genérico e definido)	45	34%
Total	132	
A gente (específico e definido – homem)	59	71%
Nulo (específico e definido – homem)	1	1%

Nós (específico e definido – homem)	23	28%
Total	83	
A gente (específico e definido – mulher)	19	68%
Nulo (específico e definido – mulher)	4	14%
Nós (específico e definido – mulher)	5	18%
Total	28	
A gente (específico e definido – misto)	97	50%
Nulo (específico e definido – misto)	12	6%
Nós (específico e definido – misto)	84	44%
Total	193	
FPPE	Ocorrências	Frequência
A gente (genérico e indefinido)	37	73%
Nulo (genérico e indefinido)	7	14%
Nós (genérico e indefinido)	7	14%
Total	51	
A gente (genérico e definido)	62	35%
Nulo (genérico e definido)	57	32%
Nós (genérico e definido)	57	32%
Total	176	
A gente (específico e definido – homem)	7	37%
Nulo (específico e definido – homem)	11	58%
Nós (específico e definido – homem)	1	5%
Total	19	
A gente (específico e definido – mulher)	6	100%
Nulo (específico e definido – mulher)	0	0%
Nós (específico e definido – mulher)	0	0%
Total	6	
A gente (específico e definido – misto)	7	78%
Nulo (específico e definido – misto)	2	22%
Nós (específico e definido – misto)	0	0%
Total	9	

Fonte: Elaborada pela autora

Como pode ser observado na tabela 34, no PB, todos os referentes obtiveram maior frequência de uso diante do pronome “a gente”, contudo na FPFS a frequência de uso foi superior à FPVC. A frequência de uso da FPFS diante do pronome “a gente” com referente “genérico e indefinido” foi de 89%, “genérico e definido” 90%, “específico e definido homem” 95%, “específico e definido mulher” 80% e “específico e definido misto” 78%. Já na FPVC a frequência de uso diante do pronome “a gente” com referente “genérico e indefinido” foi de 86%, “genérico e definido” 66%, “específico e definido homem” 71%, “específico e definido mulher” 68% e “específico e definido misto” 50%.

Diante do pronome “nós”, com exceção do referente “específico e definido mulher” na FPFS (20%), a FPVC foi que obteve maior frequência de uso do pronome em relação aos

outros referentes analisados no PB. No entanto, é importante ressaltar que o número de ocorrências do pronome “nós” na FPVC foi superior ao número de ocorrências do mesmo pronome na FPFS.

Na FPPE, com exceção do referente “específico e definido homem” diante dos sujeitos “nulos” (58%), todos os outros referentes também foram mais utilizados junto do pronome “a gente”. Os “nulos” também obtiveram alta frequência diante dos referentes “genéricos e indefinidos” (14%), “genéricos e definidos” (32%) e “específicos definidos mistos” (22%), atestando mais uma vez as diferenças de gramática entre PB e PE e comprovando a hipótese de que o grau de determinação do referente influencia e/ou justifica o uso dos pronomes de 1PP.

5.4.7 Faixa etária

Levando-se em consideração que a mudança gramatical ocorre no curso da aquisição e que são observadas nos dados em variação progressiva na linha do tempo de uma língua (KROCH, 2003), analisamos também o fator social Faixa Etária. A tabela 35 mostra os resultados encontrados:

Tabela 35: Faixa etária

FPFS	A gente	%	Nós	%
Faixa 1	76	40%	3	14%
Faixa 2	91	48%	9	43%
Faixa 3	23	12%	9	43%
Total	190		21	
FPVC	A gente	%	Nós	%
Faixa 1	153	44%	40	25%
Faixa 2	93	27%	67	43%
Faixa 3	98	28%	50	32%
Total	344		157	
FPPE	A gente	%	Nós	%

Faixa 1	18	17%	10	20%
Faixa 2	40	37%	9	18%
Faixa 3	49	46%	31	62%
Total	107		50	

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com a tabela 35, no PB houve variação no uso dos pronomes de 1PP. Na FPFS os informantes da Faixa 2 estão utilizando mais o pronome “a gente” (48%) e as Faixas 2 e 3 estão utilizando igualmente o pronome “nós” (43%), enquanto na FPVC o pronome “a gente” está sendo mais utilizado pela Faixa 1(44%) e o pronome “nós” está sendo mais utilizado pela Faixa 2 (43%); a Faixa 3 obteve 32% de uso do pronome.

Na FPPE tanto o pronome “a gente” quanto o pronome “nós” obtiveram maior frequência de uso na faixa 3 (46% e 62% respectivamente). O uso dos pronomes de 1PP “a gente” e “nós” está diminuindo na FPPE entre os mais jovens. A tabela abaixo (36) mostra mais claramente a diferença de uso dos pronomes no PB e no PE:

Tabela 36: Relação do total dos pronomes de 1PP de acordo com a faixa etária

FPFS	Ocorrência	Frequência
A gente faixa 1	76	36%
A gente faixa 2	91	43%
A gente faixa 3	23	11%
Nós faixa 1	3	1%
Nós faixa 2	9	4%
Nós faixa 3	9	4%
Total	211	
FPVC	Ocorrência	Frequência
A gente faixa 1	153	31%
A gente faixa 2	93	19%
A gente faixa 3	98	20%
Nós faixa 1	40	8%

Nós faixa 2	67	13%
Nós faixa 3	50	10%
Total	501	
FPPE	Ocorrência	Frequência
A gente faixa 1	18	11%
A gente faixa 2	40	25%
A gente faixa 3	49	31%
Nós faixa 1	10	6%
Nós faixa 2	9	6%
Nós faixa 3	31	20%
Total	157	

Fonte: Elaborada pela autora

Observando a tabela 36, podemos perceber que na FPFS o pronome “a gente” foi mais utilizado na faixa 2 (43%), seguido da faixa 1(36%) e em terceiro lugar ficou a faixa 3 (11%). O pronome “nós” foi mais utilizado nas faixas 2 e 3 (4%).

Na FPVC o pronome “a gente” foi mais utilizado na faixa 1 (31%), seguido da faixa 3 (20%) e em terceiro lugar ficou a faixa 2 (19%). O pronome “nós” foi mais utilizado na faixa 2 (13%).

Na FPPE o pronome “a gente” foi mais utilizado na faixa 3 (31%), seguido da faixa 2 (25%) e em terceiro lugar a faixa 1(11%). O pronome “nós” foi mais utilizado na faixa 3 (20%), seguido das faixas 1 e 2 (6%).

Destacamos aqui o uso de “a gente”, cujo pronome obteve, na faixa 3, menor uso em PB e uso maior em PE.

Rubio (2012), ao analisar dados do PB referentes ao interior paulista, observou que a forma “a gente” está sendo mais utilizada entre os mais jovens (86% para faixa de 16 a 25 anos; 77,6% para faixa de 26 a 35 anos) em relação a “nós” com a mesma faixa etária. Em nossos resultados, ao observar o uso dos pronomes de 1PP em cada faixa etária, pelo número de ocorrências, podemos perceber que o pronome “a gente” foi o mais utilizado em relação ao pronome “nós”.

Com relação ao PE, Rubio (2012) observou uma diminuição gradativa do uso de “a gente”, e consequentemente um aumento do uso de “nós”, partindo da menor para a maior idade (52,2%, de “a gente” para mais de 55 anos; 45,2%, para 36 a 55 anos; 36,7%, para 26 a 35 anos; e 35,5%, para 16 a 25 anos). Nossos resultados referentes ao PE também mostraram perda gradual do uso de “a gente” entre os mais jovens.

Esses resultados mostram que há diferença de uso dos pronomes entre PB e PE nos *corpora* analisados de acordo com a faixa etária, confirmando a hipótese de que os pronomes “nós” e “a gente” possuem características distintas, embora sejam possibilidades gramaticais de realização em ambas as gramáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pronomes “nós” e “a gente” são bastante utilizados tanto no PE quanto no PB como comprovam as análises quantitativas dos resultados. Neste tipo de análise, é possível também perceber semelhanças e diferenças quantitativas quanto ao uso dos pronomes nas variedades do português. Esses resultados já conseguem dar pistas de que há diferença de gramática envolvendo o PE e o PB. Contudo, através da análise qualitativa é possível perceber melhor em que consiste essa diferença.

O sujeito nulo de primeira menção mostrou ser um ponto de grande diferença entre as gramáticas do PE e do PB, já que no PB, costuma-se usar com mais frequência o sujeito preenchido ou, em alguns casos, o nulo de segunda menção.

Os resultados aqui encontrados corroboram a hipótese de que os pronomes “nós” e “a gente”, no PB, são caracterizados por um paradigma flexional e um sistema de concordância distintos PE, cuja variação dos pronomes de 1PP são possibilidades gramaticais de realização desses pronomes em ambas as gramáticas, como ficou atestado na análise da concordância verbal (flexão).

Houve também variação na forma de uso dos pronomes no PB entre a FPVC e a FPVC. O que mais se destacou foi o uso do pronome “nós”. Na FPVC, além de se utilizar com maior frequência esse pronome do que na FPFS o pronome “nós” é mais utilizado na comunidade concordando com verbos flexionados em P3. Já na FPFS, o uso do pronome “nós” foi menor e os verbos flexionaram tanto em P3 quanto em P4, sendo este último o mais frequente. Nossos resultados sugerem uma modelagem da variação no uso dos pronomes que corrobora a hipótese de que a variação encontrada no Brasil: 1) ora reflete uma única gramática que possui pronomes “nós” e “a gente”, 2) ora reflete a competição de gramáticas percebida em uma variação no uso de um sistema pronominal característico do PB com um sistema próprio do PE. Ambos os sistemas possuem os pronomes "nós" e "a gente", porém com propriedades morfossintáticas distintas para cada gramática. Não obstante, esse assunto carece de pesquisa muito mais robusta e profunda que não cabe em uma dissertação de mestrado.

Ao analisar o tempo verbal, ficou sugerido que o tempo presente e o passado perfeito do modo indicativo favorecem a presença do morfema de 1PP (-MOS) por possuírem um paradigma flexional que amalgama as noções de tempo, modo, aspecto, pessoa e número, confirmando nossa hipótese. O cruzamento dos fatores tempo e flexão também ajudou a confirmar essa hipótese, além de atestar no PE o morfema MOS (P4) nos tempos em que o

paradigma morfológico de tempo é separado do paradigma morfológico de concordância, como comprovou nossos resultados ao atestar a presença do morfema no tempo pretérito imperfeito, mais que perfeito e o futuro, corroborando a hipótese de que o uso das formas pronominais de 1PP “nós” e “a gente”, no PE, caracteriza-se por um paradigma de tempo e concordância fortes, distinto do PB.

O fator saliência fônica também se mostrou importante quanto à distinção da gramática do PB e do PE, com destaque para a saliência esdrúxula diante dos “nulos”, em que foi atestada uso somente no PE.

Quanto ao fator grau de referente, o nível de referente genérico e definido obteve maior frequência de uso no PE junto dos sujeitos “a gente”, “nós” e nulos, enquanto no PB houve variação de níveis: na FPFS “a gente” e “nós” foram mais utilizados em contextos de referentes genérico e definido e “nulo” em contextos de referentes específicos e definidos (misto); já FPVC “a gente” foi mais utilizado em contextos de referentes genérico e indefinido, “nós” e “nulo” em contextos de referentes específicos e definidos (misto).

A faixa etária também apresentou diferenças entre os *corpora*, especialmente quanto ao uso de “a gente” na faixa 3. No PB o uso do pronome nessa faixa etária foi menor, invertendo-se no PE, cuja forma de uso se apresentou maior no *corpus* analisado.

Dessa forma, as variáveis analisadas se mostraram significativas para dar pistas de que entre a gramática do PE e do PB existe uma clara distinção, contudo o tema ainda carece de mais investigação.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. *Grammatica secundaria da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos. [s/d]. 325 p.
- ALMEIDA, N. L. F.; CARNEIRO, Z. O. N. (Org.). *Coleção amostras da língua falada no semi-árido baiano*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.
- AULETE, F. J. C. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. Disponível em: < <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26034>>. Acesso em 05/03/2017.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- BORGES, P. R.S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 2004. 208f. Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CARVALHO, D. S.; BRITO, D. B. S.; SEDRINS, A. P. *Referência de primeira pessoa e anáfora em português brasileiro*. Prelo: Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL, volume 16, n. 30, 2018.
- CAMARA JR, J. M.. *Estrutura da língua portuguesa*. 363. ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2004. Disponível em: < <https://ffclm.files.wordpress.com/2013/04/estrutura-da-lc3adngua-portuguesa-joaquim-mattoso-camara-jr.pdf>>. Acesso em 15/08/2016.
- CHOMSKY, N. *Linguagem e mente*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CHOMSKY, N. *O Programa Minimalista*. Massachusetts Institute of Thecnology – Cambridge, Massachusetts, USA, 1995.
- CIPRO NETO, P. *Gramatica de língua portuguesa*. / Pasquale e Ulisses. São Paulo: Scipione, 1998.
- CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (A. M. Martins, coord.). disponível em < <http://www.clul.ulisboa.pt/en/11-resources/313-cordial-sin-corpus-normalized-transcription>].
- CUNHA, A. G. et. al. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S/A, 1976.
- CUNHA, C. *Nova gramática do português contemporâneo*. – 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Roberts, I.; Kato, M. A. (Org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. 1995. 151f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas – SP, 1995.

DUARTE, M. E. L. et al. *Geometria de traços e distribuição de pronomes sujeito em PE e em PB*. Paper presented at the 3rd Workshop do Projecto PE-PB. Lisboa, September 23-25, 2002.

DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos (p. 115-128). In M. C. Paiva & M. E. L. Duarte. (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

DUARTE, I. O problema da unificação em Linguística: a resposta generativista. In: MOURA, D.; FARIAS, J. (Org.). *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: EDUFAL, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=BcTuW_skEe8C&pg=PA15&dq>. Acesso em 21/04/2017.

FERREIRA, A. B. H. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FIGUEIREDO, C. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1913. Disponível em: <<http://www.dicionario-aberto.net/dict.pdf>>. Acesso em 05/02/2017.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 387-408.

GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GALVES, C. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: CASTILHO, A; TORRES MORAES, M. A; LOPES, R. V.; CYRINO, S. M. L. (Org.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas, Pontes, 2007, p. 513-528.

GALVES, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C.; NAMIUTI, C. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa 2005, in: ENDRUSCHAT, A; KEMMLER, R.; SCHAFER-PRIEB, B. (Org.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.

GUIMARÃES, M. Sintaxe Minimalista. In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. (Org.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 27-49.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KATO, M.; TARALLO, F. Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALAN, C. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTA, M. E. T. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, v.1, p. 127-140.

KENEDY, E. Sintaxe Gerativa In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. (Org.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

KROCH, A. *Mudança sintática*. University of Pennsylvania, 2003.

LIGHTFOOT, D. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden: Blackwell/Maryland lectures in language and cognition, 1999.

LOPES, C. R. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. 181f. Tese de Doutorado – UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, C. R. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, vol. 18, 2003.

LUCCHESI, D. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROßE, S.; ZIMMERMANN, K. (Ed.). *“Substandard” e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p.73-100.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v.17, n.1, p. 97-130, 2001.

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 457-469.

MARTINS, A. M. *Clíticos na história do português*. Tese de doutorado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MARTINS, M. A. *Variação e mudança na sintaxe como competição de gramáticas*. Revista Investigações, Vol. 22, n. 2, Julho/2009.

NAMIUTI, C. *Orientação da pesquisa de VIEIRA, A. S. O*. 2012. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista, 2014.

NAMIUTI, C. *Orientação da pesquisa de SILVA, J. M. J*. 2017. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista, 2018.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999, p. 26-37.

OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.) *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 185 – 215.

- PEREIRA, E. C. *Grammatica expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.
- PEREIRA, E. C. *Gramatica historica*. 2. ed. São Paulo: Secção de Obras do Estado de S. Paulo, 1919.
- PEREIRA, S. M. B. *Gramática Comparada de a gente: variação no Português Europeu*. 2003. 142p. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Linguística Comparada. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- PONTES, E. Da importância do tópico em português. In: *Encontro Nacional de Linguística*. V, 1980. Anais. Rio de Janeiro, PUV, 1981.
- RIBEIRO, I. *O sujeito nulo referencial no português popular brasileiro – século XIX*, ms., Universidade Federal da Bahia, 2008.
- RIBEIRO, J. *Grammatica portuguesa: 3º anno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C. , 1889.
- RIBEIRO, J. *Grammatica portuguesa*. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.
- ROBERTS, I. *Verbs and diachronic syntax: a comparative history of English and French*. Dordrecht: Kluwer, 1993.
- RODRIGUES, A. C. S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. 259f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. 392 f. Tese de doutorado – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012.
- SANTANA, A. M. B. *Nós e a gente: um retrato do Português de Salvador*. 2014. 114f. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.
- SANTIAGO ALMEIDA, M. M. *Dicionário livre da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2011. 720 p.
- SILVA, A. M. *Diccionario da língua portuguesa*. 4. ed. Lisboa, 1813. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=GI8MAQAAMAAJ&printsec=frontcover&dq>>. Acesso em: 02/03/2017.
- SÓRIA, M. V. P. *Nós, a gente e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural*. 2013. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.
- TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

- VASCONCELOS, C. M. de. *Lições de filologia portuguesa: segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13*. Lisboa: Edição da Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa, 1946.
- VIEIRA, A. S. O. *Nós e a gente: um estudo sobre a sintaxe do Português Brasileiro*. 2014. 71f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, 2014.
- VIEIRA, A. S. O.; NAMIUTI, C. Um estudo preliminar sobre o “a gente”: origem e uso. *Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR, 2012.
- VIEIRA, A. S. O.; NAMIUTI, C.; LEITE, C. M. B. *Revisitando a gramaticalização do “a gente”*. VII Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2012.
- VILLALVA, A. *Aspectos morfológicos da gramática do português*. In: Maria Helena Mateus et al. *Gramática do Português*. Lisboa: Caminho, 2003. P. 917-983.
- VITRAL, L. *Structure de la Proposition et Syntaxe du Mouvement en Portugais Brésilien*. Thèse de doctorat nouveau régime: Université Paris VIII, 1992.